

DÁBINI DANTAS SOARES

**A FORÇA DAS FOLHAS NO CANDOMBLÉ: ESTUDO ETNOBOTÂNICO NA
PRÁTICA RELIGIOSA DE MATRIZ AFRICANA EM CAMPO GRANDE - MS**

DOURADOS

2024

DÁBINI DANTAS SOARES

**A FORÇA DAS FOLHAS NO CANDOMBLÉ: ESTUDO ETNOBOTÂNICO NA
PRÁTICA RELIGIOSA DE MATRIZ AFRICANA EM CAMPO GRANDE - MS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como requisito parcial para a obtenção de título de Mestra em Educação e Territorialidade.

Área de Concentração: Políticas Públicas e Educação.

DOURADOS

2024

Ficha catalográfica

A ficha catalográfica é elaborada pela biblioteca da Universidade.

Orientações serão enviadas pela secretaria após a defesa.

DÁBINI DANTAS SOARES

**A FORÇA DAS FOLHAS NO CANDOMBLÉ: ESTUDO ETNOBOTÂNICO NA
PRÁTICA RELIGIOSA DE MATRIZ AFRICANA EM CAMPO GRANDE - MS**

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E TERRITORIALIDADE

Aprovada em 15 de março de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora:

Raquel Alves de Carvalho (Dra., UFGD)

2º Examinadora:

Lauriene Seraguza Olegário e Souza (Dra., UFGD).

3º Examinadora:

Edir Neves Barboza (Dra., UFGD).

À minha família e amigos, aos Orixás e ao Mestre Irineu.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os Orixás por abrir meus caminhos, e me direcionar na jornada da vida, trazendo discernimento e luz na minha caminhada, e por me entregar proteção e auxílio.

Agradeço ao Mestre Raimundo Irineu Serra, por ser um professor de fina maestria, que me ensina a trilhar um percurso de busca por conhecimento e aprendizado constante, e com sua trajetória terrena se tonou minha grande inspiração, com seu dom de curandeiro, um verdadeiro alquimista da Floresta.

Agradeço o apoio da minha família nos meus estudos: minha mãe, Luciene Dantas Feitosa e meu pai, Antenor Fernandes Soares.

Agradeço ao brotinho de amor dentro do meu ventre, nessa nova fase me trazendo força e alegria, e ao meu querido companheiro Paulo Almérico Lemos de Oliveira, que me apoiou e me trouxe amor e zelo neste processo de escrita.

Ao querido e honrado interlocutor Babalorixá Robson Facioli, por sua maestria ao repassar seus conhecimentos e sua trajetória, assim como a confiança que entregou a este estudo, tornando-o possível.

À querida e honrada Ialorixá Solange Aparecida Xavier, por sua maestria em partilhar seu saber e apresentar sua narrativa de vida, e por entregar confiança neste trabalho, contribuindo também com a possibilidade deste estudo ser realizado.

À minha orientadora Raquel Alves Carvalho, por sua refinada empatia, seu auxílio prontamente presente para a execução deste trabalho, por seu acompanhamento na estrutura textual e pelas trocas valiosas através de seu olhar amoroso para esta pesquisa.

À querida Laura Jane Gislotti, uma irmã do meu coração que me acolheu no suporte para a escrita do pré-projeto e da sua formulação, assim como me apresentou autores e periódicos de estudo fino.

Às amigas e irmãs da minha jornada espiritual e de vida, que desde o início me deram suporte e força para seguir neste caminho: Luana Vaz de Cordeiro e Ana Paula Duchini.

Ao meu querido amigo Saulo Conde Fernandes, que desde a finalização da minha graduação me incentivou a dar continuidade nos estudos, e também à sua mãe Aparecida Conde, que sempre me apoiou a voltar a estudar.

Ao meu querido amigo Wagner Torres, que já estava no programa (PPGET) e me trouxe orientações importantes para ingressar no mesmo e que se alegrou comigo quando adentrei no mestrado, assim como foi um amigo presente em toda a graduação.

Ao meu querido amigo Vitor Cabral, que sempre me acompanhou desde a graduação em 2011 até então e, como um excelente professor, sempre me auxiliou quando surgia alguma dúvida nas produções textuais do mestrado.

Aos meus queridos do PPGET, um verdadeiro encontro de alma com a querida Luciana Lima, ao apoio e carinho do Valdinei e Welbia durante o mestrado.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior), pela bolsa de estudos que permitiu maior dedicação para a construção da pesquisa.

À FAIND/UFGD e ao corpo docente e funcionários do PPGET, que possibilitaram a concretização desta capacitação de mestrado.

“Nós somos o começo, o meio e o começo. Nossas trajetórias nos movem, nossa ancestralidade nos guia.”

Antônio Bispo dos Santos

RESUMO

Este projeto teve por objetivo disseminar o sincretismo sobre as plantas que compõem o barracão, apresentando sua cosmovisão, e trazer visibilidade às comunidades afrodescendentes que têm como prática cultural religiosa de Matriz Africana o Candomblé, dentro do município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Obtivemos através das coletas de dados apresentadas por nossos queridos interlocutores, Iyá Solange e Bábá Robson, as formas de manifestação das plantas e sua atuação dentro da ritualística, sua finalidade nas cerimônias, a cosmovisão socioambiental dos povos de Matriz Africana e as plantas que compõem o barracão, assim como os avanços e enfrentamentos do seguimento do Candomblé, o estudo se estende às formas de combate ao racismo estrutural dentro da sociedade com a educação e a cultura como ferramenta de ação para o combate ao racismo religioso. A metodologia aplicada foi na coleta da narrativa histórica oral, através de diálogos sobre as reflexões lançadas. Assim, a diversidade e os saberes da comunidade de Matriz Africana têm sua potência, um presente ao se oportunizar ser um aprendiz da vida e da medicina ancestral, e com isso, fluímos para o conhecimento sobre a força das plantas dentro da ritualística, sua simbologia e cosmologia, adentrando essas camadas para acessar a linguagem etnobotânica dessa comunidade tradicional ancestral.

Palavras-Chave: Candomblé. Etnobotânica. Cosmovisão.

ABSTRACT

This study aimed to disseminate syncretism about the plants that make up the shed, presenting its cosmovision, and bring visibility to Afro-descendant communities, whose religious cultural practice of the African Matrix is Candomblé, within the municipality of Campo Grande, Mato Grosso do Sul (MS). We obtained, through data collection presented by our dear interlocutors, Iyá Solange and Bábá Robson, the forms of manifestation of plants and their performance within rituals, their purpose in ceremonies, the socio-environmental worldview of the people of the African Matrix, and the plants that make up the shed, as well as the advances and confrontations of following Candomblé, the study extends to ways of combating structural racism in society with education and culture, as an action tool to combat religious racism. The methodology applied was in the collection of oral historical narrative, through dialogue about the reflections launched. Thus, the diversity and knowledge of the community of African Matrix, has its power, a gift when given the opportunity, to be an apprentice of life, and of ancestral medicine, with this, we flow to knowledge about the strength of plants within ritualistics, its symbology and cosmology, delving into these layers to access the ethnobotanical language of this traditional ancestral community.

Keywords: Candomblé. Ethnobotany. Worldview.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Iyá Solange Aparecida Xavier.....	27
Figura 2 - Babalorixa Jil Alessandro d' Ibo com Iyá Solange Aparecida Xavier.....	28
Figura 3 - Brasão do ILE SOLA IYA OMI LEGBE ITA ODE.....	28
Figura 4 - Espaço Interno do Barracão preparado para uma cerimônia.....	31
Figura 5 - Iyá Solange Aparecida Xavier recebendo uma homenagem do Fórum Permanente das Religiões de Matriz Africana (F.P.R.M.A.M.S).....	33
Figura 6 - Médiuns Integrantes do ILE SOLA IYA OMI LEGBE ITA ODE.....	38
Figura 7 - Iyá Solange Aparecida Xavier com Babalorixa Jil Alessandro d' Ibo.....	49
Figura 8 - Babalorixá Robson Faciroli no “Ilé Àse Ógiyian Oluodo”.....	51
Figura 9 - Brasão do “Ilé Àse Ógiyian Oluodo”.....	52
Figura 10 - Fórum Permanente das Religiões de Matriz Africana de Mato Grosso do Sul....	53
Figura 11 - Emblema da escola de Samba “O Templo”.....	55
Figura 12 - Representação do instrumento Atabaque no Axé Taquarussu.....	58
Figura 13 - Participantes do Espaço Cultural O Templo.....	61
Figura 14 - Babalorixá Robson Faciroli com a imagem do Pai Oxalá no Axé Taquarussu....	64
Figura 15 - Roda de conversa após o ensaio.....	80
Figura 16 - Trabalho sendo realizado no Axé Taquarussu.....	85
Figura 17 - Ritual de preto velho, nomeado Canjerê.....	88
Figura 18 - Trabalho sendo realizado no Ilé Àse Ógiyian Oluodo.....	109

SUMÁRIO

1 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	18
2 DEFINIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA TRAJETÓRIA DA CULTURA DE MATRIZ AFRICANA E A CONEXÃO COM A ETNOBOTÂNICA.....	23
3 TRAJETÓRIAS E SABERES DA CULTURA DE MATRIZ AFRICANA: AS NARRATIVAS SOCIOAMBIENTAIS E A ONTOLOGIA DA PALAVRA MACUMBA. .	26
3.1 MANUTENÇÃO DA SOCIOBIODIVERSIDADE DENTRO DA COSMOLOGIA DE MATRIZ AFRICANA.....	29
3.2 A ONTOLOGIA DA PALAVRA MACUMBA: ANCESTRALIDADE E ESSÊNCIA	43
3.3 A ONTOLOGIA DA PALAVRA MACUMBA: OLHARES EXTERNOS E IMPACTO SOCIAL.....	44
4 A CULTURA DE MATRIZ AFRICANA E SUA IMPORTÂNCIA NO MEIO CULTURAL E EDUCACIONAL.....	50
4.1 MOVIMENTO CULTURAL: UMA VIA QUE CONTRIBUI COM A COMUNIDADE CANDOMBLECISTA NO CONTEXTO SOCIAL.....	54
4.2 A EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA DE AÇÃO E TRANSFORMAÇÃO E SEUS IMPACTOS NA CULTURA DE MATRIZ AFRICANA.....	67
5 O SINCRETISMO DAS PLANTAS NO CANDOMBLÉ DENTRO DE UM ESTUDO ETNOBOTÂNICO.....	82
5.1 O SINCRETISMO DAS PLANTAS QUE COMPÕEM O BARRACÃO, ESTUDO ETNOBOTÂNICO.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	113

INTRODUÇÃO

Trazendo à luz da escrita um pouco da minha história e percurso de vida, compartilho parte da linha temporal até o ponto da minha entrada novamente na universidade, do mesmo modo um pouco sobre meus processos pessoais até esse momento que marca um novo ciclo na minha caminhada.

Sou natural de Dourados, no estado de Mato grosso do Sul (MS), minha família inteira reside neste município, meus pais sempre trabalharam como autônomos e conseguiram nos passar bons preceitos mesmo não dando continuidade na carreira acadêmica, me apoiaram quando decidi percorrer essa escolha.

Quando estava no último ano do ensino médio comecei a pensar em fazer a faculdade, tentei entrar em um curso de Nutrição, assim que terminei os estudos, não consegui passar no processo seletivo, por um lado eu não me importei tanto pois percebi que não estava fazendo minha escolha, então resolvi optar pelo curso que desejava verdadeiramente aprender, o estudo de toda forma de vida, a faculdade de Biologia.

Durante a faculdade estive em vários movimentos estudantis e participei de muitas assembleias e construções de pautas necessárias para os estudantes e para a nossa universidade, participando das viagens e congressos dos conselhos dos estudantes, paralelo ao curso me envolvi com o movimento estudantil militando em favor dos direitos dos estudantes e de melhores condições.

Na minha trajetória acadêmica, em paralelo à militância, enquanto cursava Biologia na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), busquei por um tempo trabalhar com a linha de pesquisa que mais me identificava, o reino vegetal, dentro de um Laboratório de Restauração Ambiental. Com isso, busquei disciplinas que incrementassem esse estudo, indo para plantas medicinais e conhecendo um pouco da Etnobotânica, onde acabei por me encontrar, reverberando assim dentro do meu ser um desejo de fazer um mestrado nesta linha de pesquisa.

Quando finalizei os estudos de graduação fui morar no município de Campo Grande (MS), acreditava fielmente que ao sair com meu diploma logo conseguiria um emprego na minha área de estudo, mas me deparei com as portas fechadas dentro da realidade do mercado de trabalho, não tinha conseguido construir uma gama de experiências, levando em consideração que dentro do meu período de curso passamos por duas greves e estávamos sempre regularizando o calendário. Aconteceu de no período de férias, quando eram lançados os estágios e cursos para acadêmicos, nós alunos estarmos estudando para regularizar o ano

letivo. Percebi que eu tinha a experiência no laboratório ambiental que trabalhei na faculdade, mas quando fui em busca de emprego, constatei que o bacharelado não tinha tantas oportunidades de trabalho, as consultorias só contratavam mediante outros títulos e os outros órgãos somente no concurso público.

Assim, saí em busca de encontrar um emprego, também foi bem difícil, pois o mercado de trabalho não queria contratar alguém sem experiência, como meu curso era integral e fui bolsista eu não trabalhava no comércio, fazia alguns serviços por diária em buffet, bares, nada que acrescentasse em um currículo para o comércio. O que encontrei, naquele momento, então, foi o trabalho com telemarketing, com passar do tempo surgiram outras oportunidades dentro de editais no município de Campo Grande, onde trabalhei na creche por um tempo e depois em uma escola particular como assistente, retornando para o telemarketing. Além desses trabalhos também realizava minhas produções e comecei a trabalhar com terapias alternativas complementares.

Dentre essas produções próprias fazia Mandalas, com o estudo da ciência da cura através das cores, a Cromoterapia, e adentrei nos estudos da aromaterapia, onde fui buscando mais conhecimento sobre as plantas medicinais e entendendo a atuação dessa ciência, para compreender como a aromaterapia fornece os tratamentos com as plantas medicinais. Quando iniciou a pandemia eu estava realizando esses projetos paralelos, pois estava sem emprego fixo e comecei a vender rosas no semáforo, nesse momento decidi retornar aos estudos, e com isso o meu período de afastamento da universidade foi de exatamente cinco anos.

Quando surgiu a oportunidade de voltar aos estudos acadêmicos, optei por trabalhar e focar-me nos conhecimentos da linha de pesquisa em etnobotânica, pois estava em busca de uma linha de estudo que interligasse a antropologia à biologia.

Meu contato inicial dentro da universidade com essa ciência e o período afastada da academia me fizeram perceber que o conhecimento das plantas e ervas medicinais, para a compreensão da aromaterapia, me levaram a buscar conhecer um pouco mais sobre as comunidades que são precursoras destes ensinamentos, sendo este um momento de tamanha significância na minha trajetória.

Fui em busca de uma linha de mestrado que me proporcionasse estar nessa interdisciplinaridade de mundos e então me deparei com a Faculdade Intercultural Indígena (FAIND), conversei com alguns amigos que cursavam o programa (PPGET), estudei um pouco sobre o mesmo e decidi me inscrever, entrando em contato com a professora Laura Gislotti, para ver as possibilidades de orientação.

Na busca da formulação do projeto de pesquisa, conversando mais a fundo com ela, senti que gostaria de trabalhar com a comunidade candomblecista, pois tudo que temos hoje descende de ensinamentos que vieram dessas comunidades, quando se trata do manuseio das ervas e plantas, inclusive muitos medicamentos e sistemas de plantios.

Dentro da minha jornada de vida, me deparei com uma imagem deturpada desse seguimento religioso que é o Candomblé. Por muitos anos as pessoas ao meu redor ao mostrar os símbolos do mundo reproduziam uma visão equivocada que aprenderam, mas isso foi se modificando no mesmo período em que estava cursando a graduação, quando tive contato com outras vertentes religiosas.

Ao concluir a graduação iniciei meus estudos espirituais e mediúnicos na Doutrina do Santo Daime em Campo Grande (MS), na Estrela Dourada, o centro eclético do qual participo nomeado Centro Eclético Flor de Lótus Iluminado (CEFLI), tem sua origem na Amazônia, no Acre, com vários centros ligados à sede.

Neste caminho de estudo buscamos desenvolver a mediunidade e realizar os trabalhos espirituais, mas nossa crença é espiritualista, se embasando também na diversidade religiosa, pautada na linha do respeito à todas as vertentes e trabalhando com elementos que descendem desses seguimentos religiosos exotéricos já existentes também.

Estou dentro dessa faculdade mediúnica há oito anos e dentro deste período de estudos espiritualistas também frequentei outros espaços mediúnicos para receber também limpezas espirituais e auxílio, não pude trabalhar com todas as vertentes espirituais que tive contato, pois nosso calendário de trabalhos é bem amplo, não oportunizando tempo necessário à dedicação de outro seguimento. Do mesmo modo, a permissão para estudar e aprender, assim como frequentar outras vertentes como o espiritismo, umbanda e Candomblé, é de livre escolha, e com isso me despertou a vontade de estar mais presente e compreender melhor a Matriz Africana, por trazer a diáspora africana assim como uma gama de conhecimentos que agregam e que historicamente auxiliaram muitas vidas, sendo um dos seguimentos mais antigos e ancestrais.

Logo, ao retornar e buscar uma comunidade para estudar, escolhi estudar sobre a comunidade candomblecista, onde enxergo a interação da etnobotânica com a Matriz Africana de diversas maneiras, buscando trazer através do diálogo com os interlocutores, os temas a serem abordados de maneira horizontal, interagindo também com a temática, além de trabalhar um pouco a respeito das políticas públicas e da gestão territorial nos temas abordados, adentrando na linha de pesquisa do programa. Nessa perspectiva me surgiu o desejo de estar trabalhando em conjunto com meus interlocutores, trazendo não somente o

conhecimento botânico, mas uma narrativa que está consolidada também na trajetória e em suas jornadas, sua autoafirmação e identidade territorial e, assim, no fluir da escrita trago alguns elementos etnobotânicos.

Os paradigmas construídos sobre as religiões de Matriz Africana sem o devido respeito e a falta de diálogo e proximidade com o seguimento, apenas pressupondo quem são, trazem grandes consequências, se não estivermos na dinâmica de aprendizado e deixarmos de lado a compreensão de que estamos evoluindo em aprendizados constantes, o preconceito se propaga e se alastra de uma maneira muito hostil.

A riqueza dessa cultura religiosa, considerando sua ancestralidade afrodescendente, reflete na sociedade o seu protagonismo e pioneirismo nas ciências, as quais destaco algumas como a fitoterapia, a agricultura e a etnobotânica, sendo esta, a interface que permite um diálogo em que possa protagonizar a cultura de Matriz Africana.

No decorrer dessa leitura, iremos navegar em uma jornada histórica ancestral sobre a Cultura de Matriz Africana, os protagonistas, que são os interlocutores, irão desenvolver essa narrativa abordando sobre as reflexões lançadas, dentro disso, vamos contextualizar as definições sobre etnobotânica e sobre o Candomblé, assim como, a conexão entre ambas. Vale ressaltar que a etnobotânica é um estudo muito vasto, sua elaboração é muito diversa, tivemos a honra de ter dois interlocutores que aceitaram contribuir com esse trabalho, onde desfrutamos dessa narrativa no percorrer do texto.

Seguindo essa mesma linhagem de pensamento, trago a todos a importância de se observar essa história narrada dentro do texto por nossos interlocutores, para que se consiga acessar a dinâmica que foi construída, assim como a estrutura dessa dissertação, pois a etnobotânica é um fator prioritário, que se apresenta nas entrelinhas de diversos temas e de diversos âmbitos, seja de maneira direta ou sutil.

A cultura de Matriz Africana, em específico o Candomblé, constrói uma cosmovisão e um sincretismo único e ancestral sobre seu segmento religioso, e os elementos que compõem a natureza, dentre eles as plantas, as matas, os rios, as ervas, os animais e tudo o que é vivente, é o que observo na dinâmica de suas ritualísticas e nos periódicos que conheci no decorrer desta pesquisa. Este é o diferencial de se construir um trabalho etnobotânico, voltado para a narrativa do Candomblé, algumas questões são trazidas para o nosso olhar como leitores e leitoras e outras questões ficam vedadas, sendo pertinente apenas aos participantes da cultura candomblecista, são estes segredos dessa linha ancestral de estudo e de vivências.

Logo, convido você que se propôs a esta leitura, a fugir um pouco do padrão do que se é visto em trabalhos etnobotânicos, onde apenas uma classificação vegetal define esta ciência

quando, na verdade, a etnobotânica está em todos os pequenos elementos que remetem à natureza. Considerando a especificidade de cada cultura, reforço a sensibilidade nos temas abordados para mergulharmos nesta trajetória histórica e ancestral. No estilo de vida, na maneira de ver o mundo e dentro de cada narrativa, por mais sutil que seja, encontrarmos a interface da etnobotânica.

Ao embarcarmos nessa aventura e adentrarmos o primeiro capítulo, vamos percorrer o caminho metodológico elaborado e pensado para essa proposta de dissertação, discorrendo também sobre a construção metodológica de como foi feita a coleta de dados e análise, assim como a apresentação de nossos ilustres convidados interlocutores e a localização geográfica onde realizam os trabalhos, abordo também as ferramentas que foram utilizadas para a construção desse caminho metodológico.

Ao adentrar o seguinte capítulo, o segundo, abordamos neste a definição e contextualização da palavra etnobotânica e um pouco da trajetória do Candomblé, como se iniciou no Brasil e sua conexão com a etnobotânica.

Do terceiro capítulo em diante, daremos entrada aos resultados, que são as coletas de dados, que foram elaborados no percorrer dessa jornada de escrita, onde os interlocutores entram com as suas contribuições, a respeito dos temas que foram lançados, para se construir uma jornada textual sobre o Candomblé e a etnobotânica, trazendo também os desafios atuais, e o progresso desse segmento religioso na nossa sociedade.

Após o caminho de revisão bibliográfica que foi feita, foram construídos através da nossa queridíssima e honrada interlocutora Iyalorixá Solange, a construção do seguinte capítulo, o terceiro, que nos mostra sua trajetória e seus saberes sob as narrativas socioambientais, dentro de um olhar etnobotânico, em seguida adentramos à contextualização sobre a ontologia da palavra “macumba”, onde trataremos da essência dessa palavra e dos desafios que hoje são enfrentados pelos candomblecistas por essa palavra ser utilizada nos dias atuais de maneira pejorativa e preconceituosa.

Já entrando no capítulo quatro continuaremos nossa trajetória agora com outra casa muito honrada, que se disponibilizou a participar da construção desse texto, o nosso queridíssimo e honrado interlocutor Babalorixá Robson, com quem elaboramos um caminho de estudo à respeito da cultura de Matriz Africana e sua importância no meio cultural e educacional, com suas contribuições compõem-se também o quinto capítulo, onde se discorre a respeito do sincretismo das plantas que constituem o Barracão.

No capítulo que segue traremos uma melhor apresentação de nossos queridos interlocutores, na sequência os nossos resultados que foram as coletas de dados com os nossos

interlocutores, então as considerações finais encerrando assim esse percurso de interações das histórias de vidas.

1 CAMINHOS METODOLÓGICOS

No desenvolvimento da construção estrutural dessa escrita foi pensado qual seria o método que utilizaríamos para executar e elaborar o projeto, com isso a proposta foi de uma pesquisa embasada na metodologia qualitativa, das abordagens qualitativas a mais adequada é a História de Vida.

Segundo Chizzotti (1991), a ferramenta de pesquisa dentro do viés da História de Vida foi desenvolvida por Znaniescki, na Polônia, em 1920, essa ferramenta possibilita a coleta de dados de um ou mais interlocutores, e essa narrativa pode ser escrita em diversos formatos.

Esse método permite segundo Paulilo (1999) que se absorva o que ocorre entre o processo individual com o social e dentro da narrativa trazida por interlocutores o presente pode se fundir ao passado, logo, a temporalidade se torna flutuante dentro da História de Vida.

Importante salientar que quem se dispõe a narrar uma história, está se permitindo e colocando seus saberes para fora, ou seja, com possibilidades de sair do âmbito privado para disponibilizar seus conteúdos, que podem contribuir na reflexão ou inquietações de “outros”. É neste sentido que esse trabalho se coloca como possibilidade ouvir histórias e a partir dessas reflexões proporcionadas inventar novos modos de ser no mundo, a partir das vivências proporcionadas no encontro com os “outros”, incorporando no presente experiências passadas.

O decorrer e desenvolvimento da escrita foi pensado e elaborado com os interlocutores de uma maneira horizontal onde os interlocutores se apresentam e interagem com a reflexão lançada, trazendo seus relatos e vivências, assim como suas experiências.

No itinerário metodológico destaco que os temas lançados estão nos capítulos que seguem, mas não fizemos um formulário de questionário, cada capítulo foi feito em um período, pois nossos interlocutores tinham disponibilidade de pouco tempo, logo um formulário ficaria inviável.

O processo de coleta de dados foi um caminho um pouco desafiante, justamente por se tratar de interlocutores que tem tempo reduzido de acordo com tantas atividades que executam. No formato que definimos fazer encontrei dificuldade em obter resposta prontamente, levaram alguns meses para que eu conseguisse ter uma resposta sobre uma das reflexões lançadas.

Conseguimos um diálogo, mesmo com algumas dificuldades dentro desse percurso, mas compreendo a dinâmica de tempo de cada um, outro desafio que encontrei foi de não estar frequentando os espaços que estava trabalhando, isso se deu, pois, no meio do percurso passei por uma mudança de cidade.

Tivemos também o empecilho inicial que foi a pandemia, que nos trouxe o formato digital de maneira mais continua, como formato de comunicação e aprendizado, mas como mencionei, este formato de trabalho e comunicação, é desafiante, ainda estamos nos adaptando.

Quando temos a comunicação verbal presencialmente, temos uma aproximação distinta, a presença faz toda a diferença para desenvolver um vínculo e uma confiança maior, a importância dessa experiência de estar realizando a entrevista de forma virtual, pode acarretar certo distanciamento com o interlocutor a atenção é maior para não cometermos o erro de tornar esse novo formato, algo mecanizado.

Estar com um olhar atento e uma escuta ativa a uma história, ter a oportunidade de sorrir quando a mesma tem um relato divertido, expressar nossas emoções no momento em que tem este contato e oportunizar ao outro o mesmo, nos aproxima e reproduz um cenário harmonioso, onde o diálogo flui mais abertamente e espontâneo

Talvez, com o tempo, utilizando com mais frequência as ferramentas digitais para o propósito científico, isso nos permita uma conexão parecida com o presencial, mas é claro, este formato não precisa anular a maneira que já temos de nos comunicar com nossos interlocutores na presença. O ponto positivo de se utilizar as ferramentas digitais para comunicação se dá ao fato de cada pessoa conseguir organizar melhor sua agenda e no seu tempo conseguir proporcionar uma escuta ativa e entregar uma resposta mais formulada e com calma, dentro do seu tempo de disponibilidade.

Dentro disso, os interlocutores participaram de alguns temas e com o outro tema que seria um outro capítulo não conseguiram contribuir por falta de tempo ou a dinâmica de como está a sua movimentação de vida. Não obtive resposta e por esse motivo, dentro dos capítulos, existe apenas um interlocutor trazendo a narrativa sobre o tema.

Ambos trabalham além do tempo que dedicam ao barracão, com isso primeiro lançamos a primeira reflexão e eles trouxeram seu parecer, nesse momento apenas aparece uma interlocutora, Iyá Solange, já aproveitou para realizar sua apresentação.

A mãe de Santo Iyalorixá Solange Aparecida Xavier, com cinquenta anos de trabalhos na linha da Umbanda e vinte e seis anos de iniciação no Candomblé, sendo a sacerdotisa da casa de Candomblé de nação Ketu denominada, “*ILE SOLA IYA OMI LEGBE ITA ODE*”

(Casa honrada de mãe Iemanjá com a força de Odé (o caçador)), localizado no município de Campo Grande (MS), seu espaço fica na rua Aladin, no bairro Coronel Antonino.

Utilizamos de um caderno de campo e um gravador de voz para um dos capítulos, esta ocasião se deu em visita ao barracão de nossa interlocutora, onde pude participar da cerimônia e conhecer o espaço, o capítulo seguinte foi feito via aplicativo virtual (Whatsapp), sugerido por nossa interlocutora.

Consegui participar de algumas cerimônias, pois era bem próximo a minha casa, durante o início da pesquisa ainda estávamos na pandemia, iniciamos um primeiro contato através das redes sociais e por ligação, para um convite de participação da pesquisa.

Quando a casa reabriu, consegui frequentar algumas ritualísticas, como participante não como pesquisadora, em média umas seis visitas, foram para conhecer melhor o trabalho mediúnico da casa, assim como receber um axé deste lindo espaço, enquanto pesquisadora foi apenas no nosso primeiro contato presencialmente, nos conhecemos, conheci o barracão e então tivemos um momento sobre o trabalho e o formato que pretendia trazer, uma reflexão sobre sócio biodiversidade proporcionando um dos capítulos.

A proposta deste primeiro contato ser antes da ritualista, partiu de nossa interlocutora, por estar com a agenda muito atarefada, seguimos neste formato então, depois disso continuei indo quando ela me enviava um convite dizendo que a casa estaria aberta para visitas.

É importante ressaltar que depois disso mantivemos o contato por dispositivo móvel, foi a maneira que aconteceram os diálogos a respeito dos temas que seriam abordados e sua participação, vieram pôr a ferramenta digital (whatsapp) por ser uma maneira mais prática para Iyá Solange que tem suas obrigações para além do Barracão e depois, continuamos desta maneira, também porque me mudei de cidade.

Tive a oportunidade de aprender muito com nosso interlocutor, Babalorixá Robson, indo até seu escritório ao lado do barracão, onde foi me apresentado cada espaço e detalhe do lugar, nessa primeira visita e única, pois como mencionado, antes de nos conhecermos estávamos na pandemia, quando consegui chegar ao local já estava próxima a minha data de mudança de cidade, mas mesmo assim, optou por participar da pesquisa trazendo suas contribuições por ferramenta digital (whatsapp), a ferramenta que escolhemos para que ocorresse o diálogo, aproveito para apresenta-lo.

Babalorixá Robson Faciroliseu, já com uma caminhada longa de estudo iniciático, na Cultura de Matriz Africana, sendo sacerdote da casa “*ILÉ ÀSE ÓGIYIAN OLUODO*” (Casa do Orixá dono do Pilão de duas bocas), localizado no município de Campo Grande (MS), seu espaço fica na rua Av. Europa, no bairro Taquarussu, onde também se encontra seu espaço

cultural nomeado como “O Templo” onde trazem a cultura do Samba, fica ao lado do barracão onde é realizado os trabalhos, no Instituto Axé Taquarussu.

Na visita que realizei, consegui aprender um pouco, mas como era para nos conhecermos fiquei sem pedir ainda sua permissão para gravar, com isso ao finalizar a conversa ele até deu risada e disse, “mas você podia já estar gravando tudo”, como era nosso primeiro contato, não esperava calorosa recepção e abertura, com isso combinamos de nossa conversa ser refeita em formato virtual.

Consegui lançar as mesmas reflexões que enviei para nossa primeira interlocutora, mas nosso interlocutor, conseguiu participar dos últimos temas, tentei me comunicar esperando seu tempo para não invadir seu espaço, obtive sua rica contribuição em um tempo maior, já conseguindo me responder depois de alguns meses.

Nos últimos capítulos as contribuições vêm de Bábá Robson, que trouxe sua contribuição nos temas que optou por entregar suas colocações, onde também trouxe elementos importantes sobre o sincretismo das plantas no espaço do barracão, guiando nosso percurso etnobotânico.

Dentro do processo de escrita, algumas dificuldades apareceram quanto a busca de referências bibliográficas, pois a maioria dos conteúdos que temos a respeito do Candomblé, e até mesmo da etnobotânica, são livros pouco acessíveis financeiramente, não consegui estar fazendo compras de tantos livros, como gostaria. Acredito que independente das circunstâncias, o que importa para mim, é saber que este trabalho foi desenvolvido de maneira horizontal, a construção foi de ambas as partes, cada um dentro do seu tempo e do seu ritmo de vida, com as pontuações trazidas por nossos interlocutores, frisamos muito sobre o respeito à diversidade cultural e a liberdade de expressão religiosa, e de certa maneira sem isso ser inserido na sociedade, discutir ou trazer a tona o tema etnobotânica fica sem sentido.

Observando com cautela cada detalhe dessa escrita, nas entrelinhas se encontra a etnobotânica, ela se apresenta de diversas maneiras, em fala sutis e de maneira mais pontual, as plantas estão sempre direcionadas a um sincretismo, quando eu fiz esse título, estava justamente me perguntando, qual seria a força das folhas e com isso, demorei bastante pra encontrar minha pergunta, mas antes mesmo de encontrar a pergunta, eu já obtive a resposta, conversando com nossos interlocutores.

Com minha inquietação, surgiu então a minha pergunta, a ser respondida dentro desse trabalho: A força das folhas no Candomblé, se resume a uma definição da função que a folha apresenta para o nosso organismo, medicinalmente, ou a força das folhas, seria a simbologia que elas representam para a cultura de matriz africana?

Logo, a força das folhas é a unificação das forças espirituais que se apresentam dentro da natureza como os Orixás (Oríxa), e a força que eles vibram naquela planta, ou naquela folha que emitem em nós e reverberam de uma maneira única em cada indivíduo.

Logo observei que na verdade o sincretismo de cada planta, se apresenta de maneira diferente e em alguns momentos distintos dentro da ritualística do segmento, cada planta tem uma força e um poder para além das propriedades medicinais ou botânicas, elas apresentam uma força de um ser superior, esse sincretismo é que dá sentido à etnobotânica que se apresenta neste trabalho,

Então, a força das folhas é a presença dos Orixás e dos guardiões que estão conectados a energia daquela planta e que trazem um sentido de proteção guarnição ou outros sincretismos que esteja vinculado à ritualística, que está acontecendo naquele momento dentro do Barracão, a parte medicinal e botânica não é desvalidada ela também se encontra em alguns momentos, pois eles trabalham a cura do corpo físico e espiritual, dentro de um conjunto.

Com isso, trago uma definição sobre a classificação botânica dos vegetais e das plantas citadas, trazidas de um livro que foi usado como referência, mas o conteúdo sobre o sincretismo vem da narrativa do nosso interlocutor.

Sendo assim, os dois objetivos específicos analisados dentro desse estudo são sobre promover a visibilidade da cultura de matriz africana disseminando sua cultura e conhecimento em relação ao reino vegetal e investigar a importância das plantas dentro da ritualística, coletando informações sobre o sincretismo das plantas.

2 DEFINIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA TRAJETÓRIA DA CULTURA DE MATRIZ AFRICANA E A CONEXÃO COM A ETNOBOTÂNICA

Esse estudo vem com o propósito de difundir a cultura afrodescendente e entregar o estudo das folhas dentro de um seguimento ancestral, trazendo como complemento a relação do uso das plantas e os quatro elementos, buscando a cosmovisão de forma mais diversificada não se limitando apenas ao reino vegetal, e sim, a toda a composição da cultura de matriz africana, sua trajetória e saberes, que se constrói a décadas e na composição dessa jornada nesse seguimento se observa a pluralidade e a diversidade das narrativas que formam esse conjunto de saberes.

O Candomblé no Brasil se reconstituiu através de uma herança cultural religiosa e filosófica dos africanos que vieram escravizados, sendo nesse solo reformulada e criada, se adequando as condições ambientais. É a religião que direciona o culto as divindades sendo (inquices; orixás ou voduns), seres que atuam e são a força da natureza, sendo criadores e zeladores (KILEUY E OXAGUIÃ, 2009, p.29).

Para além de uma religião ou culto, a cultura de Matriz Africana sendo ela de linhagem histórica de união e cooperação, denota o sentido de ter se propagado e aumentado seu número de participantes, mesmo em meio a tantas perseguições e formatos de demonização que a sociedade intitula até nos dias de hoje.

Logo nesse universo do Candomblé se constata que família e religião estão interligadas e configuram-se em relações hierárquicas, sociais, e desenvolvem funções com papéis específicos. Ao aderir essa religião significa ingressar nesse círculo onde existe um vínculo íntimo e familiar, de valores, conceitos e crenças, as atitudes nesse universo são de aprendizados constantes, e interação (MOTA & TRAD, 2006, p.330).

Do século XVI ao século XIX, os africanos de diversas nações foram trazidos para o Brasil, sendo de uma diversidade étnica e cultural, mas na condição de escravos. Os Bantos das regiões da Angola, Congo, Guiné, Moçambique, Zaire, sendo que, os primeiros deste grupo a chegar foram trazidos do Congo. Os fons que eram provenientes de Benim, antigo Daomé. Os ewes, trazidos do Togo. Os iorubás da cidade atual da Nigéria (Ilexá, Oyó, Ketu, Abeokutá, Ekiti, Ondô, Ijexá, Egbá, Egbado). E dentro dessas regiões também vieram de Gana, os Ashantis e Minas, formando essa diversidade cultural e religiosa se reorganizando na criação do Candomblé (KILEUY & OXAGUIÃ, 2009, p. 33).

O termo “Calundu” era usado para referenciar os africanos escravizados os calunduzeiros; eles antecederam o Candomblé pois utilizavam das folhas e ervas para fins

medicinais, de onde se faz o provérbio ioruba: “Kosi ewé, kosi orisá”, ou seja, “sem folhas não há orixá/divindade” (OLIVEIRA, 2017, p. 21). Mas esse provérbio de fato é a relação simbiótica entre a natureza e o sagrado, e os rituais em sua composição mística com as oferendas, os cultos, trazem essa dinâmica intrinsecamente ligada aos elementos da natureza, sendo então a matriz africana, um seguimento de doutrina que fundamenta o sujeito ao criar sua identidade e o sentimento de pertencimento, ao se adaptar ao ambiente natural, o social e o sobrenatural. Logo, a religião se torna um elemento socioambiental coexistindo com as múltiplas realidades sobrenaturais (NASCIMENTO; ABIB, 2016, p.101).

Neste ditado simbólico se encontra a chave que conduz esse seguimento no respeito e devoção a natureza de forma harmônica e conectada às Divindades que se apresentam na construção do mundo espiritual que rege os elementos da natureza e guiam os diversos caminhos que um ser pode percorrer em sua jornada de vida.

Não entraremos em um discurso persuasivo, é notório que isso parte de cada indivíduo, pois temos a capacidade de crer na existência e no além de sua maneira, cada um escolhe o seu caminho, podemos apenas, enquanto sujeitos, nos reconhecer e respeitar todos os modos de vidas e crenças, partindo do respeito tudo fica mais leve, desconstruindo os paradigmas inconscientes e se permitindo conhecer o universo do outro, sem invadir, pressupor ou desrespeitar, o meu interesse também se deu pelo caminho iniciático que escolhi espiritualista, o do Santo Daime.

Dentro desse seguimento passei por várias transições e muitos aprendizados, sigo com o copo meio cheio, que é para conseguir ter mais espaço para aprendizado, prefiro seguir essa linha de pensamento e, com isso, em um trabalho espiritual decidi que seguiria essa linha de estudo, pois além de me agregar muito e de transmitir esses conhecimentos para outros núcleos, compreenderia melhor a minha própria ancestralidade, me permitindo também compreender o próprio caminho espiritual que escolhi para seguir.

Logo se tratando da Cultura de Matriz Africana percebe-se essa crença nos Orixás estão totalmente conectados aos elementos que regem a vida na terra e a crença em sua forma de existir e em como o mundo foi criado vem dessa trajetória ancestral, rica em sincretismos e conhecimentos.

Nada disso isola ou interfere em outras religiões, ao contrário, cada um tem o livre arbítrio de escolher sua crença, ao contrário de algumas religiões mais aceitas na sociedade, como algumas vertentes do cristianismo, que continuam a perseguir e não aceitar as outras crenças como “correta”, fruto do colonialismo.

Dentro do período histórico religioso, o processo de colonização veio com um formato de imposição de aniquilar e perseguir as diversas e múltiplas crenças existentes em nosso país ocorrido no período da inquisição, com o apoio do estado e da igreja católica, sendo um seguimento de forma imposta, propagou-se a ideia de que aquilo que era o oposto do que estava sendo ditado, era onde se fazia o mal, negando a diversidade de crenças e em específico perseguindo a pele negra.

A relação do Candomblé com a natureza é originária das matrizes africanas e seu padrão cultural das nações fon e ioruba na África. Lá, como trazido para o Brasil, esse sistema complexo etnobotânico e etnofarmacológico, classifica esse acervo de plantas utilizadas nas ritualísticas, que antes eram coletadas em áreas selvagens, seguindo a liturgia definida (OLIVEIRA, 2017, p.21).

São inúmeras as maneiras que podemos colocar a importância de uma valorização e um respeito maior por essa cultura, que traz conhecimentos ancestrais e um estudo fino e respeitoso com o próximo e com a natureza e seu entorno, toda perseguição sofrida, não fez essa cultura cair no esquecimento.

Dentro das práticas sociais da cultura africana banto e ioruba temos a etnobotânica que se expandiu aos estudos da etnomedicina, agricultura ecológica e a gastronomia, esses conhecimentos permitiram que se ultrapassassem as barreiras estabelecidas nas práticas sociais no Novo Continente. Nos dias de hoje dentro do solo brasileiro, a representação da agricultura familiar, sua forma de cultivo e alimentação, se sustenta na etnobotânica (GOMES, 2010, p. 87).

As ervas e plantas utilizadas na ritualística nos cultos de Matriz Africana, estão relacionadas as vibrações dos Orixás, logo cada planta está relacionada a um Orixá e com as vibrações das entidades espirituais (RIVAS, 2012).

Apesar da tentativa de apagamento e silenciamento cultural, observamos que seus saberes vão além de uma ritualística, se torna uma ideologia de vida, um modo de ver e de se viver com o bem-estar, a base fundamental para se viver harmonicamente em sociedade e com toda a natureza.

Os afrodescendentes no processo de tráfico africano no Atlântico, representam para além da resistência e resiliência dessa cultura, são protagonistas da relação indivíduo-vegetal. Com sua identidade cultural ancestral, eles mantêm o saber das plantas e ervas curativas uteis a sua subsistência, sendo pioneiros na agricultura, portadores de sementes, e na etnobotânica, descrito e mediado por simbologias e a representação de mundo e sociedade de diversas

formas. Esse sistema é manifesto nos terreiros de Candomblé, independentemente de sua nação (CARNEY, 2001).

Diante de tantos enfrentamentos eles se levantaram e seguiram deixando esse legado que hoje é um marco histórico do navio negreiro que trouxeram pessoas escravizadas, também rainhas e princesas da África, um povo preto que propagou e propaga o amor, deixando seu legado cultural ancestral ritualístico, esse é sem dúvida o maior tesouro, o ouro fino que eles não imaginavam que estavam transportando, aquela cor trazia o ouro puro em sua crença e em seu coração, e mesmo com tudo que se passou não deixaram de acreditar, e ainda nos presenteou com esse seguimento do Candomblé.

A cultura de Matriz Africana do seguimento do Candomblé não só reforça e reafirma a existência do indivíduo e sua autoafirmação no mundo, se trata também de sua essência e de sua ancestralidade espiritualista que apesar de tantas dores, não foram roubadas e muito menos aniquiladas, se trata de um enfrentamento para além do religioso, e sim político, militante e sobretudo mostra um povo com um sangue forte e por inúmeras vezes mesmo derramado nesse solo plantaram a semente do amor, e colheram o seu império, que é esse seguimento rico de sabedoria e respeito a vida.

3 TRAJETÓRIAS E SABERES DA CULTURA DE MATRIZ AFRICANA: AS NARRATIVAS SOCIOAMBIENTAIS E A ONTOLOGIA DA PALAVRA MACUMBA

Ao considerar a amplitude dessa temática e a diversidade de discursos que são construídos ao longo da jornada existencial, buscou-se a importância da biodiversidade e a relação dos elementos da natureza utilizados no seguimento do Candomblé, partindo de uma narrativa coletiva, discorrendo sobre a visão ampla da comunidade em relação as plantas, as matas e ao uso e conservação do elemento água e Reino Vegetal.

A narrativa vem com a luz da compreensão sob uma ótica da visão de mundo do outro (cosmovisão) que traz sua narrativa histórica oral dentro de um legado, onde o local de escuta das narrativas se faz necessário para unificar e ampliar os saberes.

Figura 1 - Iyá Solange Aparecida Xavier



Fonte: Registro pessoal de Solange Aparecida Xavier.

Com cinquenta anos de trabalhos na linha da Umbanda e vinte e seis anos de iniciação no Candomblé, sendo a sacerdotisa da casa de Candomblé de nação Ketu, Iyá Solange Aparecida Xavier, nos coloca uma narrativa sobre sua trajetória espiritual.

Iniciei filhos junto ao meu babaliruxá desde os meus 04 anos de Santo como mãe pequena e aos 07 anos emancipei me tornei Egbomi (Filha emancipada) onde receni meu Oye (direito de ser mãe e abrir casa). Com 08 anos de Santo iniciei meu Rombono (primeiro filho), me tornando Iyalorixá (mãe de Santo). Com o passar dos anos iniciamos mais de 40 filhos em nosso Ile Sola, junto com meu filho carnal Babalorixa Jil Alessandro d' Ibo (Iyá Solange).

Figura 2 - Babalorixa Jil Alessandro d' Ibo com Iyá Solange Aparecida Xavier



Fonte: Registro pessoal de Solange Aparecida Xavier.

“*ILE SOLA IYA OMI LEGBE ITA ODE*” (Casa honrada de mãe Iemanjá com a força de Odé - o caçador) se encontra localizado no município de Campo Grande (MS), como já mencionado nos caminhos metodológicos.

Figura 3 - Brasão do ILE SOLA IYA OMI LEGBE ITA ODE



Fonte: Registro pessoal de Solange Aparecida Xavier.

Neste capítulo realizou-se uma pesquisa, onde buscou-se através das narrativas compreendidas na história oral, a importância no discurso, da cosmologia dos vegetais, e elementos da natureza na ritualística e como ela contribui para a biodiversidade, dentro de uma ótica socioambiental, sociocultural e etnobotânica e compreender através das narrativas a representação dos recursos naturais no seguimento do Candomblé, sua simbologia e seu significado para essa cultura de Matriz Africana.

Assim como, trará considerações a respeito da palavra macumba, que dentro de sua simbologia, está em uso na sociedade em formato de ataque e perseguição, dentro da busca a respeito da palavra Macumba, encontra-se um obstáculo que é um muro gigante, aonde a desinformação vem com a perseguição e racismo religioso estrutural imposto por uma sociedade que vivenciou e obteve as consequências da colonização.

Contudo iremos apresentar a elaboração dessas duas temáticas, com a contribuição de nossa interlocutora, fazendo menção a importância de se manter a biodiversidade ressignificar esse termo que hoje ao se procurar no próprio dicionário ou barra de buscas encontra-se em formato pejorativo e de demonização sendo um ataque direto as culturas de Matriz Africana e do racismo religioso.

3.1 MANUTENÇÃO DA SOCIOBIODIVERSIDADE DENTRO DA COSMOLOGIA DE MATRIZ AFRICANA

As análises apresentadas resultam de narrativas compreendidas na história oral sobre um diálogo pautado na importância do meio ambiente, onde os sujeitos das narrativas estão inseridos em um contexto sociocultural e socioambiental, ampliando as possibilidades de percepção sobre o tema abordado, tanto em falas quanto em ações, que contribuem em alguma medida para a sensibilização.

No intuito de trazer esse olhar sensível e rico em conhecimento ancestral e valores que estão conectados a natureza, buscou-se a partir da Matriz Africana, demonstrar as práticas pautadas em pilares como respeito, amor e devoção, que permitem o equilíbrio emocional ancorado aos recursos naturais representados na floresta no equilíbrio ambiental que ela proporciona.

Na jornada nesse caminho iniciático, dentro desse seguimento ancestral de Matriz Africana, Iyá Solange compõe colocações muito valiosas, mas dentro de um recorte para

construir esse capítulo, nos atentamos a discorrer essa narrativa no viés de compreender como, em sua visão, o Candomblé sensibiliza as pessoas para a preservação e qual a relação do seguimento com a Floresta, buscando a importância da água e dos elementos que compõe a natureza.

Essa relação do indivíduo com a natureza dentro da ritualística, a representação da Floresta para o candomblecista de forma geral, Iyá Solange pontua algumas conexões do Candomblé com a natureza de forma sucinta, sendo o ponto de partida.

É uma questão tão ampla, o que eu posso dizer é o seguinte, no candomblé nós trabalhamos com todos os elementos da natureza desde o fogo, das pedras, das águas, todo elemento da natureza é sagrado para nós e fazemos uso de acordo com o que nós vamos trabalhar, usamos os elementos de forma diferenciada (Iyá Solange).

Essa harmonia e calma em suas palavras, reflete a serenidade do mar e a cautela dos guerreiros, na construção desse diálogo tranquilo, seguimos até onde se faz importante frisarmos, a hospitalidade tão presente durante o diálogo. Essa hospitalidade foi remetendo o aconchego de estar na mata e receber o carinho de um rio, no fluir dessas narrativas sendo colhidas como frutas maduras e viçosas, com todo o respeito na escuta e a boa recepção na construção desse espaço de falas.

Esse diálogo ocorreu no barracão um pouco antes da cerimônia, estavam presentes alguns médiuns e também mais dois colaboradores ao lado de Iyá Solange, para compor as narrativas, sendo uma das participantes Iyalosanyin Lucélia Almeida - de Ossanhe, uma filha de Santo com posto designado para cuidar das folhas, banhos, ervas que são utilizadas nos rituais sagrados, contamos com a presença de um de seus filhos Elton de Andrade Correia Lima, Iyao de Oxum que em breve se tornará “*egbomi*” (meu mais velho), por que já tem 07 anos de obrigação (trabalho mediúnico).

Na construção desse espaço onde a priori é narrar a conexão do Candomblecista com a natureza, vale colocar que a biodiversidade, se faz preservada e respeitada quando temos uma sensibilização de um grupo ou comunidade, que tem seu olhar voltado a beleza e riqueza que o meio ambiente pode nos proporcionar como pontuado por Nascimento (2016) “Os ritos, os cultos, os mitos, as oferendas, as dinâmicas dessas relações estão intrinsecamente relacionadas aos elementos da natureza.”

Ao adentrar o Barracão, observei os elementos presentes na ornamentação do mesmo, a maneira como dispõe as plantas que fazem parte da cerimônia, assim como os elementos

vegetais que se encontram na composição visual do espaço físico, nele se observa, um Cipó que vai da base até o teto, sendo composto de vários vegetais e ornamentações simbólicas, de acordo com a ritualística que se sucede, na imagem que trago, podemos visualizar que esta composição venha acompanhada de frutas, isso se dá devido à cerimônia que estava ocorrendo naquele dia, homenageando também o caçador.

Também se encontra na composição visual do Barracão, vários quadros representando os orixás, cada um deles está disposto nas paredes no entorno do Barracão que foram pintados, pelo artista já mencionado por Iyá Solange, seu filho em matéria, assim como seu parceiro Babalorixá Jil Alessandro d' Ibo, onde juntos carregam o nome da casa.

Figura 4 - Espaço Interno do Barracão preparado para uma cerimônia



Fonte: Registro pessoal de Dábini Dantas Soares.

Nossa interlocutora, ressalta que todo alimento da natureza tem suas especificidades dentro do Candomblé possui o seu devido valor, dentro de cada cerimônia os elementos são trabalhados de maneira distintas, o conjunto dos elementos da natureza faz com que a

ritualística seja possível, por esse motivo para os povos de matriz africana, a natureza é um elemento vivo e atuante.

A mata tem seu valor e seu sentido sincronizado com o equilíbrio ambiental e energético dos praticantes do seguimento de Matriz Africana, onde afunilando o discurso amplo de preservação e manutenção, observamos a diferença dos valores estabelecidos nessa religião em sua forma de utilizar e apreciar os Biomas.

Nesse aspecto, as religiões de matriz africana têm um corpo de doutrina que lhe fundamenta, no qual o sujeito cria sua identidade e seu sentimento de pertença, tendo assim, que se adaptar a três ambientes: o ambiente natural, o ambiente social e o ambiente sobrenatural, a religião é um fenômeno socioambiental que coexiste com a realidade sobrenatural (NASCIMENTO, 2016, p. 101).

Sendo assim, o que difere a matriz africana seria um dos pilares em que o indivíduo se conecta, para estabelecer uma relação com o externo, trabalhando também o interno, que é a criação da sua autoafirmação identitária, o sentimento de pertencimento, vem da capacidade de se habituar num espaço social, desenvolvendo as habilidades espirituais, estando em seu ambiente natural.

A conciliação que encontram dentro desses pilares, se dá no decorrer da sua trajetória, assim como do aprendizado constante que vai vivenciando, observando também através da narrativa oral trazida dos anciões, a maneira correta de se portar, como um indivíduo, consciente do seu espaço e de seu comportamento dentro da sociedade, pois sabe que ele será um reflexo diante da sua comunidade e daqueles que estão em seu entorno.

Quando estamos trazendo valores e respeito pela Floresta e tudo que vem dela, considera-se importante manter nossas ações mesmo que pareçam pequenos gestos, sempre manifestos e ativos, pois uma ação gera um impacto onde se está inserido, seja no social ou no ambiental, logo que nosso impacto possa ser alinhado com o bem-estar de todos que aqui vivem e principalmente do que nos mantém vivos, a natureza.

Estarmos atentos a gestos que beneficiam o meio ambiente, já agrega muito para conseguirmos do pouco, fazer o que nos cabe, pois, a natureza tudo nos proporciona e só nos pede em troca o cuidado, a preservação. Zelo e respeito deveriam estar em cada um, isso é construído em nossa jornada de acordo com nossas relações sociais e culturais, como indivíduos aprendemos a sempre buscar sermos melhores.

Eu costumo dizer que eu não subo no muro para ver o que o vizinho do lado está fazendo né, mas aqui pelo menos todos os nossos filhos, temos essa consciência onde denominamos “*Rumbe*” que a educação mediúnica de como se comportar, a educação de candomblé, todos eles sabem da preservação então nisso, o que é biodegradável nós procuramos jogar fora a gente separa, por exemplo o que nós utilizamos despachamos no lugar onde isso vai decompor, jogamos na terra para

decompor e se ela não vai decompor nós não jogamos, mas entregamos para a reciclagem, que existe a coleta né para levar.. então nós temos essa preocupação de não poluir (Iyá Solange).

O seu posicionamento retrata que, para nossa interlocutora, é manter uma postura de seus médiuns sadia, onde compreendem também a importância de estar preservando a mata, aplicam esse aprendizado quando vão em conjunto para realização de algum trabalho, ou sozinhos até o ambiente, mantendo a mesma postura. E essa postura tem um nome, dentro do segmento do Candomblé, se nomina *Humbê* (Rumbe), faz parte do conjunto de regras de convivência do Candomblé.

Figura 5 - Iyá Solange Aparecida Xavier recebendo uma homenagem do Fórum Permanente das Religiões de Matriz Africana (F.P.R.M.A.M.S)



Fonte: Registro pessoal de Solange Aparecida Xavier.

Os médiuns da casa Candomblé assumem essa postura de ter uma ação de respeito e partilhar com seus demais, como uma forma de conhecimento, transmite a importância de zelar por cada elemento que contém na mata e mantém em suas práticas diárias essas ações, tornando esse saber transmitido em um núcleo que irá refletir em outros pequenos núcleos, em suas famílias, com seus colegas as mesmas ações, assim temos o principal, a preservação.

Com a narrativa da nossa interlocutora, observamos que seu comportamento ao adentrar a mata, é de uma aluna, que adentra para realizar os seus estudos, com a mata aprende, do mesmo modo se torna mestra, onde passa a ensinar como se portar diante da natureza, dos elementares e dos Orixás, que se apresentam dentro de cada elemento da natureza, assim, discorre sobre a maneira correta de como se comportar quando realiza alguma oferenda dentro da floresta.

Revela dentro de suas palavras, a importância de manter a preservação do espaço que está sendo cedido a ela para prestar uma homenagem, ou até mesmo realizar seus estudos, se mantém consciente, a respeito dos materiais que serão utilizados, para que se mantenha o ciclo da vida dentro da mata, sem nenhuma interferência de elementos que possam estar causando algum dano à floresta, como materiais que não sejam orgânicos, destacando a importância de não deixar materiais que não vão conseguir decompor, sempre separando os resíduos biodegradáveis dos não biodegradáveis.

Assim, ao realizar essa oferta dentro da floresta, existe todo o cuidado para que esse material se decomponha, passando a nutrir a Terra, como elemento integrante dentro da composição vegetal.

Ressalta que a preservação, quando adentra a mata é sua prioridade, se importa com o que deixa no local, pois dá valor a natureza e a conexão que possui com ela, é de muita relevância seu comportamento, para que assim repasse aos demais a importância de deixar apenas materiais que a natureza consegue se alimentar, materiais que com o tempo entram em decomposição perpetuando o ciclo da vida.

Nesse viés de compreensão da simbologia da mata encontramos um trecho que pontua o sincretismo e essa conexão para os povos da Matriz Africana, onde a representação da ecologia está para algo além do que se é discutido no contexto ambiental, é uma cosmovisão, uma herança sociocultural que desenvolve o socioambiental com maestria. De acordo com Conceição e Tevizan (2016):

A base religiosa das comunidades de terreiros de candomblé é pautada na fitolatria – culto e adoração às plantas – herança deixada pelos ancestrais africanos. A perspectiva de preservação vai além do ecológico, por ser igualmente essencial à preservação da própria religião: para a tradição das religiões de matriz africana a árvore representa um deus vivo e presente (CONCEIÇÃO; TEVIZAN, 2016, p. 146).

Nessa ótica de preservar a Floresta e os elementos que compõe a natureza, mesmo estando inserido em um contexto urbano, está intrinsecamente relacionado a relação de um

estudo de autoconhecimento que proporciona uma conexão mais profunda e sensível pois ao pisar na mata, sabe o valor e a representação que ela tem com um olhar de zelo e o amor que sente pela vida como um todo.

Como mencionado na citação acima, essa adoração das plantas é uma herança dos africanos, por esse motivo ao se preservar a natureza se preserva a própria religião, pois essa relação está intimamente conectada, sendo as árvores, as ervas e outras plantas que possuem simbologia no Candomblé, além de um ser vivo, um elemento espiritual, de potência única e superior.

Observar a mata sobre essa ótica, garante que os participantes da comunidade de matriz africana, mantenham a preservação da floresta em pé, assim como propagam esse modo de vida, que herdaram de seus ancestrais e repassam para as próximas gerações, assim atingindo mais adeptos, que iram reproduzir o mesmo discurso e prática em relação a natureza e todo ecossistema.

Dessa maneira, podemos encontrar uma esperança, da mensagem propagada por os candomblecistas, atingir cada vez mais pessoas dentro da nossa sociedade, semeando o seu modo de vida e sua relação com o Reino Vegetal, para que assim, ocorra cada vez mais respeito da nossa sociedade, para com a natureza, trabalhando na manutenção da vida e no respeito.

Ela é tudo na nossa vida, A mata é tudo na vida de um candomblecista orixá é natureza né. A mata em si pra nós ela é muito sagrada, quando começa as queimadas eu entro em desespero porque vai queimar minhas ervas né, aonde eu vou buscar? A água também para nós então é sagrada, nós preservamos a água porque nós necessitamos da água são para nossas limpezas e muito mais.. e para ingerir também, tudo que se fala que é da natureza para nós do candomblé, tem um significado...o que a gente puder fazer para preservar nós fazemos (Iyalosanyin Lucélia Almeida).

O autocuidado também é um reflexo de conexão com a natureza, quando se cria essa ligação se encontra uma harmonia e um estado de contemplação. A importância da mata para a Iyalosanyin Lucélia Almeida, mostra esse olhar.

É nítido dentro da fala de nossa interlocutora, o respeito e a devoção que apresenta a natureza e seu entorno, se preocupa com o bem-estar da floresta, pois a considera um ambiente sagrado, de pura energia, um ambiente que merece respeito e carinho, que deveria ser zelado ao invés de queimado, onde pontua que a água sendo parte da natureza, é algo sagrado, pois utilizam muito desse elemento em suas ritualísticas, destaca que manter os rios e o ecossistema limpo preservado é essencial para os participantes do segmento do Candomblé.

Perceba a sutileza de suas palavras, nessa narrativa, que quando presencialmente me dizia, conseguia sentir em sua voz, em sua manifestação corporal, em seu olhar na entonação que deu ao proferir essas palavras, que o respeito e o amor pela mata pulsam em seu coração.

Prontamente, nossa interlocutora e a Solange e o médium que estava presente Elton de Andrade, fizeram suas contribuições, participando do diálogo onde trazem a reflexão, sobre o respeito que possuem pelo Reino Vegetal, Elton de Andrade, Iyao de Oxum diz: “*Ela é a base do Candomblé*”, se referindo a floresta.

Percebe-se a importância de se ter um cuidado especial para o zelo a sensibilidade e simbologia que a Floresta representa para um Candomblecista, Iyá Solange destaca que : “*Precisamos dela*” isso nos leva a reflexão que quando um grupo que busca em suas práticas respeitar e estar sensível ao seu entorno integrado a sua essência, que é a natureza, interfere diretamente na forma como vemos e como nos portamos no mundo, como destaca na fala de Iyalossanyin Lucélia.

Por exemplo, eu tenho bastante plantas medicinais na minha casa, tem bastante ervas medicinais, eu não gosto de plantar rosa, não gosto de plantar nada, gosto de ervas medicinais, tanto vai servir para eu tomar um banho, como para mim tomar um chá por exemplo, ou até mesmo para fazer o banho para o barracão, eu não macero as folhas eu pillo elas, uso um pilão para pilar essas folhas e quando vou pilando vai rezando, depois esse “*amassi*” (banho) é temperado com temperos próprios. (Iyalossanyin Lucélia Almeida).

Com a dinâmica, de ter que conciliar o emprego com o Barracão, acessar as plantas dentro do seu próprio quintal, fica mais prático, pois na verdade a sua casa não é no mesmo local, em alguns lugares, o pai de Santo a mãe de Santo reside no mesmo espaço onde fica o Barracão.

Logo, nossa interlocutora destaca que não deixe de cultivar suas ervas em seu quintal, mas no barracão quando cheguei ao local observei que existem sim algumas plantas que se apresentam em outras casas de Candomblé no entorno desse espaço físico, só que por praticidade ambas frisaram que fazem um plantio em suas casas, mas reforçarão e sobre o que se usa na ritualística, geralmente é buscado na mata quando não se tem a erva em casa.

Vale lembrar, que dentro desse estudo mediúnico, ter e manusear as ervas dentro de seu território, também estás acionando uma magia única, a alquimia começa quando o curandeiro entra em contato com suas plantas, tem um momento certo e a lua exata para plantar, onde se conecta com a terra que é a força criadora.

Neste momento, onde é realizado com carinho e afeto as suas plantas em seu terreiro, no seu quintal, se abre um portal de conexão e comunicação com os vegetais que se cultiva,

onde o zelo também leva a responsabilidade, de nutrir a Terra, assim nutrimos a própria alma, de regar a planta, assim lavando o próprio espírito, de colher um novo medicamento, que trará benefícios, este é meu olhar simbólico sobre o relato deste manuseio e cuidado.

Dentro desse sincretismo ao discorrer sobre as folhas e o cultivo, Iyá Solange pontua sobre o quão delicado é se cultivar essas plantas, pois vai além dos cuidados ambientais. Existe toda uma simbologia descrita em signos já por alguns autores, que interferem em se ter um cultivo permanente em um único espaço, logo as ervas utilizadas podem ser coletadas na mata ou cultivadas em seus quintais para facilitar esse zelo.

São folhas sensíveis, quando você planta nem todo mundo pode pôr a mão nossas folhas não podem ser cultivadas à noite porque ela tem a energia do sol e da lua, a energia do sol ela dá para saúde e a energia da Lua ela não traz benefício para saúde, então elas têm que ser colhidas com sol ainda no alto.

Então você colhe tem que pedir licença para você colher para ela não perder energia benéfica, tudo isso é importante os nossos filhos sabem, tem muita gente que esquece até de saudar o dono das folhas, para poder colher pedir licença, mas é importante não esquecer que todas as folhas têm dono, que para a gente ter o benefício daquela energia a gente saúda e a gente pede licença (Iyá Solange).

Afirma Albuquerque que “todas as plantas possuem donos, e esses donos são os orixás. Ossaim, nesse sentido, é o verdadeiro dono do Segredo, das ervas medicinais e mágicas. As plantas possuem particularidades, segredos, poderes, e devem ser tratadas com profundo respeito” (ALBUQUERQUE, 2005; p.53).

Para que um ecossistema se mantenha em equilíbrio, é necessário um conjunto de fatores, um deles é um ambiente com todo o conjunto sincronizado, a fauna a flora rios e uma cadeia ambiental, isso que forma e traz o equilíbrio. Mas o entorno também interfere, se houver uma fragmentação ocorre um desequilíbrio em toda a cadeia ecológica e, se existir poluição nas águas e no ar, são desencadeados inúmeros desequilíbrios ambientais e consequentemente, as alterações climáticas.

Isso é pontuado com intuito de afunilar essa linha de pensamento, o equilíbrio ambiental só existe se estivermos enquanto sujeitos, conscientes, sensíveis e despertos quando ao nosso entorno, pois a nossa ação gera um impacto em outras vidas, e isso vai tornando as pessoas ao nosso redor mais desperto. Assim tem-se um despertar coletivo ou em comunidade, como é o caso da Matriz Africana.

Quando escutei essa narrativa, observei atentamente o ensinamento que estava sendo transmitido, onde é de extrema importância quando vai acolher uma planta observar o horário que está realizando essa colheita, pois vai interferir na energia que está regendo aquela planta,

com isso também lembrar, de saudar o orixá das folhas, pedir permissão e licença, aquele ser vivo e agradecer por compartilhar dessa medicina conosco.

Para manusear qualquer tipo de medicamento, feito a partir das plantas e das ervas, tem que estar sensível e com os ouvidos muito abertos, para escutar o que a natureza está ensinando, pois as plantas também se comunicam da sua maneira, dentro do Candomblé elas se manifestam com sua força de maneira atuante, carregando o axé de um ou mais orixás.

A folha é um elemento vivo que também possui seu ciclo de vida, algumas crescem, caem, fazendo composição com a serrapilheira, e outras vão ser colhidas de maneira respeitosa, ou não, por pessoas que saibam dos seus benefícios medicinais, mas acredito que pra mim é importante aprender como e em qual horário, de qual maneira realiza essa coleta, para ter a potência da medicina dessa erva que estou colhendo, isso é mais valioso do que apenas escolher uma planta, para curar alguma doença.

Figura 6 - Médiuns Integrantes do ILE SOLA IYA OMI LEGBE ITA ODE



Fonte: Registro pessoal de Solange Aparecida Xavier.

Esses ensinamentos e valores voltados a um olhar sincronizado com a harmonia que a floresta tem, isso reverbera para além de uma prática, uma missão de vida e pela vida, pois preservar está além da escrita, se encontra em discursos que impactam com nossas ações e relações com nosso entorno.

A nossa Iyalosanyin Lucélia , prepara as folhas ela vai colher as folhas e traz as folhas para dentro do Barracão Savage. Onde ela vai preparar e no preparo com rezas, e tem todos os elementos que é utilizado no preparo daquelas folhas que nós não podemos falar pois faz parte do sagrado, mas a trazido as folhas, ela separa para

fazer um banho onde também é preparado com rezas junto das folhas e da água, tem também outros elementos como sementes para preparado para fazer este banho. Os banhos que são preparados também, durante todo o ritual por exemplo hoje teremos o trabalho mediúnico é feito o banho de amaci onde a pessoa vai tomar esse banho antes de entrar para corrente mediúnica, ela toma um banho de amaci para se preparar para o trabalho mediúnico (Iyá Solange).

O preparado de ervas e as folhas utilizadas, nem sempre é dito pois fazendo parte do Sagrado, existem os segredos que não estão na luz da compreensão de quem não faz parte do seguimento. O banho denominado amaci, é preparado e os médiuns utilizam para estar limpo e poder trabalhar na caridade, existe também um preparado em álcool com as ervas para se utilizar na limpeza dos consulentes. De acordo com a Iyá todas as ervas são escolhidas pelas entidades, ela diz “*no álcool a seiva permanece mais tempo*”.

Nossa interlocutora ressalta, que o banho com ervas antes de ser preparado, é realizado uma ritualística onde são entoados, rezas sagradas, e o banho de amaci, que ressalta, é utilizado por todo o médio que compõem o estudo mediúnico, é um banho sagrado e ancestral, deixado em formato de ensinamento por seus ancestrais, e que hoje ela ensina, os que chegam para trabalhar, através da sua narrativa oral.

A água e as ervas são de extrema importância para que a ritualística ocorra, a água como fonte de vida também tem as funções de limpeza energética quando unida com as folhas, e as folhas vem com a sua essência curativa, sendo de muito valor, e carregado uma força, onde a cortesia como um pedido de licença e a saudação ao dono das folhas, sempre está presente.

Na água a folha deteriora e às vezes fica um cheiro forte na água, mas muita gente não entende que aquele cheiro não é podridão é porque realmente ela decompõe e toda seiva que fica na água para nós é sagrado, o cheiro não tem a menor importância, mas nós estamos sempre renovando o banho. (Iyá Solange).

Quando a nossa interlocutora mencionou, que o aroma que sai das folhas, quando passa um tempo dentro da água, pode ser um aroma que não seja muito agradável, para muitas pessoas, mais que isso é o que tem de menos importante, pois o que realmente é valioso é aquela composição desses 2 elementos, a água e a folha, junto com o que tem dentro da folha sua seiva, isso faz com que essa composição seja rica e única dentro da realização de um banho.

Esse aroma se dá mesmo, quando qualquer planta fica um tempo maior dentro da água, algumas que já possuem o aroma mais acentuado irá ressaltar esse aroma, mas para as

peessoas que estão querendo a conexão com esses elementares e entende a magia e alquimia está acontecendo nesse momento, realmente o odor é irrelevante.

O que importa para quem está realizando um banho como esse é realmente o poder, e a potência que essa planta está carregando junto com elemento água, para trazer um benefício para o seu organismo, ou alguma proteção, uma limpeza espiritual da qual o seu corpo precisa, são tantos elementos que se observa através dessa narrativa que aí a Solange nos presenteou, que minha reflexão foi essa, o aroma não sendo tão agradável, mas meu corpo recebendo a nutrição e a proteção da floresta é realmente o ponto que mais irei destacar.

Para além da utilização da água em conjunto com as ervas para banho ou chás, a água limpa também a entrada do local, na entrada da casa tem um vaso grande de barro com água e um suporte para coletar a água como uma concha de barro, e fica tampado após se utilizar, onde o médium despeja a água ao entrar e ao sair, para esse cenário. Iyá Solange argumenta que:

Uma das coisas primordiais é com relação a água do portão não sei se você chegou a observar que toda pessoa que entra no barracão despacha água no portão e toda pessoa que sai do Barracão também despacha água no portão então eu não sei se você chegou a observar como a água é importante também na limpeza na purificação das energias que quando chega no barracão hoje despacha para não entrar com a gente e quando a gente sai a gente despacha água no portão limpando os caminhos por onde nós vamos passar. (Iyá Solange).

O simbolismo que ela traz em relação à água no portão, é uma chamada de atenção sutil para algo essencial antes de adentrar esse espaço sagrado, como se literalmente estivesse lavando os pés, trazendo uma purificação do que veio carregando da rua, para entrar com os pés limpos.

E essa simbologia não termina aí, logo ela pontua que quando saímos do espaço, já com os pés, e agora com o corpo e a mente limpas, assim como o espírito, nos conectamos com a água na saída do terreiro, para abrir os nossos caminhos, e correr feito no rio que segue um rumo, uma direção, esteja nos conectando com a energia de abertura de caminhos.

Admito que quando eu vi aquele recipiente de Barro, como um grande jarro cheio de água, ao redor de várias plantas, e observei o comportamento dos médiuns, fiquei encantada com a energia de respeito, que circula dentro do espaço do Candomblé desde o momento em que se oportuniza conhecer.

Me senti agraciada, com a oportunidade de estar realizando em uma visita, a limpeza e assim também o aprendizado de como chegar em um lugar sagrado, o sentimento que tive foi

de Alegria, após esse momento começou dentro do Barracão as outras limpezas, ao sair senti esperança, como se meu peito estivesse jorrando esperança.

Quando eu olhei o vaso e vi a água, junto com aquela composição visual das plantas ao redor, ao lado do portão, quando aquela água foi para o chão, senti verdadeiramente uma abertura de caminhos, de um ciclo melhor, de oportunidades melhores, de amores genuínos, fui preenchida pela alegria da esperança através desse jarro de água ao sair do Barracão.

Com esses recortes pontuamos algumas das atividades que estão em conexão direta com o uso de forma sagrada e consciente dos elementos da natureza, Iyá Solange faz ressalvas primordiais apontando uma problemática a respeito do que observa quando vão a mata para realizar trabalhos ou entregas.

Nós vamos na cachoeira nós levamos os materiais nós não deixamos na cachoeira é muito triste você chegar e ver garrafa plástica, vidro, tem pessoas não vou dizer, que é da religião mas existem pessoas que não se preocupam em manter aquele ente limpo, porque todos podem ter o mesmo direito de utilizar, porque na cachoeira alguém é dono daquele espaço, mas que sede para que nós possamos usar, mas tem muitas pessoas despreparadas incompreendidas que fazem um mal uso daquele espaço.

E nós do candomblé do Ilê Oxalá, posso falar por nós nossa família quando vamos para cachoeira, nós levamos garrafa pet garrafa nós não deixamos nada lá, para preservar, porque uma sacola plástica ela vai levar um tempo para se decompor, a garrafa de vidro isso é prejudicial, pode cortar pode machucar alguém.

Falar para você que a gente não deixa no ambiente vasilha de Aguiar, vasilha de Barro, a pessoa deixa no ambiente como se ele fosse se decompor e não decompõe, seria muito importante se tivesse não para nós da religião, mas se houvesse um trabalho feito pela universidade, um trabalho de orientação, de conscientização da importância de não deixar nada que não vá se decompor (Iyá Solange).

Seu filho Iyao de Oxum Elton de Andrade, complementa a respeito de como agem quando vão a cachoeira e encontram resíduos poluindo o ambiente “*Ainda trazemos o lixo que encontramos*”. Quando ela nos conta sua história narrada, de como é o momento que chega na mata próximo às cachoeiras, ela já traz uma chamada de atenção, para observarmos que além da beleza que se encontra naquele espaço, é olharmos o entorno, ele deve estar belo, tão quanto a natureza que o cerca, pois se o ambiente estiver sujo, ele já não está dentro da sua harmonia, a floresta não produz resíduo que não decompõe.

Quando nos pontua sobre ter a consciência de manter o espaço preservado e se possível recolher alguns resíduos não orgânicos, como foi mencionado por seu filho Iyao de Oxum, para que esse ambiente esteja preservado, ou seja, limpo da sujeira urbana, da maneira que já existia a mata antes do humano conseguir acessá-la.

O preservar é o querer bem, é o querer bem a natureza, para também desfrutar de uma experiência verdadeira e ancestral, tendo o zelo e o respeito pela Terra que seus pés tocam, pela vegetação que você enxerga, toca, sente o aroma, e te proporciona até alimento, a floresta é um conjunto, mas é um organismo vivo, ela não deve ser maltratada, pois existe todo um ciclo de vida em torno daquele pequeno hábitat que você se encontra.

Assim como entrar no Barracão, era jogada água no chão para limpar os seus pés, lavando das impurezas urbanas que carrega em seu solado o perispírito, assim mesmo, é a sincronia de quando adentram a mata, adentram a mata de maneira respeitosa e limpa, depois aquele mesmo elemento a água, também limpa o seu corpo, que se integra totalmente com aquele elemental que também circula em abundância no seu corpo.

Importante destacar que ela enfatiza a importância de desenvolvermos mais trabalhos sobre a sensibilização, a respeito de quando acessamos uma floresta, da maneira como se portar diante a natureza, para ter a sensibilidade de saber chegar na mata, e sair dela com respeito e zelo.

Mais uma vez enfatiza, que nada que depois não venha se tornar matéria orgânica, como é o caso de resíduos urbanos que a terra não consegue se nutrir, ou seja, que fica apenas em sua superfície pois para a terra seu material é tóxico, demora anos, alguns tipos de plástico por exemplo para se decompor, a natureza é linda é um primor, deixá-la poluída, é cometer um crime ambiental, pois a responsabilidade é de cada um, e todos fazendo sua parte, podemos ter um ambiente sadio, natural, e harmônico, para desfrutarmos, quando fôssemos nos conectar com a natureza.

Com essas narrativas pode-se observar e discorrer de como é importante mais trabalhos voltados para a educação ambiental onde se tem matas e rios principalmente onde pessoas tem esse acesso, pois todos se beneficiam, porém o zelo não está muitas vezes na atitude de quem frequenta esse espaço, muitos vão no intuito de se divertir, mas não semearam esse bom hábito de deixar o local limpo e preservado, antes acabam por prejudicar o espaço, deixando muitos resíduos e sujeira na mata e nos rios.

E essa realidade se observa muito em locais onde não existe a implantação de um projeto de sensibilização ambiental, onde existe um fácil acesso. É preciso um olhar mais sensível.

3.2 A ONTOLOGIA DA PALAVRA MACUMBA: ANCESTRALIDADE E ESSÊNCIA

Ao ter dentro desse seguimento de estudo fino como o Candomblé e sua essência ancestral de cultura de Matriz Africana, temos o afastamento dessa palavra que não se encontra muitas informações, aonde vem com uma indução a preconceitos, perseguições aos adeptos desse seguimento.

Logo sua simbologia e sincretismos se tornam ausentes, e omissos, perante a tamanha perseguição histórica a praticantes da Cultura de Matriz Africana como forma de submissão as religiões estipuladas e aceitas dentro da sociedade colonial, que negou e nega a existência de vertentes religiosas diversas, tentando assim induzir pensamentos enganosos a respeito deste termo, sendo associado, de forma pejorativa a quem frequenta o Candomblé.

Aqui lançamos a reflexão sobre a origem da palavra Macumba e sobre tudo que a sociedade traz embutido sobre essa palavra e como se fugiu da sua essência, sendo hoje uma palavra utilizada por quem tem preconceito, como algo pejorativo e em formato de agressão a comunidade em diversos níveis. Logo busca-se um diálogo sobre os enfrentamentos que já tiveram, com o silenciamento e o preconceito enfrentado, trazer um pouco também sobre a origem da palavra e de sua essência, enquanto memória.

Dentro da precariedade de informações a respeito da origem do termo macumba, trouxemos para essa narrativa o olhar atento dos interlocutores que carregam os conhecimentos e os saberes da Cultura de Matriz Africana, afinal, não importa se a definição sai exatamente como o esperado, uma resposta pronta a nosso caro leitor, e sim como um esclarecimento melhor do que temos hoje em sites de buscas ou em artigos, onde esse termo já é muito normalizado e utilizado em algumas casas.

Para outros espaços, o termo ainda remete a uma palavra que traz um legado histórico de agressões e perseguições a qual não se é permitido o uso e nem mesmo bem aceito dentro do seguimento entre seus membros.

Logo trouxemos uma singela explanação da nossa interlocutora Iyá Solange sobre o que traz em memória a respeito da origem e da essência da palavra macumba.

Quando os escravos vieram para o Brasil eles eram abrigados nas senzalas e alguns escravos, eles eram autorizados a exercer o culto aos seus ancestrais envolta de uma árvore frondosa usando alguns instrumentos, e eram tratados de forma pejorativa com o um termo de macumbeiros né... porque a árvore também tinha um nome de macumba eu não sei se o nome da árvore era macumba ou se o instrumento que eles usavam era só instrumento tinha o nome de macumba mas a gente sabe que existe um instrumento chamado macumba e eles usavam e tocavam esse instrumento em

volta desta árvore entoando cantigas em diversos tons e diversas músicas com diversos tons que hoje a gente sabe que era em homenagem aos diversos Orixás, então todos os senhores chamavam os negros de macumbeiros e ficou (Iyá Solange).

Cabe a nós a reflexão do que e para que buscamos o significado e essência mística quando na verdade o que nos compete saber, já está a vistas claras, e logo romantizar uma palavra que em alguns espaços ainda não é bem aceita e não se encontra em uso, não traz nenhum crescimento e não nos agrega, vale sim, entender o motivo desse termo ainda trazer um incomodo e um desrespeito a comunidade candomblecista, em especifico a casa que conseguimos essa contribuição sendo o espaço, “ILE SOLA IYA OMI LEGBE ITA ODE”.

3.3 A ONTOLOGIA DA PALAVRA MACUMBA: OLHARES EXTERNOS E IMPACTO SOCIAL

Quando adentramos o universo do outro, a uma escuta ativa, sem uma espera de algo formulado como em nosso imaginário, damos abertura para expansão de um novo olhar e uma nova visão que se faz de extrema importância para o viés de construção desse diálogo.

Dentro da rica possibilidade, de se ter um interlocutor que contribua de acordo com sua vivência, enriquece e unifica as reflexões, olhar com empatia e escuta ativa nos faz perceber que somos de fato um fator determinante ou não, na vida do próximo, no que diz respeito às nossas ações e atitudes, que podem acarretar não só uma elevação, mas ao retrocesso da mesma, quando incutido a sua ação, vir o ódio em pensamentos e falas, do que se desconhece, quando se adentra em um lugar de ataque a uma realidade que se desconhece.

Cabe a nós enquanto sujeitos que vive em sociedade, aprender sobre a diversidade religiosa e respeitar, mas infelizmente essa visão ainda não atingiu a de todos, foram anos de reprodução de uma fala com desinformação, sendo passada por gerações, as consequências dessa atitude se observam na linguagem, quando descaracteriza a identidade de um indivíduo e passa a demonizar o universo do outro, o respeito é a chave que liberta e traz a luz do conhecimento.

Sobretudo trazer os complementos de como esse termo se tornou uma maneira de ataque pessoal a comunidade candomblecista, e um termo utilizado de forma pejorativa, traremos a contribuição da Iyá Solange sobre a palavra Macumba, e qual é seu reflexo na sociedade, para quem está querendo despertar, se trata de uma reflexão social e histórica, que se merece uma atenção devida.

Até hoje nos chamam uma forma pejorativa, eles nos tratam como macumbeiros para ofender mesmo, não para designar as pessoas que cultuam a umbanda, as pessoas são muito maldosas... elas são incapazes de se referir as pessoas que cultuam umbanda ou cultua o espiritismo de uma forma mais digna, então eles nos tratam como macumbeiros porque acham que quem acredita no espiritismo acreditam na magia negra, cultua magia negra, então eles nos tratam como se todos usassem esses rituais para fazer o mal ... isso é muito triste, isso é muito degradante porque quem desconhece o verdadeiro ritual espiritualista não é digno sequer de se referir quem não conhece o ritual de uma religião, seja católica espírita, seja evangélico, não pode estar emitindo qualquer tipo de parecer ou julgamento de forma pejorativa ou de que maneira for, porque isso é invasivo isso é agressivo (Iyá Solange).

Sendo este o ponto inicial sobre sua fala, vale ressaltar que sua ressalva a forma como a sociedade se coloca enquanto um olhar de julgamento ao que desconhece é nítido, esse incomodo que repercute em si, é de fato algo a se colocar em observação, de como as pessoas em sua maioria ainda levam seus discursos errôneos e se refere ao outro em formato de agressão e em uma postura de ataque.

Sobre estar se referindo com esse termo aos frequentastes do Candomblé, em forma pejorativa nos mostra o quanto como sociedade existe um grande retrocesso, em pleno século XXI ainda essa reprodução de algo lá do passado e algo errôneo, pesado, nesse formato de insulto ainda se aplica em nosso convívio enquanto seres diversos e onde o respeito, se torna nesse caso, uma ação ausente.

Nossa interlocutora abre um espaço, para um ponto de observação interessante, onde coloca que a forma como é referido aos candomblecistas, não são de maneira genuína, a sociedade não utiliza o termo, para diferenciar as pessoas que frequentam o Candomblé, e sim, em formato de ataque, esse é o ponto de atenção que nos faz perceber que a falta de respeito e o racismo religioso se perpetua no contexto atual.

De fato, o racismo religioso, dentro da nossa sociedade, se tornou estrutural com a ideologia eurocêntrica permeando nos inconscientes, temos como resultado essa postura intolerante, vindo de diversas camadas da sociedade, nem sempre o enfrentamento é direto, a comunidade candomblecista busca consolidar suas forças seguindo em outro sentido, com base no respeito e na caridade com o próximo.

Manter suposições de um local, onde se desconhece a maneira que é realizada uma cerimônia, como funciona ritualística, seria algo natural, mas a partir do momento que essa suposição se torna um preconceito, e ao invés de ir em busca de conhecimento, se propagar intolerância religiosa, podemos dizer que essa maneira de ver o mundo do outro, pode estar

gerando feridas na alma, quando não se tem conhecimento de um segmento, busca se aprender.

Aos poucos as pessoas vão se distanciando, dos ensinamentos da natureza, que vivem em equilíbrio constante por possuir um ciclo harmonioso, quando eu digo possuir não é sobre posse, e sim sobre sua essência enquanto ecossistema, se buscarmos nessa jornada terrena, ser um eterno aprendiz, a possibilidade de diminuir a intolerância religiosa e o respeito sobressair na nossa maneira de agir, podemos construir uma sociedade sadia.

O ser humano deveria ser mais humano e respeitar a formação religiosa de cada um sem julgar, porque ser juiz é muito fácil, ser martelo é muito fácil, difícil é ser prego, porque quando você tá na postura de juiz você se acha no direito no poder ofender, de magoar, de se empoderar de um parecer que não lhe é digno... porque você não tem conhecimento, difícil então quando você se refere a alguém do culto espiritualista como macumbeiro, você tá querendo dizer que aquela pessoa, ela cultua magia negra, até quem cultua mesmo até quem faz uso da magia negra ela tem o direito de fazer o que lhe compete, ela tem um livre arbítrio de fazer e de agir conforme ela acha que tem que fazer, se é certo ou errado ela tem o direito de fazer cabe apenas a Deus, ao supremo, ao ser maior, julgá-la, não somos nós seres humanos mortais que vamos dizer que o que ela está fazendo é certo ou errado, porque na verdade eu sou psicóloga, então para mim eu não só como espiritualista, mas como psicóloga lhe digo que, não existe certo ou errado, no comportamento humano, existem regras sociais que me diz pelas regras impostas pelos homens, o que é certo o que é errado, o que pode, e o que não pode, o que é permitido, e o que não é permitido, mas divinamente falando, ou dentro de um culto religioso nós não podemos dizer se existe (Iyá Solange).

Nossa interlocutora nessa colocação aponta a linha tênue entre o parecer do indivíduo sobre o certo e o errado, enquanto profissional e enquanto candomblecista se posiciona, e esse ditado que ela traz sobre ser “prego e martelo”, destaca como a sociedade se posiciona perante a diversidade religiosa, e faz com que diversas vezes, o mesmo se manifeste a um desserviço ao nosso meio social, trazendo muita agressão e disseminando uma desinformação que não lhe cabe como direito se manifestar, ao que se desconhece.

Assim como, sobre a definição de certo ou errado, adentrando um pouco nessa linha de pensamento, é sabido que foi imposto desde a “Santa inquisição”, as religiões que seriam ou não aceitas dentro da nossa sociedade, nesse período ocorreu um forte apagamento cultural e histórico da cultura de matriz africana, e os colonizadores trouxeram o seu Deus e a sua crença como uma verdade absoluta, perseguindo e matando aqueles que tentavam manter a sua cultura religiosa viva. O retrato que temos hoje na nossa sociedade, sobre impor o que é certo ou errado, vem como consequência da colonização, que tinha como objetivo a imposição e a opressão, pois temiam a liberdade de expressão religiosa, uma vez que com ela não conseguiriam manipular a massa. Esse processo não foi pacífico, foi bem agressivo,

muito sangue foi derramado, e na atualidade ainda estamos lutando contra essa intolerância religiosa que foi imposta, pois, inconscientemente ou não, parte da população não se despertou para essa reflexão e continua reproduzindo um discurso que desconhece a origem, assim perpetuando de maneira diferente a mesma perseguição religiosa, nesta construção de projeto de sociedade que constitui, desde então, em inviabilizar e contribuir para o apagamento cultural da diáspora africana.

Dentro disso, quem evoluiu em constante transformação, buscando sua melhora pessoal, compreende esse percurso histórico e consegue se posicionar contra qualquer tipo de opressão; a liberdade religiosa faz parte do conjunto de nossa identidade e modo de vida, não se trata apenas de uma ideologia ou crença, ela é a manifestação e a expressão de um indivíduo dentro do contexto que está inserido, não se pode roubar a essência de um ser.

Reproduzir um discurso de ódio e difamação é muito comum no cotidiano de pessoas que tem medo e tem dentro de si um desrespeito com aquilo que desconhece, e isso de tal maneira colocado em forma de insulto, não acrescenta, antes invade e agride pessoas que possuem o livre arbítrio de vivenciar sua espiritualidade dentro de sua crença, que não tem alguma necessidade de ser igual a sua, pois onde mora a diversidade mora o conhecimento, mas o respeito a ela, é o maior desafio.

Porque cada religião tem as suas regras, e só quem está dentro dela é que pode saber o que é certo que é errado, então, quem não faz parte daquela religião, não pode dizer se tá certo tá errado, nós não podemos crucificar, julgar, ou ofender ninguém, diante de um assunto que não temos conhecimento, então eu condeno quem chama ou quem se refere a quem quer que seja com esse termo pejorativo de macumbeiro, eu condeno não aceito e não autorizo, vamos dizer assim que alguém faça isso na minha presença...porque não me considero macumbeira, eu sou candomblecista, e nasci kardecista, me tornei candomblecista quando me iniciei a 27 anos atrás e fui raspada e iniciada nos cultos de matriz africana e me tornei adepta dos cultos desta dessa cultura de matriz africana (Iyá Solange).

Nosso entorno dita regras e assume um papel que não é cabível dentro de qualquer normalização a violência seja de menor ou maior grau, propagar o respeito é nosso dever enquanto indivíduo e se referir a uma comunidade espiritualista de acordo com o que se adequa a seu seguimento, mostra que temos respeito e empatia por outro ser, independe de ter ou não a mesma crença que aderimos.

Existem termos que se aplicam e alguns que ofendem quem está dentro de um seguimento, a linha do respeito é você saber chegar em um espaço que desconhece e se referir a uma cultura em conformidade com o que ela coloca como o uso adequado dentro de um seguimento, ir em paralelo à isso causa desconforto e afrontas irreparáveis, não cabe a ninguém se posicionar de uma maneira ofensiva a quem já se denomina de uma maneira.

O importante não é saber o termo correto, é estar aberto ao diálogo, compreender, observar e aprender, e se não souber como se referir ao que se diz respeito a linguagem adequada e apropriada para se utilizar, um diálogo respeitoso na linha da compreensão nunca é demais, se aprende muito quando se senta para escutar, e não chega invadindo e agredindo seus iguais.

Então sou candomblecista de coração amo minha religião e aquele que quiser conhecer um pouco mais do culto eu estou pronta para explicar a respeito, mas não admito que alguém classifique como magia negra porque nós não usamos o nosso culto para o mal porque não precisamos disso, toda religião tem o seu lado positivo e tem o seu lado negativo, e as pessoas fazem da sua religião, tratam, cultuam, o lado positivo ou negativo do jeito que ela quiser, porque quem vai o juiz que vai cobrar dela, dessa pessoa nas suas ações é um Deus supremo, que todos nós sabemos que nós temos um Deus supremo, todas as religiões tem um Deus supremo, que é único, ele é universal... então esse Deus supremo que une todas as religiões, ele um dia vai cobrar nos nossos feitos, as nossas ações, então cabe a ele dizer se eu fiz o bem, ou se eu fiz o mal naquilo que agimos aqui na terra (Iyá Solange).

Logo Iyá Solange finaliza sua fala trazendo uma reflexão sobre sermos unificados enquanto comunidades espirituais, onde cada um apresenta a sua maneira de crença, mas onde cada um tem sua particularidade e merece ser respeitada, isso me traz a luz da compreensão de que a diferença de crença de cada ser, não interfere em manter nossa harmonia e respeito, pois o outro não se resume apenas a sua crença.

Com sua última colocação, observamos que denominar uma palavra para definir um seguimento não é o caminho, quando o mesmo já tem sua própria linguagem, e que estar em uma postura de um olhar que discrimina, ou diminui o indivíduo por sua crença e sua maneira de crer, é um ato de perseguição e racismo religioso, já propagado a séculos além de ser totalmente desrespeitoso, e ainda reproduz um discurso indiretamente, ou mesmo diretamente de ódio.

De certo modo, ninguém deveria estar buscando por respeito, ele deveria ser a base da nossa comunicação com o externo, quando o indivíduo assume uma postura de desrespeito, já está distante da essência da harmonia, que é de uma comunicação não violenta, o desrespeito torna o sujeito, um ser desumanizado, onde o desvio de caráter se torna sua característica latente, o respeito poderia existir de forma natural, sem que tivéssemos que buscar uma posição dentro da sociedade.

Figura 7 - Iyá Solange Aparecida Xavier com Babalorixa Jil Alessandro d' Ibo



Fonte: Registro pessoal de Dábini Dantas Soares.

Se faz necessário que essa reflexão sobre a intolerância religiosa seja em formato de expandir a limitação enquanto pessoas que buscam uma melhora de si, para que unidos possamos combater todos os tipos de opressões reproduzidas por nossa sociedade como fruto do colonialismo, não cabe mais reproduzir um discurso de ódio. Quando se respeita a diversidade cultural, religiosa e todas as outras categorias, estamos de fato buscando a união de todos os povos, e isso sim gera uma transformação interna que repercute no nosso entorno, e traz uma mudança de postura através do diálogo e da linha da compreensão de acolhimento de todos, sem diferenciar o que não escolhe uma jornada igual a sua.

Nosso país é rico em diversidade, mas vale lembrar que a opressão se apresenta a todo instante, com mulheres, negros, indígenas, comunidade LGBTQI+ e com o seguimento de matriz africana, se toda a base se fortalecer em um discurso e em conteúdos em nossas leituras, que tragam reflexões de igualdade e união, propagamos o conhecimento que é na verdade o saber interdisciplinar, é nele que mora a riqueza na particularidade e singularidade de cada ser que compõe esse todo.

Aprendendo a nos respeitar, também nos harmonizamos com a natureza, e com seu entorno, levando sim a palavra de respeito a todos os seres vivos, e a todo nosso Ecossistema. Mas a mudança começa, internamente, estando disposto a ser aprendiz da linguagem interdisciplinar, assim carregamos a chave do discernimento e da completude de sermos um povo só.

4 A CULTURA DE MATRIZ AFRICANA E SUA IMPORTÂNCIA NO MEIO CULTURAL E EDUCACIONAL

Neste capítulo, iremos trazer um pouco sobre o meio cultural e educacional como pilares de ferramentas de ação ao combate do racismo estrutural e intolerância religiosa. A escolha para trabalhar com essas temáticas, se deu através da entrevista com o Babalorixá Robson Facioli, dentro do seu escritório no barracão, quando ele apresentou o espaço e pontuou sobre essas temáticas e fez uma breve explanação sobre os movimentos que participa, trazendo também uma breve introdução a respeito das plantas que ali estavam presentes.

Neste momento gostaria de apresentar o seu trajeto espiritual dentro da cronologia temporal, onde acessamos um pouco de sua jornada trabalhando na cultura de matriz africana, até o momento em que inicia sua patente no Axé Taquarussu.

Vou fazer a cronologia temporal, em 95 eu me iniciei, na nação Angola, me iniciei lá, tomei obrigação de um ano, dois anos, em 2002 eu tomei sete anos, em 2004 para 2005 passei pra nação Ketu e hoje estou na mesma, que somos Axé Parque Fluminense, Rio de Janeiro, “*Ilê Babá Ogum Megegê Axé Baru Lepé*” (casa de candomblé de Xangô), nosso saudoso pai baiano. (Babalorixá Robson Facioli).

Figura 8 - Babalorixá Robson Facioli no “Ilé Àse Ógiyian Oluodo”



Fonte: Registro pessoal de Babalorixá Robson Facioli

O nome do Instituto Axé Taquarussu é “*Ilé Àse Ógiyian Oluodo*” (Casa do Orixá dono do Pilão de duas bocas), se encontra localizado no município de Campo Grande (MS), como mencionado na apresentação dos caminhos metodológicos, mas vamos entender como foi seu início, e entender sua história.

O Axé Taquarussu nasceu no ano de sessenta e nove, em Dourados, ele era a “Tenda de Umbanda Oxóssi caçador e Ogum Megê” que era do meu pai, de lá ele mudou para a vila Carvalho em Campo grande, e em noventa e nove, que ele migrou para o Taquarussu, aonde está até os dias atuais, e em 2002 onde eu tomo a obrigação de sete anos e recebo o título de Babalorixá e herdeiro do Axé (Babalorixá Robson Facioli).

Figura 9 - Brasão do “Ilé Àse Ógiyían Oluodo”



Fonte: Registro pessoal de Babalorixá Robson Facioli.

Através do Instituto do Axé Taquarussu nós criamos o Fórum Permanente das Religiões de Matriz Africana de Mato Grosso do Sul, no qual eu estou presidente, o fórum já participou de várias ações, eventos, estaduais municipais, até a nível nacional, fomos convidados agora para participar do primeiro encontro dos povos de terreiro (Babalorixá Robson Facioli).

Figura 10 - Fórum Permanente das Religiões de Matriz Africana de Mato Grosso do Sul



Fonte - Registro pessoal de Babalorixá Robson Facioli.

Através da Matriz Africana do Instituto Axé Taquarussu e do fórum o ano passado nós conseguimos criar o colegiado setorial da cultura afro, conseguimos uma cadeira na cultura, nós estamos inseridos no conselho estadual e municipal do conselho do negro, estamos inseridos no SUS, eu estou conselheiro da UBS Dona Neta, estamos tentando estar em todo lugar, para ocupar espaços dar visibilidade as matrizes (Babalorixá Robson Facioli).

Com a apresentação do nosso interlocutor, sobre a criação do fórum permanente das religiões de matriz africana que conseguiram criar e através dessa vivência e participação em diversos eventos, conseguiram acessar uma cadeira na cultura criando o colegiado setorial de cultura afro, por esse motivo dentre outros, este capítulo irá pontuar essas temáticas, pois a vivência e a experiência babalorixá Robson, nos permite aprender um pouco sobre o que vem sendo pautado e possui relevância para a comunidade de Matriz Africana.

Nosso interlocutor apresenta que também está inserido no conselho do negro, em âmbito estadual e federal e agora, se encontra levando assistência, dentro da UBS Dona Neta, com isso observamos, as diversas frentes que germinarão através do instituto Axé Taquarussu,

garantindo a visibilidade dos povos de terreiro, ocupando as frentes necessárias, para tomadas de decisões e discussões.

4.1 MOVIMENTO CULTURAL: UMA VIA QUE CONTRIBUI COM A COMUNIDADE CANDOMBLECISTA NO CONTEXTO SOCIAL

Considerando o estado em que estamos (Mato Grosso do Sul - MS) e levando em consideração seu contexto cultural, trouxemos esse assunto para abordar a importância do fortalecimento e investimentos na cultura, sendo esse um gancho para se compreender como esse movimento de base e de arte pode tocar no amago de cada ser vivente, pois a cultura é um alimento da alma e do Espírito, ela não escolhe raça ou gênero, ela não discrimina, ela é inclusiva e não excludente.

Dentro da via cultural, como espectadores, temos esse retorno da cultura, mas todo ser humano desenvolve habilidades além do que se diz ser o necessário para a sobrevivência, o trabalho, a educação, nossa saúde e alimentação, porém é sabido que poucos tem acesso a esse pilar definido pela sociedade como o ideal para se ter e garantir bem estar, quando na verdade sabemos que a cultura ela atinge a margem da sociedade e também a elite por assim dizer, ela amplia e gera uma nutrição e uma alegria imensa para que sigamos nossa jornada.

Contudo, se estivermos atentos ao que se apresenta dentro de nós, descobrimos que todos tem um pouco de arte em si que é manifestado de diversas maneiras, não vamos limitar a artes visuais ou cênicas, temos também os musicistas, as pessoas que trabalham tocando em festas ou na construção de letras para o rap que recebe muitos jovens periféricos, acolhendo e dando um novo caminho até mesmo para os mais necessitados, assim sendo, as formas artísticas são diversas e sem arte é impossível viver.

Trazendo essa temática buscamos um diálogo com nosso interlocutor, que iremos nos referir a ele como mencionado, Bábá Robson, as reflexões por ele trazidas sobre o tema proposto nos permite conhecer um pouco da dinâmica do trabalho que desenvolve juntamente com a comunidade candomblecista.

Seu espaço cultural fica localizado no município de Campo Grande (MS), no bairro Taquarussu, nomeado como “O Templo” onde trazem a cultura do Samba, fica ao lado do barracão, onde são realizados os trabalhos.

Figura 11 - Emblema da escola de Samba “O Templo”



Fonte: Registro pessoal de Babalorixá Robson Facioli.

Em relação ao espaço cultural, quando se diz na palavra cultura, as Matrizes Africanas, diáspora dos povos tradicionais é cultura, nós somos cultura; Desde a gastronomia à vestimenta, a trança, a pintura, ao idioma, e ao toque, né? A percussão... então quando eu abri, um espaço, abri também uma escola de samba que hoje a escola de samba do povo de terreiro, é muito importante. Porque é o espaço que nós temos para levar pra realmente quem somos, onde estamos e o que realizamos (Babalorixá Robson Facioli).

A sua colocação sobre seu espaço cultural já vem trazendo sua motivação para se ampliar o terreiro em uma extensão cultural, ele traduz e se manifesta perante a sociedade para afirmar quem são através da cultura do samba, que também tem suas raízes firmadas no solo brasileiro através dos afrodescendentes e é muito forte e representativa em todo território nacional.

Neste olhar, se observa a autoafirmação de um povo dentro do contexto social e cultural, este espaço já reconhecido em território nacional como um viés de Matriz Africana, além do samba trazer esse legado ancestral, ele afirma a resistência e resiliência de um povo e sua essência cultural, dentro de um apagamento cultural que ocorreu por anos, e ainda ocorre, ter um espaço de autoafirmação de uma identidade cultural representativa é muito simbólico e essencial.

Observamos a importância de se ocupar este local de representatividade, se estivermos observando o contexto histórico, anteriormente os afrodescendentes tinham que esconder sua cultura para não sofrer perseguição e racismo religioso, a capoeira não era bem vista, nem mesmo os instrumentos hoje tocados no samba, mas a resiliência e resistência de um povo que estava a margem da sociedade, agora ocupando o centro e seu espaço de identidade cultural, traz novamente uma motivação para gradativamente se caminhar em busca de mais respeito, também se utilizando da ferramenta cultural.

A cultura possibilita mergulhar em um universo de saber autêntico e diversificado, ela representa diversas culturas e povos de diversas maneiras, também consegue acessar a sociedade em um nível mais amplo, que as vezes em um diálogo ou reflexão não conseguimos o mesmo alcance no nível social, desta maneira, ela se torna uma ferramenta positiva e de muita força para a manifestação de múltiplas linguagens e crenças.

Compreendemos que há um saber orgânico e um saber sintético. Enquanto o saber orgânico é o saber que se desenvolve desenvolvendo o ser, o saber sintético é o que se desenvolve desenvolvendo o ter. Somos operadores do saber orgânico e os colonialistas são operadores do sintético (DOS SANTOS, 2018, p. 6)

O movimento cultural não se limita apenas à música, como mencionado por nosso interlocutor, a Matriz Africana é a própria cultura desde sua vestimenta à gastronomia, neste ponto, vale lembrar que a agricultura também se construiu com o conhecimento dos afrodescendentes, o navio negreiro trouxe pessoas escravizadas que possuíam uma cultura forte e milenar, que trouxeram seus conhecimentos agroecológicos, e sistemas de plantio e relação com a terra assim como os povos originários, tinham seu saber onde aqui propagaram assim, os saberes das ervas e manuseio delas para cura de enfermidades e para alimentação, desde o plantio até o período correto para a colheita, como já mencionado anteriormente, na contextualização dos temas abordados.

Este tema também aborda a etnobotânica, dentro desta linha de pensamento, onde boa parte dos saberes que temos hoje dos fármacos, da agricultura e dos saberes gastronômicos vieram da cultura afrodescendente ou dos ancestrais indígenas logo, aqui se torna presente o conhecimento do Reino Vegetal, muitas pessoas fazem uso deste saber e ainda assim, possuem em si, um preconceito com os povos de matriz africana ou indígena.

Quando estamos doentes ou indispostos, muitas vezes nos recomendam um banho de ervas, um chá, ou mesmo uma combinação de alimentos para aumentar nossa imunidade,

estamos fazendo o uso de ensinamentos que vem do Candomblé, ou da umbanda indiretamente, apenas não tomamos conhecimento disso, e mesmo fazemos o uso de receitas ou banhos que são passados por eles, muitos ainda faltam com respeito a essa cultura tradicional ancestral.

Dentro deste espaço vale ressaltar que Bábá Robson está à frente de diversos movimentos culturais da cidade de Campo Grande (MS), além de estar à frente do Sindicato de Matriz Africana e em diversos movimentos de cultura, arte e educação.

Então você vê hoje, vamos falar de Carnaval como o templo (O Grêmio Recreativo Cultural e Social Escola de Samba O Tempo) então o templo é uma escola de samba que hoje ela vem com uma temática, das matrizes africanas, você vê São Paulo e Rio, a maioria dos enredos, eles falam lá de Maria Bethânia, fala de Iansã, de mãe menininha e Exu que ganhou o Carnaval (Babalorixá Robson Facioli).

Levantando a temática cultural, se observa que ela se apresenta como modo de vida, ele nos pontua a importância e a relevância da formação desse espaço e de sua escola de samba, traz o resgate cultural através da simbologia com os seres e divindades da cultura de matriz Africana, assim como leva isso ao contexto social, gerando um impacto positivo que se constrói no rompimento da ignorância e da busca por conhecimento, interesse pelo desconhecido.

Estamos direcionados a olhar a linguagem musical apenas como uma distração cultural para nossos momentos de lazer, mas se observarmos a fundo, cada estilo musical tem sua representatividade e legado histórico-cultural, direcionar nosso olhar para esse contexto, possibilita ver além do superficial, adentrar as entrelinhas das camadas culturais existentes, na música, em suas composições, nos instrumentos utilizados e no modo de fazer as coisas.

A arte é conversa das almas porque vai do indivíduo para o comunitarismo, pois ela é compartilhada. A cultura é o contrário. Nós não temos cultura, nós temos modos – modos de ver, de sentir, de fazer as coisas, modos de vida. E os modos podem ser modificados. Quando a gira está rolando num terreiro e alguém puxa um ponto, todo mundo canta junto. Colocamos uma toada, compartilhamos essa toada e cada um vai com a letra. É assim que fazemos. Dentro da cultura, é preciso se submeter às notas (DOS SANTOS, 2023, p. 11)

Os instrumentos musicais utilizados no samba são feitos do mesmo material, em diversas localidades e isso é cultural, ancestral e social, como (agogô; atabaque; reco-reco; berimbau) se analisarmos em um âmbito de construção, fazendo um paralelo ao tema nesta dissertação abordado, o reino vegetal.

O instrumento atabaque por exemplo, é utilizado não só na roda de samba mais a muito tempo é um instrumento valioso na cultura de Matriz Africana do Candomblé, onde o mesmo instrumento recebe nomeações diferentes de acordo com sua forma e tamanho, assim como seu sincretismo espiritual.

Figura 12 - Representação do instrumento Atabaque no Axé Taquarussu



Fonte: Registro pessoal de Babalorixá Robson Facioli.

Esse conjunto de atabaque é tocado em uma sequência específica no barracão de Candomblé para evocar a presença dos Orixás, o condutor é o atabaque “Rum” que possui o registro do grave, existe uma diferença na elaboração dos atabaques de terreiros e do que é comprado com finalidade artística, isso acompanhei dentro de alguns documentários que assisti sobre a construção de um atabaque.

Existe um sincretismo ancestral no atabaque que se faz para tocar dentro de uma casa de Candomblé desde o couro a madeira utilizada, e ao adentrar na mata para iniciar esse processo de construção do instrumento, mas o que vale lembrar é que existe essa ligação entre um instrumento que é usado nas rodas de samba com o Candomblé pois é de lá a sua origem.

Buscando mais a fundo sobre o registro deste instrumento, nos documentários e ao dialogar com alguns amigos que frequentam o Candomblé, se diz que ele já foi utilizado como uma forte representatividade nos momentos de levantes de guerra para libertação dos povos escravizados, sendo uma grande representação do levante de escravos na Bahia.

Dentro da mesma perspectiva temos o Berimbau, que é um instrumento muito conhecido por ser utilizado na roda de samba e na capoeira, essas vertentes estão interligadas dentro da herança ancestral de Matriz Africana advindo da diáspora do território africano.

O agogô também é um instrumento utilizado, no samba de roda, na capoeira e no Candomblé, esses instrumentos estão conectados a mesma fonte cultural, a ancestralidade dos afrodescendentes, inclusive tanto o samba quanto a capoeira, não estão isolados da cultura tradicional de Matriz Africana, nem todos os capoeiristas são candomblecistas, mas em sua grande maioria se tem muito respeito, pois sabe que a essência da capoeira está diretamente ligada a diáspora africana e sua memória cultural ancestral.

Dentro desta perspectiva, não fugimos do tema proposto e sim damos um novo sentido, pois a escrita aqui não está condicionada a um tema específico e sim nas histórias de vida, onde o interlocutor nos direciona dentro das reflexões lançadas em nosso diálogo interdisciplinar.

Nessa linha de pensamento, um indivíduo que está dentro de um espaço, e se encontra representado na sociedade através de uma vertente cultural e assim se autoafirma, enquanto povo e comunidade, abre mais espaços para trazer sua cultura e seu segmento para a visão da sociedade, isso faz com que o preconceito e a hostilidade diminuam com o decorrer do tempo.

Podemos afirmar que em alguns casos é visto com um enfrentamento, para outras religiões que não dão abertura para outros segmentos, mas uma escola de samba ao representar, os caboclos, os Orixás, já quebra muito o padrão direcionado aos candomblecistas na sociedade, como foi visto em algumas escolas no carnaval, por nosso interlocutor citado.

Dentro dessa perspectiva, em uma observação histórica, onde o silenciamento e o apagamento cultural foi tão forte, que as pessoas que faziam capoeira ou mesmo eram vistas com esses instrumentos eram perseguidas, hoje termos essa repercussão nacional, é um marco de total relevância para a cultura de matriz africana, que se apropria novamente do seu espaço na sociedade em sua expressão de culto e cultura, formando um elo que sempre existiu, mas com uma visibilidade maior, onde podem manifestar sua crença e obterem mais respeito da sociedade.

Na Grande Rio então, o Google lançou que bateu o recorde de procura sobre a palavra Exu; O que é Exu? Então as pessoas associam Exu ao Diabo da Igreja Católica, cristã, Exu, não é o Diabo.

Exu pra nós ele é um mensageiro, ele é o interlocutor, entre o Aiê que é a terra e o Orum que é o céu, então é ele que leva os nossos pedidos, e que traz a devolutiva dos orixás.

Então a cultura e os espaços são muito importantes pra gente reafirmar a nossa identidade enquanto negro o encontro LGBT, enquanto mulher, enquanto militância, enquanto resistência, e mostrar para as pessoas, um pouco da percussão, um pouco

da dança, da magia, das histórias, que são os Itans dos orixás (Babalorixá Robson Facioli).

Nesse trecho retrata a importância de ter esse tema na escola de samba, pois repercutiu de alguma maneira e despertou em várias pessoas, a busca por um conhecimento sobre o desconhecido, uma palavra que por anos vem sendo um símbolo pejorativo e negativo dentro da sociedade.

A associação do Exu com o demônio, não vem de hoje, não apenas dos cristãos protestantes, mas sim de toda a sociedade que não se aprofunda na busca de conhecimento e dissemina o preconceito, que nada mais é do que a falta da busca por conhecimento, ele representa a ignorância e ausência do interesse sobre determinado tema.

Em grande maioria, essa associação de um “ser” desconhecido pela massa da sociedade ser demonizado, vem desde a “santa inquisição”, essa perseguição deixou vários frutos podres enraizados nas mentes e pensamentos que destoam da realidade que essa palavra representa dentro de uma comunidade ancestral e que tem seu valor e sincretismo, assim deveria ser respeitada e não demonizada.

Essa busca desenfreada deste termo dentro das pesquisas do Google foi realmente um marco histórico, pois de alguma maneira, muitas pessoas foram aguçadas ou por curiosidade ou por busca de conhecimento, a desmistificar a simbologia que a palavra “Exu” vem carregando desde então, como sabido não se trata de apenas uma busca sobre uma palavra.

Quando essas pesquisas foram feitas eles encontraram não apenas um significado, e sim uma simbologia um sincretismo para um culto religioso, encontraram um pouco do que temos nos registros da essência da história deste ser, desta entidade, foram em busca de compreensão, essa busca é a quebra de barreiras do desconhecido, amplia a cosmovisão, dando abertura para uma nova perspectiva e uma nova narrativa na sociedade.

A cultura aproxima a sociedade de diversas culturas, trazendo a narrativa de uma maneira poética, sensível e sutil, ela atrai os olhos da humanidade de uma maneira peculiar, sem invadir e sem agredir, ela sensibiliza para o que estiver sendo apreciado, desperta no outro a abertura para outras percepções.

Além disso, a cultura possibilita que a manifestação artística seja como ela é em sua essência, sem camuflar, sem se limitar, sem se preocupar com o olhar externo, ela é precursora da liberdade de expressão, com isso a arte desenvolve esse poder de transformação na sociedade.

O movimento cultural associado ao modo de vida, desenvolve um papel social fundamental na sociedade, é um espaço onde conseguimos autoafirmar nossa identidade através da manifestação artística, e assim, ocupar todos os espaços e tornar este espaço um local de acolhimento e diversidade, onde a expressão transformada em arte, transmute toda hostilidade a qualquer tipo de preconceito social.

Figura 13 - Participantes do Espaço Cultural O Templo



Fonte: Registro pessoal de Babalorixá Robson Facioli.

Os movimentos de manifestação cultural, assim como raciais e religiosos, tem trabalhado muito, reforçando as políticas identitárias africanas, buscando preservar os direitos humanos considerando sua especificidade étnica, sendo essa, uma postura essencial para existirmos enquanto uma sociedade sadia.

Dentro desse percurso de apagamento cultural histórico, que afeta o âmbito cultural e educacional, uma resiliência e resistência é a maneira de militar contra a ideologia eurocêntrica que veio nos assolar como herança do colonialismo.

Certa vez, fui questionado por um pesquisador de Cabo Verde: “Como podemos contracolonizar falando a língua do inimigo?”. E respondi: “Vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las. Por exemplo, se o inimigo adora dizer desenvolvimento, nós vamos dizer que o desenvolvimento desconecta, que o desenvolvimento é uma variante da cosmofofia. Vamos dizer que a cosmofofia é um vírus pandêmico e botar para ferrar com a palavra

desenvolvimento. Porque a palavra boa é envolvimento” (DOS SANTOS, 2023, p.3).

Dentro deste cenário social e territorial, a cultura e a educação dentro da nossa sociedade, desenvolve um papel fundamental, de tornar cidadãos mais conscientes e despertados, que entendam o significado da palavra respeito, e pratiquem, assim consecutivamente, tratem a diversidade com acolhimento, para isso, um plano de ação que faça a conexão da cultura com a educação, se torna uma ferramenta valiosa dentro dos âmbitos sociais, culturais, religiosos e políticos.

Então é o momento de a gente poder levar pra escola, que é um momento de formação do caráter, do perfil das crianças, a história de como os negros vieram, escravizados, então foram reis, foram rainhas, foram francesas que vieram escravizados para o Brasil (Babalorixá Robson Facioli).

Babalorixá, enfatiza novamente, sobre o impacto positivo para a própria comunidade, que é o reconhecimento e afirmação de quem são, como seres deste mesmo solo, trazendo através da cultura, um contato com uma educação inclusiva e diversificada, que da mesma maneira integra do social ao cultural, transmitindo a essência da comunidade candomblecista e desmistifica um pensamento colonizador.

Quando ele nos aponta, a importância de levar isso as escolas de maneira inclusiva, com uma linguagem em referência aos negros que vieram no navio negreiro, se comprova que até mesmo o que se é construído na formação e ensino básico, é uma base muito superficial.

Assim como, é sabido que a educação se torna corrompível por conta dos frutos da colonização e da ideologia eurocêntrica, mas o que nos assusta é se perpetuar o mesmo discurso a séculos, sabemos que a educação poderia já ter transmitido a real trajetória em um viés histórico dos afrodescendentes.

Trazer a tona o processo de invasões em seus territórios e corpos, subjugando os mesmos a seres inferiores, sem dizer quem foram às nações trazidas para o Brasil, preferem não retratar essa história com mais profundidade e sim com superficialidade, isso comprova que até hoje o sistema educacional não tem sido uma ferramenta de ação que combate o racismo estrutural.

Destaco uma sucinta contextualização, para quem não está familiarizado com esse termo. Segundo Bersani (2018), o racismo esteve a serviço do sistema colonial implantado no nosso país desde que os afrodescendentes e a população negra foram dominada e teve seus corpos subjugados, sendo apropriados em benefício do fortalecimento do sistema econômico capitalista e submetido a uma posição marginalizada, dentro disso, se observa a proporção política do racismo, constituindo ele estrutural, desde as práticas escravistas no Brasil.

Diversos discursos e teorias assim como apagamento cultural ocorreram desde o surgimento da verdadeira história dos afrodescendentes que vieram ao Brasil, as teorias absurdas e ideologias que reprimem e disseminam o ódio da sociedade como um todo é latente, mas aqui nosso interlocutor, apresenta uma parte da história que não é enfatizada nos livros didáticos, um ponto observado na minha jornada através do meu contato com estudantes, quando trabalhava com reforço escolar.

Em um desses navios vieram três princesas do reino de Oyó na casa de Xangô que é Iyá Detá, Iyá Kalá e Iyá Nassô e elas conseguiram junto com a comunidade assim que foi instaurada a lei, pagar a soltura delas e formaram e fundaram, através de uma consulta do oráculo de fato, Xangô determinou que elas seriam as primeiras mães de santo e Iyás do Brasil.

E aí se fundou a Casa do Engenho Velho (Ilê Axé Iyá Nassô Oká) então quando fala de cultura tudo isso é importante saber, as crianças que as vezes a mamãe e o papai vê a pessoa de branco na rua, aí ela já diz: é coisa do diabo meu filho, é o demônio (Babalorixá Robson Facioli).

A constante busca por respeito e luta por combate ao racismo religioso que acontece de séculos até os dias atuais, se deu nessa construção da visão eurocêntrica, onde denota o motivo de termos o preconceito ainda muito latente e a perseguição religiosa ainda presente.

Se dentro dos espaços, nós conseguíssemos trazer a realidade histórica de maneira mais aprofundada, teríamos um outro ângulo dessa jornada sem o impacto do apagamento cultural, essa tentativa hoje é a grande desconstrução onde a comunidade insiste em levar a sociedade uma visão consciente e plural, saindo dessa capsula criada pelo colonialismo.

Dentro dos relatos históricos, o Candomblé mais antigo do Brasil, surgiu no início do século XIX, localizado em Salvador-Bahia se chamava Barroquinha, onde se estabeleceu uma comunidade de ascendência Iorubá sendo denominada Candomblé da Barroquinha (Ilê Asé Airá Intilê), neste local os africanos cultuavam as Divindades. Esse espaço foi idealizado por lideranças femininas do território de Oyó e Ketu, que se localizam na atual Nigéria, aonde vieram para o Brasil na condição de escravas. Essas Iyás eram princesas no solo africano sendo Iyá Detá, Iyá Kalá e Iyá Nassô, condicionadas a lidar com a brutal imposição da escravidão quanto a privação da liberdade cultural e religiosa para além da física (BARROS; AZEVEDO, 2021, p.115).

Esses relatos nos pontua a força, a resistência, a resiliência e a sabedorias das princesas Africanas, que mesmo sendo submetidas a uma condição totalmente diferente da realidade e vida que tinham, ao chegar no solo brasileiro sob essa lamentável condição de vida, com seus corpos e vidas invadidas e bruscamente violentadas, mantiveram sua conduta de sabedoria fina, trazendo a todos a luz do conhecimento, e mesmo diante da nova realidade,

conseguiram levantar o seu império que estava dentro de seus corações e pulmões, a vida da cultura viva da Matriz Africana, como seu suspiro da alma.

Figura 14 - Babalorixá Robson Faciroli com a imagem do Pai Oxalá no Axé Taquarussu



Fonte: Registro pessoal de Babalorixá Robson Faciroli.

Além disso, elas também implantaram um sistema único de auxílio a todos da comunidade candomblecista, mas também da população que habitavam naquela região. Elas formaram uma corrente de solidariedade que atendiam a todos da sociedade, pessoas com problemas mentais, com problemas emocionais, e com doenças no corpo físico, doenças orgânicas, elas trabalhavam constantemente para o auxílio de todas as pessoas que procuravam um Barracão de Candomblé em busca de saúde e amparo.

Por este histórico e acolher pessoas que estão enfermas ou com problemas no seu dia a dia muitas pessoas se aproximam hoje do Candomblé com um olhar mais amoroso e pouca hostilidade, vão a busca de auxílio encontram amparo da espiritualidade, e assim, acabam abrindo a sua mente e acessando um olhar distinto, sem pré julgamentos desse grupo ancestral.

Essa postura também é um retrato histórico do que os afro descendentes passaram quando chegaram do navio negreiro, sendo separados da sua nação, pois quando eles vieram, foram misturados, e diante das condições que ficaram no Brasil como escravos, o acesso a saúde e a tratamentos era muito escasso, com isso, eles buscaram se apoiar e perpetuar esse zelo uns com os outros, através de seus conhecimentos sobre as ervas medicinais, muitos mantinham dentro de si viva a sua cultura de matriz africana.

Como já mencionado, a cultura é um espaço onde a diversidade se faz presente e é mensurada, levando para a sociedade uma nova perspectiva sobre um tema, e isso é de extrema relevância para a cultura candomblecista, para que se diminua esse preconceito que existe sobre essa religião e para que haja mais respeito da sociedade para com esse segmento religioso.

Aqui mesmo no terreiro às vezes a gente está na frente tomando um tererê, as pessoas atravessam antes de passar na rua atravessam do outro lado pois elas atravessam novamente quando passam o terreiro.

Então você já vê aí a intolerância, culturalmente os pais e as mães já vão pregando aos filhos que nós somos do diabo, nós somos do capeta tem pessoas que dizem que a gente mata criança para fazer sabão, né? Vivemos aí na era das bruxas, da perseguição (Babalorixá Robson Faciroli).

Infelizmente, dentro desse trecho, encontramos na fala do nosso interlocutor a descrição do que ocorre diversas vezes no cotidiano de quem optou por estar dentro desse segmento religioso, de como vivenciar esse processo de intolerância religiosa causa não apenas um desconforto, mas uma invasão e desrespeito a individualidade, é algo tão enraizado e que vem sendo passado de gerações a gerações e tem trazido muitas questões delicadas, até mesmo a violência para com pessoas que deveriam apenas ter a sua liberdade religiosa sem correr riscos de morte.

A humanidade se posiciona de maneira muito hostil, em relação as religiões de matriz africana, além do racismo religioso ser algo estrutural e uma herança deixada pelos colonizadores, é inacreditável a forma como isso ainda se repercute dentro da nossa sociedade, já no século que estamos, e as pessoas ainda ter o livre arbítrio podado, de escolher que caminho religioso seguir, a intolerância mata pessoas, a intolerância, desrespeita a liberdade do outro, a intolerância invalida o discurso do outro e vem carregada de ignorância, isso não é um retrato de uma sociedade sadia.

Se formos observar, quantas pessoas já não viveram ou sofreram uma violência por ser negro por ser do Candomblé, ou por sua orientação sexual, a nossa sociedade trata a

diversidade de uma maneira tão repugnante a ponto de demonizar o outro, para ter pessoas que pensem e tratem o que é diferente como eles tratam, isso é um erro muito grande que vem tomando uma proporção devastadora, pois vem acompanhada de um discurso de ódio.

Essa demonização, que ocorre hoje, com a comunidade candomblecista, essa visão distorcida das pessoas que frequentam o Candomblé, leva um indivíduo a perpetuar esse mesmo discurso de ódio e racismo religioso.

A intolerância religiosa, não é apenas uma problemática de um indivíduo dentro da sociedade como um todo, se trata de políticas públicas, ela é estrutural e vem sendo um problema, para que indivíduos possam ter a sua liberdade, e a sua expressão religiosa, demonizando a sua imagem enquanto cidadão e fazendo com que essa pessoa corra o risco de vida desnecessariamente, por falta de acesso à informação por pura ignorância, é um estado de calamidade pública.

O retrato no espaço tempo que nosso interlocutor nos leva, foi de algumas vivências que passa com pessoas que transitam em sua rua, e enfatiza como o preconceito pode ser enraizado e transmitido desde a primeira infância, distanciando ainda mais do diálogo entre as partes envolvidas, que seria a sociedade como um todo.

É muito importante ter esse espaço cultural, quando se fala de cultura, que possamos explicar e lucidar não que as pessoas têm que adentrar a nossa religião, mas pelo menos entender e respeitar.

Então reafirmando a questão cultural, pra nós ela nos ajuda muito, porque é um espaço, pra diálogo, é um espaço para conhecimento, é um espaço pra tirar dúvidas, são muitos ganhos, falar de cultura é um meio muito poderoso, importante, forte, através também da organização das políticas públicas, para os próprios estacionais de terreiro (Babalorixá Robson Faciroli).

A representatividade de seu espaço cultural, está para além de propagar cultura, ele também aproxima no diálogo de maneira mais leve, didática, uma vertente, mas efetiva para se obter uma comunicação não violenta, e sim, de acolhimento a quem busca melhorar, ampliar sua visão, se tem mais espaço para o novo sem um olhar fragmentado e superficial, a cultura acessa esses portais de uma maneira muito harmônica, pois sem a arte não nos comunicamos por completo.

Plenitude é um estado de espírito que a arte é capaz de proporcionar, estabelecendo e aguçando a criatividade apagada em nosso ser, com isso nos tornamos seres mais despertos e sensíveis, assim a manifestação de arte do outro, quando não se compreende, se busca

dialogar, sem julgamentos, a arte é uma ferramenta muito eficaz e que geram bons resultados, a cultura aproxima todas as classes e acolhe todo tipo de diversidade.

Na citação acima, Babalorixá Robson, traz a conexão entre a cultura local e as políticas públicas, como forma de acessar o direito de exercer sua cidadania, compreendendo e adentrando diversos âmbitos que possui relevância para uma visibilidade e respeito para os povos de terreiro. A comunidade candomblecista é força, resistência e sabedoria, estão em resiliência e combatendo o racismo religioso no seu dia a dia. Reforça a importância do respeito que deveria vir de qualquer ser para com o outro, direito a escolha de ser e existir, vivendo com suas crenças e liberdade religiosa sem precisar sofrer um silenciamento ou um ataque.

4.2 A EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA DE AÇÃO E TRANSFORMAÇÃO E SEUS IMPACTOS NA CULTURA DE MATRIZ AFRICANA

A educação é um veículo de transformação que possibilita uma alternativa e não deixa de ser uma ferramenta de ação contra o racismo estrutural e contra qualquer tipo de preconceito ou discriminação, seja ela étnica, religiosa, política ou cultural. Levando esse aspecto em consideração, o sistema educacional como uma ferramenta de ação de combate a temas que dentro da sociedade são prejudiciais, como a liberdade de um indivíduo e sua expressão enquanto cidadão torna esse espaço um local de conscientização, sensibilização e transformação de uma geração.

Possivelmente, se dentro no modelo educacional, obtivéssemos um espaço onde se pudesse elucidar a diversidade étnica cultural e religiosa, influenciando na construção do indivíduo em sociedade para um convívio mais harmonioso com a diversidade, teríamos uma oportunidade de trabalhar em cada ser, o despertar para um olhar diverso, sem julgamentos e derrubando os muros de opressão.

Constata-se que as políticas educacionais não incluindo em sua ementa de projetos, ações voltadas as questões de políticas públicas, descumpra parte do seu papel, quando por exemplo acabam vetando, temas que poderiam ser abordados dentro das escolas e das universidades, e que acrescentaria em cada indivíduo em sua construção de saberes, a meu ver.

O ensino aprendizagem sendo progressista, conta com uma liberdade, e autonomia dos educadores de aplicarem uma dialética mais plural e sem estarem condicionados à uma

educação bancária. Com isso, despertar a cosmovisão dentro do âmbito social em que estamos inseridos, para que assim, as políticas educacionais de mais abertura, para as políticas públicas, serem de fato efetivas dentro de um âmbito educacional.

Se manifestar livremente no meio educacional, é de total interesse dos educadores já conscientes, assim como, a flexibilidade dentro dos programas educacionais, de terem conteúdos e temas que abordem o respeito e a diversidade, como um conjunto de transformação, dentro do nosso modelo de uma sociedade sadia.

Santos, nos chama a atenção, afirmando que,

Os colonialistas, povos sintéticos, são lineares e não transfluem, eles apenas refluem, porque são o povo do transporte. Para eles, o pé é o conteúdo e o sapato é a 30 forma, e ponto final. Não conseguem compreender o sapato como conteúdo e o pé como forma, porque vão responder que o pé está dentro do sapato. Ora, não é bem assim. O meu pé determina o tamanho de um sapato, não é um sapato que determina o tamanho de um pé. Os eurocristãos colonialistas só podem ir e refluir, porque não circulam, como nós. O transporte vai e volta, em linha reta (DOS SANTOS, 2023, p.31).

A educação bancária que temos, forma indivíduos inconscientes e programados para um pensamento categorizado como o modelo ideal de cidadão que seja reprodutivista. Nessa camada de produção econômica, acredita que alcançar o respeito e adquirir bens materiais é o essencial, gerar algum lucro econômico para fazer nossa economia girar, e acaba se esvaindo dentro desse universo, a essência da educação, que é ser um agente de transformação no mundo.

É isto que nos leva, de um lado, à crítica e à recusa ao ensino “bancário”, de outro, a compreender que, apesar dele, o educando a ele submetido não está fadado a fenecer; em que pese o ensino “bancário”, que deforma a necessária criatividade do educando e do educador, o educando a ele sujeitado pode, não por causa do conteúdo cujo “conhecimento” lhe foi transferido, mas por causa do processo mesmo de aprender, dar, como se diz na linguagem popular, a volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do “bancarismo” (FREIRE, 2011, p.18).

A cultura do armamento, compactua com uma sociedade doente que não aprendeu a se comunicar e não desenvolveu o respeito ao próximo, uma sociedade sadia, defenderia a educação, e a liberdade de expressão de cada indivíduo ser e estar da maneira como lhe convém, sem ser julgado ou perseguido, sem ser violentado e invadido, por não ter a mesma maneira de pensar.

Como já mencionado seria importante considerar que dentro desse espaço de formação, também se forma caráter, se constrói um indivíduo para viver e estar em sociedade, desconsiderar isso, leva a uma decadência a um retrocesso da educação.

Nada que diga respeito ao ser humano, à possibilidade de seu aperfeiçoamento físico e moral, de sua inteligência sendo produzida e desafiada, os obstáculos a seu crescimento, o que possa fazer em favor da boniteza do mundo como de seu enfeamento, a dominação a que esteja sujeito, a liberdade por que deve lutar, nada que diga respeito aos homens e às mulheres pode passar despercebido pelo educador progressista (FREIRE, 2011, p.95).

Esse tema é muito importante dentro da construção dessa escrita, aproximar o modelo educacional que temos dessa temática, tem sua urgência, para assim, compreender as problemáticas que se enfrenta na sociedade, combatendo toda forma de opressão dentro dela, normalizada.

Em paralelo a isso, trouxe essa reflexão ao nosso interlocutor, trago na perspectiva de compreender dentro da visão dele, como o ensino educacional, poderia auxiliar, sendo parte de uma ferramenta de ação, contra um modelo de opressão na nossa sociedade, pois a matriz africana, historicamente, vem sofrendo perseguição religiosa.

Quando trago essa reflexão para nosso interlocutor, desejo ressaltar a importância que tem a fundamentação dos projetos educacionais, voltados também, para as comunidades afrodescendentes com sua trajetória, dentro da nossa sociedade, pois isso não é só conhecimento, é enfatizar sobre sensibilidade e o saber, para que cada indivíduo, tenha dentro de si, respeito maior por essa comunidade e assim, diminuir e combater o racismo religioso.

Logo, quando entramos na primeira infância, já estamos aprendendo a desenvolver a habilidade de se comunicar e interagir com outros indivíduos, dentro desse espaço, tudo o que acontece neste local, vai gerando uma memória sensitiva e essas vivências, vão formando e formulando a nossa manifestação individual dentro do espaço coletivo, logo, também construímos parte de quem somos, dentro do âmbito educacional, já que somos inseridos nele desde a primeira infância.

Sem pretensão de desconsiderar o contexto social em que estamos inseridos ou mesmo invalidando a educação recebida por nossos laços fraternos, que trabalham na construção de um indivíduo, dando educação e ensinando a melhor maneira de se portar em um espaço coletivo como indivíduo, dentro de uma sociedade, sem dúvidas, exercem um papel fundamental e necessário para a formulação de um indivíduo consciente.

Não desconsidero de que a sociedade se constitui em sua totalidade, quando o indivíduo é inserido dentro de um contexto coletivo, lá ele vai moldando as suas posturas a

maneira como se manifesta enquanto sujeito, o caminho que vai escolher seguir. Mas considero que isso acontece, a partir do momento que você é inserido dentro do âmbito escolar, então, muito aprendizado virá do ambiente familiar e do contexto social, e conseqüentemente do âmbito escolar em que estamos inseridos, e das vivências que constroem a nossa formação enquanto indivíduo.

Eu acredito que uma melhor construção é fazer valer a lei dez mil seiscientos e trinta e nove, fazendo valer essa lei o qual fala, que é obrigatório o ensino da cultura afro nas escolas, não só fala da religiosidade, mas da cultura afro.

Então seria muito importante eu penso que o diálogo, o debate, nos meios de comunicação (rádio, televisão, e programas de TV como programas educacionais) quando eu falo isso me refiro a Campo Grande (Mato Grosso do Sul), cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Vitória, Belo Horizonte estão anos luz a nossa frente, com inúmeras conquistas (Babalorixá Robson Faciroli).

Nosso interlocutor, traz algo muito importante para observarmos, uma lei que já foi vigorada em 2003, mas em muitas cidades e estados ainda não tem um conteúdo estabelecido, dentro das diretrizes de educação, para a temática que está sendo proposta dentro dessa lei, mesmo já sendo votada e discutida, ainda não está implantada em todos os estados.

Essa lei foi estabelecida com a perspectiva de trazer a temática da história e cultura afro-brasileira, dentro das instituições de ensino, desde aulas para o ensino básico, que seriam no conteúdo de história, literatura, e arte, dentro das diretrizes de educação nacional, fazendo parte assim da ementa, mas é sabido, que em muitos estados essa lei ainda não está em vigor, ou em algumas escolas, ainda não tem esse conteúdo de fato sendo elaborado ou transmitido nas escolas.

Ementa: Altera a lei nº, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "história e cultura afro-brasileira" e dá outras providências (lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003).

Gostaria de enfatizar que a mesma lei sofreu uma alteração onde foi acrescentada a temática indígena a ser trabalhada, a mesma ocorreu em 2008 sendo então modificada para a lei 11.645.

Dentro desse conteúdo, a cultura afrodescendente deveria ser retratada da maneira que realmente ocorreu essa trajetória, quando falamos dos afrodescendentes no navio negreiro, abordar também suas respectivas nações, sobre a história dessas nações, quem eram como se organizavam antes de serem invadidos.

Pois os livros didáticos já vêm configurados dentro de um conteúdo muito metódico, programado de uma maneira muito superficial, sobre o retrato dos afrodescendentes, e a sua

trajetória, não temos dentro dos livros a profundidade da ancestralidade afrodescendente, do que de fato trouxeram para o Brasil.

O padrão que temos no modelo educacional, é de negros que foram açoitados e vieram em navios, trabalhando constantemente, sendo maltratados e perseguidos, mas não enfatizam sobre o percurso histórico, sobre o quilombo, não trazem a história da África, dentro da escola não se fala das nações que esses povos pertenciam.

De certa maneira isso contribui com o racismo estrutural, uma postura que é fruto do colonialismo e do regime escravista no Brasil, como já mencionado, formar cidadãos inconscientes e indivíduos que não refletem de fato na realidade da trajetória dos afrodescendentes, estão capacitando mais pessoas que vão colaborar com o racismo na nossa sociedade.

Na nossa sociedade grande parte da população são negros e periféricos, poucos têm acesso à educação de uma maneira geral, pois o contexto social em que estão inseridos, não permite às vezes que esse indivíduo, permaneça seguindo uma carreira acadêmica. Justamente por esse motivo, temos o sistema de cotas, é uma reparação histórica do Brasil com a população negra, mas muitos afrodescendentes não têm condições nem de se manter na educação básica, pois não tem às vezes o mínimo para a sobrevivência.

O modelo educacional não está considerando as condições sociais que esse indivíduo está inserido, hoje já temos algumas ferramentas que favorecem estudantes permanecer dentro na escola, mas ainda assim o número de pessoas dentro da nossa sociedade que não conseguiram concluir o ensino básico, para poder trabalhar e ajudar a sua família, é grande e é crescente, o que mostra, uma falha no nosso sistema educacional e político.

Esses indivíduos estarão nesse espaço, a partir do momento em que seu contexto social não obrigue parar com os estudos para ter que trabalhar e garantir sua sobrevivência.

A busca desenfreada é para que tenhamos, frutos viçosos e doces na nossa sociedade, mais respeito à diversidade, livre de intolerância religiosa, sem o racismo exacerbado dentro do ser humano até mesmo de maneira inconsciente, a busca é por pessoas mais despertas e cidadãos mais comprometidos a formar uma sociedade sadia.

Quando a gente se fala no olhar macro e a gente conversa em debates, em congressos, com líderes e com entidades de outros estados, você percebe o avanço deles, você percebe que diminuiu a intolerância, que diminuiu a agressão contra o afro-religioso, contra o negro.

A educação principalmente na base. O que que seria essa base? seria o jovem e o adolescente ter uma abertura em uma universidade ou nas universidades pra falar sobre a cultura afro e sua religiosidade com certeza isso seria muito importante porque você quebra paradigmas, você quebra o preconceito, você quebra aquela

sementinha do ódio que a pessoa tem como eu disse anteriormente “são do diabo” (Babalorixá Robson Facioli).

Nosso interlocutor traz uma vivência muito interessante, que é a sua comunicação e o seu diálogo com representantes de outros estados, onde se observa que o avanço a respeito da intolerância religiosa que hoje acontece em nosso estado já diminuiu muito e o respeito à diversidade religiosa aumentou consideravelmente, consequentemente se diminuiu o racismo e a perseguição religiosa, esse relato ele traz através de vivências com outros líderes de entidades de estados, em vários locais, essas discussões são mais frequentes, onde ocorre por conseguinte, mais visibilidade aos povos de terreiro.

Nosso estado tem uma cultura diversa, pois é um local onde se concentra várias regiões do Brasil que migrarão para o Mato Grosso do Sul, formando assim esse estado de culturas diferentes, porém, é muito latente a falta de visibilidade da cultura afrodescendente, dentro dos espaços sociais e educacionais, não se encontra tanta abertura, um diálogo flexível e respeitoso, e de uma escuta ativa, logo, isso dificulta muito a aproximação da sociedade, com a diversidade cultural religiosa, levando consequentemente a um preconceito recorrente.

Quando abordamos sobre religião, os afrodescendentes dentro do nosso estado, são muito perseguidos, muito podados de manifestar a sua liberdade religiosa, a intolerância se torna uma postura recorrente, e não se trata apenas da comunidade candomblecista, ou dos outros grupos esotéricos, mas também, os povos originários quando não foram aceitas as suas rezas, a sua maneira de crer, eles também sofrem com a colonização dentro de seus territórios.

Quando nosso interlocutor Bábá Robson, traz em sua colocação, sobre ter mais espaços dentro da base educacional, principalmente para jovens e adolescentes, seria uma maneira de trazer a esses indivíduos que estão em processo de formação, uma ampliação de pensamento, um olhar mais flexível, mais reflexivo.

Com isso, aproximar mais o diálogo, uma comunicação mais assertiva que realmente, sane as dúvidas, que não traga mais preconceito, e sim, mais respeito dentro da nossa sociedade, uma ação efetiva dentro das camadas da educação que acessassem os indivíduos de fato.

Em nome do respeito que devo aos alunos não tenho por que me omitir, por que ocultar a minha opção política, assumindo uma neutralidade que não existe. Esta, a omissão do professor em nome do respeito ao aluno, talvez seja a melhor maneira de desrespeitá-lo. O meu papel, ao contrário, é o de quem testemunha o direito de comparar, de escolher, de romper, de decidir e estimular a assunção deste direito por parte dos educandos (FREIRE, 2011, p.48).

Dentro de um estudo onde consideramos, as políticas públicas e a gestão territorial, a diversidade dos povos, e seu saber, discutir e refletir sobre ações dentro do modelo básico educacional, é muito pertinente, pois quebramos paradigmas.

O conhecimento interdisciplinar de uma educação, voltada para a formação, de um indivíduo pensante dentro da nossa sociedade, nós temos que pensar em propostas, que gere ações que transformem o nosso modelo básico de educação, que dê espaço a temas que não são muito abordados.

Se na base educacional e na ementa curricular, tivermos cada vez mais abertura e flexibilidade para tratarmos de alguns temas, quem sabe o preconceito e a discriminação diminua gradativamente, quebrar um paradigma, está além de discutirmos isso dentro do campo universitário, ou na teoria, é sobre manifestar isso na prática.

Diante disso é pensar em conjunto, sobre quais ações operar, para que essa realidade seja modificada, dentro do nosso modelo educacional, voltar nosso olhar a uma educação progressista e horizontal, para assim ter indivíduos pensantes, que tenham ações e comprometimento de fato com uma sociedade sadia.

É muito importante também dentro desse espaço interdisciplinar ao trazer a questão histórica sobre a vivência e a cultura dos afrodescendentes, ter protagonistas fazendo essa narrativa dentro dos espaços de ensino básico, ou nas universidades, dar abertura a esse diálogo a essa reflexão com os protagonistas dessa narrativa, conduzindo o diálogo e tirando as dúvidas, desmitificando o que vem sendo transmitido de maneira superficial e muitas vezes errônea.

Isso aí já não existe, o diabo, nós não acreditamos no diabo, o diabo pra nós é uma fantasia; Exu não é o Diabo então quando as pessoas entendem compreendem a nossa religião, os nossos dogmas, como funciona, quem são os Orixás, os elementos, os trabalhos que nós fazemos, as pessoas acham que tudo é maldade, não é assim, a maldade ela é bíblica, ela mora dentro do ser humano então o a gente conseguindo fortalecer principalmente aqui no nosso estado a lei dez mil seiscientos e trinta e nove fazer valer.

E para complementar, eu não acho, tenho certeza absoluta que se a SEMED e se a prefeitura, se o estado e outros órgãos abrisse espaço com certeza melhoraria muito o entendimento e o respeito, é que as pessoas tem o preconceito. Então a partir do momento que elas entendem, compreendem, tirem suas dúvidas, você vê que diminui esse preconceito e os novos cidadãos que vão vir os novos profissionais, eles já não vão ter aquela visão da maldade, aquela visão deturpada, aquela visão antirreligiosa, sobre a matriz africana que é plantada culturalmente na cabeça deles (Babalorixá Robson Facioli).

Em sua crença, Bábá Robson menciona que o diabo não existe, desmistificando o que é trazido pelo cristianismo, onde algumas crenças, afirmam que esse segmento, se resume a uma seita religiosa e demonizam suas práticas.

Sabemos que a sociedade, ao tomar conhecimento do sincretismo e da simbologia dos Orixás, pode ou não continuar a propagar o preconceito, ou possivelmente, agregaria de uma maneira positiva, isso depende muito de cada indivíduo, claramente o meio social contribui muito para que consigamos expandir a linha do conhecimento e não de ignorância, mas de toda forma é muito particular a maneira como um indivíduo, irá receber essa informação.

Dentro disso, nosso interlocutor pontua a importância de falar e repassar os seus saberes e o sincretismo de como funciona a ritualística, assim como a simbologia dos Orixás para os candomblecistas, se objetivando proporcionar uma visão mais ampla a um cidadão, que ainda está em processo de reformulação de ideais e pensamentos.

Quando utilizamos alguma planta, para fazer um chá e melhorar a nossa saúde, nós obtivemos esse conhecimento transmitido por alguém da família, ou encontramos em fontes científicas, sobre essa planta, com isso tendenciosamente passamos a entregar essa receita a outras pessoas, quando são acometidos pela mesma enfermidade, isso é perpetuar o conhecimento.

Se esse conhecimento for repassado a uma pessoa, que não acredita que essa planta tem essa finalidade, talvez, ela não realize o tratamento de sua doença, pois não vai ter a atitude de fazer o que indicou, não buscando o conhecimento, se o que você traz como informação cientificamente é válido, mas ela não recebeu essa informação dentro do seu contexto social, se assim for, a mesma planta não vai ter o efeito que teve em outro indivíduo.

Estou utilizando dessa linguagem metafórica, para compreendermos, que levar esse conhecimento do estudo de matriz africana como uma reparação histórica, dentro do ensino de aprendizagem, pode não ser bem aceito por todos os indivíduos que compõem aquele lugar, mas se uma pessoa conseguir captar essa informação, processar, e armazenar de maneira reflexiva, e respeitosa, futuramente esse mesmo indivíduo, vai levar esse conhecimento de maneira respeitosa, perpetuando uma nova narrativa sobre a matriz africana, como reflete Paulo Freire:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta, faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos (FREIRE, 2011, p.23).

Dentro de um espaço educacional temos vários tipos de personalidades, são pessoas distintas, alguns vão ficar curiosos e querer compreender, tirar dúvidas, e essas mesmas dúvidas vão surgir, do contexto social em que estão inseridos, do que foi repassado a eles como verdade absoluta, neste momento, é que existe a oportunidade de se quebrar os paradigmas, estabelecidos dentro da nossa sociedade doente, que perpetuou uma narrativa errônea sobre a comunidade do Candomblé.

Nesse espaço também teremos indivíduos que são participantes, ou tem parentes, quem sabe até convivam em algum âmbito de sua vida, com pessoas que frequentam o Candomblé, com isso, ele vai se identificar com o conhecimento transmitido, diante de todas as pessoas que pensam de maneira distinta e esse mesmo indivíduo vai se sentir seguro nesse ambiente, e não se ausentando do tema. Sendo também para os frequentadores do seguimento uma oportunidade que ele tem de se manifestar dentro do meio social em que está inserido, abrindo espaço até mesmo para um local de fala, onde ele pode trazer livremente e expressar a sua vivência com o Candomblé.

Ademais, podemos encontrar no mesmo espaço, muita resistência e hostilidade, é nesse momento que a comunicação tem que ser assertiva, e de uma maneira muito sutil irá acessando cada indivíduo, se for no âmbito educacional, levar uma didática pontual na busca de promover a cultura do conhecimento e do rompimento dos paradigmas, levantando uma reflexão para se obter minimamente mas respeito dentro das comunidades candomblecistas, por mais que tenhamos dentro desse espaço, indivíduos que vão se comportar de uma maneira mais hostil ao receber essa informação.

Nesse momento é que devemos recordar, o quanto o contexto social interfere na formação e na capacidade de absorver informação e conhecimento distinto, daquilo que se tem, dentro do seu contexto social e de como isso, pode mudar o caráter de um cidadão, sendo improvável acessar todas as famílias da nossa sociedade, o ensino básico é um espaço, onde se pode acessar uma quantidade mais significativa de pessoas.

Partindo dessa dinâmica de pensamento, com a capacitação que muitos educadores possuem de uma didática muito bem aplicada, talvez a formação no ensino básico com esse estudo complementar, pode tornar a nossa sociedade um local de acolhimento e não apontamento para a diversidade de maneira negativa.

Dentro até mesmo desse meu processo de escrita, ocorreu uma morte trágica, de uma mãe de Santo sendo assassinada, ela apenas existia, não havia feito mal a ninguém, estava apenas executando seus trabalhos dentro do seu segmento, porém a sociedade não aceitava a sua maneira de existir e de ser, assim não respeitaram a sua liberdade religiosa.

Novamente perpetuando uma cadeia de violência que é ancestral e histórica onde os afrodescendentes, vieram sendo assassinados e perseguidos por estar inseridos na Matriz Africana, e infelizmente ainda se tem muitas mortes por preconceito, e racismo religioso.

É notório que as pessoas se sentem na liberdade de agir com violência ao desconhecido, ao invés de buscar compreender o conhecimento, preferem caminhar na ignorância e assim se portar, pior do que no Reino Animal, pois nele ainda existe a cadeia alimentar, então a morte dentro do nosso ecossistema, não ocorre apenas para violentar o outro ser, invadir e diminuir assim como menosprezar é um hábito repugnante da espécie humana.

Com isso a reflexão que o interlocutor nos traz é sobre respeito que vem buscando a décadas, desde seus antepassados até hoje dentro da nossa sociedade, e também não encontram muitas vezes espaço para tratar de maneira didática, sobre uma dialética construtiva, a respeito da comunidade candomblecista, gerando assim indivíduos pensantes e com um olhar amplo aberto a ressignificar o que se imaginava saber.

Eu sou apartidário, mas um exemplo nós estamos com uma prefeita que ela é evangélica e hoje ela trabalha pra transformar Campo Grande na capital modelo evangélica; tanto que hoje na nossa real realidade tudo que você vai trabalhar em questão a sequitur, FUNDAC, qualquer órgão cultural público, as matrizes africanas são vedadas.

Você vê que pra caminhada para Jesus é não sei quantos mil pra um evento religioso, já nós quando está tendo uma feira na Praça do Preto Velho dispõe de uma caixinha de som umas tendinhas que se chover vai molhar do mesmo jeito as pessoas e só e um banheiro químico com muita luta e com muita batalha. Então você analisa né? Que realmente, para onde tende o apoio deles, aí quando se fala de estado laico não tem laicidade não, entende tem sim é números políticos (Babalorixá Robson Facioli).

Em Campo Grande, onde o estudo foi realizado, nosso interlocutor trabalha em várias frentes e vários segmentos culturais e educacionais, o que ele traz em sua colocação é que hoje o poder político tem interferido de maneira direta, para vetar qualquer projeto que seja voltada às matrizes africanas em todos os âmbitos.

Isso infelizmente, se dá ao fato de quem está à frente do poder, que está com um posicionamento voltado a sua religião, que é um segmento que possui um histórico de perseguição as Matrizes Africanas e tem muito preconceito embutido, perpetuado dentro da própria igreja.

O que é mais intrigante, é que falamos muito no meio político sobre um estado laico, ou seja, sobre não levantar a bandeira de nenhuma religião e nenhum segmento religioso, para

termos essa liberdade de expressão religiosa, dentro de um contexto da nossa sociedade, mas, o que se encontra é totalmente o oposto disso.

Assim se torna mais difícil, tratarmos de assuntos voltados a diversidade religiosa, sem apoio vindo das políticas públicas, como tem ocorrido no Mato Grosso do Sul. Nomeamos essa atitude como um apagamento cultural, que de maneira geral já vem tentando se combater a um longo tempo, o silenciamento é uma arma utilizada para diminuir a representatividade, de uma cultura ou povo, que estão categorizados dentro das minorias da nossa sociedade, que na verdade não são minorias, são maiorias, se considerarmos que essas categorias são diferenciadas por posse e classe econômica.

Como nós vamos implantar políticas públicas dentro de uma sociedade, em um local onde quem possui cargos de poder, está construindo um modelo de sociedade com base nas ações e nos pensamentos ideológicos eurocêntricos, fruto do colonialismo? Como implantar políticas públicas voltadas para todos da nossa sociedade sem distinção de raça, de gênero ou de classe social?

Um exemplo, nós, por anos com a igreja Universal do Reino de Deus, até lançou um livro “Deuses e Demônios, Anjos”, uma coisa assim que falava mal, as pessoas entrou com um processo, aí com conseguiu indenização, Edir Macedo parou com aquilo ali, mas por anos eles disseram que era o demônio queima aqui.

E o ano passado, nós fomos convidados a participar de um evento no Reino Universal que se chamava “A Fome não Tem Religião” e foi um evento imenso aqui no estádio Jacques da Luz, nós fomos em sessenta e nove líderes religiosos, eles contribuíram com cento e cinquenta e cinco cestas básicas para os terreiros, participamos, fomos aplaudidos, participamos do culto deles em momento algum houve aquela fala de “queima”, “queima a pomba gira”, “queima Exu, queima o diabo” a gente brincou, será que nosso pessoal vai atear fogo, vamos ser queimado na fogueira santa? (Babalorixá Robson Facioli).

Essa colocação que nosso interlocutor traz, sobre o que vivenciaram dentro do espaço da igreja universal do Reino de Deus, mostra uma quebra de paradigma gigante, onde uma das maiores igrejas, que propagaram a perseguição religiosa contra as comunidades do Candomblé, se mostrou aberta e sensível, com olhar muito mais respeitoso e harmônico, comparado a uns anos que esse mesmo local vem fazendo uma perseguição e um racismo religioso muito acentuado quanto as casas de Candomblé.

Esse encontro, ele de fato, é um divisor de águas, pois trazer a cultura de matriz africana que por anos você propagou, disseminou o ódio, a repulsa, e demonizou, para dentro do seu espaço e recebê-los com muita gratificação e carisma, realmente é um divisor de águas muito positivo.

O fato de todos irem trajados, levando a representatividade da sua cultura, sua identidade visual, a sua maneira de ser e de se expor, dentro de qualquer âmbito social, se colocarem irem realmente como se sentem confortável, representando o seu segmento, sem serem discriminados e sem serem apontados, como relata nosso interlocutor. Observamos que algumas mudanças são lentas, mas de alguma maneira, essa campanha que envolveu vários líderes religiosos contra a fome, unidos em prol do benefício de todos da nossa sociedade, despertou o sentimento de unificação.

Essa mudança de comportamento, foi um marco para cada família que estava presente, que viu aquelas pessoas entrarem com seus lindos trajes, remetendo à cultura de matriz africana, com seus turbantes, suas saias longas, suas guias, todos os seus adereços e adornos na sua vestimenta, que compõem sua identidade visual.

Porque tem isso no Reino Universal, “do Diabo” e ao contrário, fomos trajados, fomos fizeram um coquetel pra nós, o pessoal que estava ali nos recebeu muito bem, fomos muito bem tratados.

Então eu acredito que a visão das crianças, do jovem que estava ali falava espera o pai e a mãe viveu ali na igreja, eles falaram que era do demônio, que era do Satanás, que isso, que aquilo, aí eles convidaram o povo do demônio, o povo do Satanás, então quer dizer, houve uma inversão de valores. Houve algo que realmente assim, foi respeitoso, respeito, acredito que a palavra é fundamental (Babalorixá Robson Facioli).

Qualquer tipo de conceito ideológico que oprimam um grupo de pessoas gera danos irreparáveis, podemos apenas levar em consideração, que o indivíduo tem direito de existir e estar dentro da sua liberdade religiosa, e se autoafirmando com propriedade sem temer o entorno.

Essa atitude da igreja universal do Reino de Deus juntamente com todos os líderes religiosos ali presentes trouxe uma nova visão de mundo para as pessoas que ali frequentam, como também ensinou os pequenos, as crianças que estavam naquele espaço, talvez não percebam a proporção de sua ação, mas o respeito é muito valioso, principalmente se tratando do estado de Mato Grosso do Sul onde o preconceito é mais acentuado.

Se as nossas crianças já tiverem um pensamento direcionado ao respeito, e observarem ações e atitudes que vão ao encontro com essa maneira de pensar, a educação para a paz e o amor, pode transformar o futuro das nossas gerações para terem muito mais empatia, respeito e harmonia.

Nós aqui já conseguimos participar na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul de várias palestras, com o professor Lino, e a professora Ana Paula que é de geografia e o pessoal pergunta, mas como é isso? Como é aquilo?

Quando você faz uma palestra didática, tranquila, divertida, aí eles vão interagindo e de repente os próprios alunos em si alguém se manifesta, “eu sou umbandista ou eu sou candomblecista” e todo mundo uau! “A gente não sabia”.

Porque ele tinha medo ou ela tinha medo de uma retaliação de uma intolerância e quando vê o papo fluir que o pessoal realmente recebeu bem, e o pessoal é mente aberta, a pessoa se sente mais a vontade, o acadêmico em dizer que ele é de matriz africana (Babalorixá Robson Facioli).

Este relato pontua o quanto importante é ter um espaço de fala, onde se possa ser respeitado e valorizado, as academias e os espaços educacionais, tem um grande potencial de transformar e quebrar paradigmas, recorrendo às ferramentas da educação, quando não se tem uma pessoa que possa ensinar sobre um determinado tema com propriedade, trazer uma pessoa que é protagonista dentro de um espaço de fala é essencial. Como nos alerta Freire:

Me sinto seguro porque não há razão para me envergonhar por desconhecer algo. Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente (FREIRE, 2011, p.90).

O espaço educacional é um meio para se gerar transformações, e uma visão ampla, onde a diversidade e o respeito podem ser acentuado e levar na formação acadêmica, não apenas a ementa do curso, mas se possível, estar agregando conhecimentos que formam o caráter de um cidadão, para que conviva em sociedade de maneira mais saudável, e seja um profissional qualificado e respeitoso.

Além de promover uma educação diversa, quando trazemos assuntos que são pertinentes a história do nosso Brasil dentro da universidade, além de se formar pessoas, e indivíduos despertos, a educação se transforma em um agente de fato de transformação, uma ferramenta de ação, que pode combater o racismo estrutural que foi semeado desde o colonialismo.

O desrespeito à leitura de mundo do educando revela o gosto elitista, portanto antidemocrático, do educador que, por isso mesmo, não escutando o educando, com ele não fala. Nele deposita seus comunicados. Há algo ainda de real importância a ser discutido na reflexão sobre a recusa ou ao respeito à leitura de mundo do educando por parte do educador. A leitura de mundo revela, evidentemente, a inteligência do mundo que vem cultural e socialmente se constituindo. Revela também o trabalho individual de cada sujeito no próprio processo de assimilação da inteligência do mundo (FREIRE, 2011, p.83).

O que é interessante no relato do nosso interlocutor é que além de levar acesso a uma informação que poucos têm dentro da educação de ensino básico, esse convite para participar nessa interação com a universidade federal e com os acadêmicos, trouxe também a liberdade

de alguns estudantes se manifestarem religiosamente sem receio de sofrer alguma retaliação, pessoas que poderiam ficar naquele espaço, e nunca se pronunciar sobre pertencer a cultura de matriz africana.

Essa interação que tiveram, despertou curiosidade em alguns e quiseram aprender um pouco mais como funcionava o segmento, além despertou o interesse de se familiarizar, já que ali estavam os protagonistas dessa história, trazendo a narrativa do seu segmento. Para outros, foi o momento de se autoafirmar, de trazer para aquele local institucional a sua identidade.

A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a assunção de nós por nós mesmos. É isto que o puro treinamento do professor não faz, perdendo-se e perdendo-o na estreita e pragmática visão do processo (FREIRE, 2011, p.29).

Esse movimento pode ocorrer em diversas universidades, e já acontecem em várias universidades Federais e Estaduais de outros estados, mas se tratando do Mato Grosso do Sul, ter com frequência eventos como esse, é algo muito importante, para a comunidade candomblecista, mais um local onde são aceitos e podem propagar o seu conhecimento e seu saber, sendo acolhidos e respeitados, onde podem ser agentes de transformação dentro da nossa sociedade, gerando e despertando outros indivíduos para um olhar mais amoroso em relação a diversidade religiosa e a liberdade de expressão religiosa.

Figura 15 - Roda de conversa após o ensaio



Fonte: Registro pessoal de Babalorixá Robson Facioli.

Esse relato demonstra que a educação é capaz de transformar a dor e se tornar um agente de transformação, logo, transformando a dor, em ação, uma ação, que semeia o respeito nos corações, e a pluralidade da linguagem existencial de cada indivíduo. É libertador quando você pode se afirmar, se autodeclarar enquanto candomblecista, em meio a um conjunto de pessoas que convive diariamente sem receio de sofrer uma retaliação.

Estar dentro desse espaço acadêmico, nos proporciona adentrar diversas camadas da sociedade, onde vários temas podem ser abordados com propriedade, se o professor que estiver conduzindo a aula não tiver aptidão para tratar do tema, trazer um convidado que seja o protagonista desta fala, é pertinente abordarmos essa temática, o que não dá pra continuar acontecendo, são esses temas serem invisibilizados.

5 O SINCRETISMO DAS PLANTAS NO CANDOMBLÉ DENTRO DE UM ESTUDO ETNOBOTÂNICO

Discorrendo sobre a temática da cosmovisão da matriz africana a respeito das plantas no segmento do Candomblé, iremos ressaltar as contribuições trazidas por nosso interlocutor, dando sentido ao estudo etnobotânico.

Quando tratamos da etnobotânica, em um trabalho que está direcionado a compreender o sincretismo que as plantas apresentam, dentro do segmento do candomblé, compreende-se, que a narrativa está em direção a simbologia e representação das plantas na composição do espaço físico, assim como a sua manifestação dentro da ritualística, de acordo com a cerimônia que está sendo executada.

Essa vertente de estudo interdisciplinar traz uma visão amplificada e profunda dos conhecimentos tradicionais, valorizando sua trajetória e sua cosmovisão enquanto ciência, essa linguagem nos permite mergulhar em diversas fases de conhecimentos, agregando e nos favorecendo na linha de uma compreensão que não está discriminado nos livros de ciências biológicas, porém que podem vir a ser uma fonte segura de um estudo fino e de muito respeito ao seu entorno, a natureza.

Dentro deste capítulo utilizamos o referencial teórico do livro de Mãe Estela de Oxóssi, onde a mesma traz em suas contribuições, as terminações referentes a matriz africana discriminado na linguagem em Iorubá, por esse motivo, quando faço minhas considerações as mesmas vão estar em português, mas nas citações diretas irá se observar outra maneira de transcrever a mesma palavra, pelo motivo citado anteriormente.

5.1 O SINCRETISMO DAS PLANTAS QUE COMPÕEM O BARRACÃO, ESTUDO ETNOBOTÂNICO

Enquanto mergulhava na literatura e quando visitei um barracão de Candomblé, observei que algumas plantas sempre se fazem presente tanto nos artigos e livros, quanto nas casas, dentro disso, propus levantar essa temática das plantas encontradas nos espaços de terreiro, assim como, seu sincretismo para os frequentastes nesse segmento.

Para a comunidade de matriz africana, o estudo das plantas e a presenças delas em um espaço, possui uma simbologia única, que foram passadas de seus antepassados para quem

deu continuidade no seguimento, vindo então os ensinamentos, na história da narrativa oral perpetuada e presente, trazendo os ensinamentos e firmando a história transmitida.

Por esse e outros motivos, muitas histórias, sobre algumas plantas especificamente e seu uso, cabe apenas aos frequentadores do Candomblé terem o conhecimento, pois quem não está neste caminho iniciático, não se vale saber através dos livros e sim na vivência, mas isso fica a critério de cada um.

É o Orixá *Ọsányìn* das matas ele era quem tinha o poder da folha, o conhecimento, a cantiga, a forma de manusear, o médico dos orixás, ele que fazia ali os banhos, as beberagens, os remédios, os chás, as pomadas medicinais pra passar nas cicatrizes, nos machucados, nas chagas e os orixás eram muito curiosos, para aprender (Babalorixá Robson Facioli).

Segundo Babalorixá Robson, o Orixá Ossaim (*Ọsányìn*), é o responsável do manuseio das plantas medicinais, que carrega o dom da cura, e tem conhecimento da alquimia e manuseio das ervas medicinais para transformá-las em medicamento efetivo, para determinadas doenças, de acordo com a necessidade de quem busca por saúde.

Ainda de acordo com a informação trazida por Bábá Robson, bem como o que encontramos na literatura, a história desse Orixá, se inicia desde menino caminhando pela mata, observando a natureza com respeito e devoção, recebendo então, um dom especial, de trabalhar com a medicina da floresta, carregando o segredo das folhas.

Mas como todo conhecimento, e todo o dom que é recebido, muito mais valioso ele se torna quando utilizado com sabedoria, para auxiliar os que estão sofrendo, assim, esse Orixá desde menino teve a sensibilidade e a empatia, sendo direcionado a utilizar seu dom em auxílio do próximo.

O conhecimento da cura dos males e das doenças *Ọsányìn* aprendeu quando menino andando pelas matas. Sabia o encantamento certo para cada uma das folhas existentes e guardava os remédios que preparava em pequenas cabaças. Ao crescer resolveu sair mundo afora carregando consigo as cabaças e curando os doentes (DE OXÓSSI, 2014, p.34).

Este trecho do livro nos entrega um rico ensinamento a respeito de como utilizar o dom recebido em auxílio dos que mais necessitam, apoiando e tendo empatia com o próximo. É notório que a força das folhas vai além do seu potencial medicinal dentro do segmento do Candomblé, também carrega a força do orixá que é o dono das folhas, Ossaim (*Ọsányìn*)

Como mencionado por nosso interlocutor, os outros orixás tinham muita sede de aprender os ensinamentos sobre o poder medicinal de cada planta, mesmo não possuindo esse

dom de aprender com a própria natureza e saber manifestar potencial de cura da planta, havia um desejo muito grande de aprender.

Dentro do segmento de matriz africana, o contato com os Orixás é muito forte e os ensinamentos que cada um deles trazem para os participantes, vai de acordo com a necessidade do que está sendo trabalhado dentro da ritualística naquele momento, em cada etapa do processo de um iniciado, as plantas são utilizadas de maneira distinta, da mesma maneira quando elas são utilizadas para tratamentos de cura.

Cada instante da ritualística, existe uma dinâmica específica, as plantas que comportam o Barracão por exemplo, tem uma história significativa e simbólica é uma característica ancestral e um legado histórico da Matriz Africana, mas cada terreiro terá suporte para ter essa planta dentro do espaço, ou no terreno que comporta o Barracão.

Em alguns locais, as plantas que fazem sincretismo com os Orixás, estão presentes no entorno do Barracão dentro do terreiro e algumas estão ausentes, isso se dá a diversos fatores, como o clima desse local, o espaço onde é realizado os trabalhos, a disposição e tempo dos frequentadores, de estarem manuseando e zelando por essa vegetação.

Um fator também determinante é o espaço onde está localizado o Barracão, em algumas regiões os participantes moram dentro do terreno em formato de comunidades, existe um segundo formato, onde em alguns locais o Barracão fica desassociado à moradia do pai de Santo ou mãe de Santo, assim como, dos participantes, com isso, a dinâmica do cuidado e manuseio das plantas para além das atividades externas ao Barracão, se torna um processo desafiante para alguns.

Nem todas as plantas citadas na bibliografia que representam a ancestralidade no segmento de matriz africana serão encontradas em todas as casas de Candomblé, mas cada uma delas tem a sua força e Axé, sendo de suma importância para cada membro da casa.

Algumas plantas que não se encontram no espaço do Barracão, vão ser encontradas as vezes na casa da mãe de Santo, ou na casa dos filhos que cuidam das folhas, além disso, ainda tem a possibilidade das ervas que são colhidas na mata para a produção de algum medicamento, ou para compor uma ritualística que será realizada.

Dentro de alguns trabalhos específicos, as plantas são utilizadas para comportar alimentos e oferendas aos Orixás, também sendo utilizadas para fazer os banhos dos médiuns que trabalham no espaço, ademais são indicadas para tratamentos medicinais dos consulentes, que aparecem em busca de cura e auxílio.

Figura 16 - Trabalho sendo realizado no Axé Taquarussu



Fonte: Registro pessoal de Babalorixá Robson Facioli.

Logo, as ervas são manuseadas de uma maneira específica, de acordo com sua utilização, algumas são maceradas, já em outro momento pode ser utilizada inteira a folha que foi macerada para outra finalidade, no momento de iniciação de um membro da casa que está começando sua jornada dentro do segmento no Candomblé, existem várias plantas que acompanham esse momento, e outras ervas também são utilizadas, para fazer limpeza energética e corporal durante o atendimento, como já mencionado também por nossos interlocutores.

Dentro das diversas maneiras que as plantas são utilizadas no Candomblé, é sabido que cada uma possui a sua função e cada uma está conectada com o que encontramos nos livros científicos a respeito do potencial de cura daquela erva, mas a alquimia e o manuseio de determinada erva para auxiliar em algumas doenças são exclusivamente de uma sabedoria ancestral, que vem em formato de ensinamento sendo repassado para o consulente através de uma entidade quando a mesma se apresenta, apresento essa informação através de meus estudos pessoais.

Então tem folhas que você coloca pra que a energia, quando secar aquela folha, aquela energia da folha passe para a pessoa, então a folha ela é um ritual totalmente à parte que ela se chama Sasanha (*Sásányìn* – O culto as folhas sagradas).

A Sasanha é um ritual de abertura, de louvação da folha a gente tirou ali, colheu a folha, apanhou a folha da natureza, então nós temos que agradecer então esse ritual de agradecimento onde toda folha tem a sua cantiga que é muito importante e ali tem uma cantiga que abre a sasanha e cada pessoa vai cantando a sua folha, são de duas a três horas de cantoria.

Aí tem os toques também que fazem parte, por exemplo, se você rezar uma sasanha, rezar folha durante o dia, o toque de algumas folhas, ele é de um formato. Se você reza essas folhas após as seis horas, ele é de um outro formato.

Se reza pois as vezes vão fazer emulações, que são o sacrifícios, todas festas grandes, festas de calendário, festas tradicional do Ilê Axé se reza a folha e às vezes o orô, a emolação ele é feito à noite pois os filhos estuda, trabalha ainda mais quando é dia de semana, logo fazemos a noite (Babalorixá Robson Facioli).

No início do ritual é feito a saudação ao orixá Ossaim (*Òsányìn*), o dono das folhas, sendo feito um pedido para ser concedido a permissão para seu encantamento, sendo realizado por os orixás que irão trabalhar, nesse momento todas as folhas que estão representadas dentro da ritualística, possuem uma cantiga de encantamento que é encontrado no livro citado, não trago aqui os cantos em iorubá, pois acredito que cabe apenas ao momento específico da ritualística para melhor compreensão do significado daquele canto.

Mas para quem tiver interesse em buscar um pouco mais de conhecimento sobre os cantos em iorubá, que se fazem no início da Sasanha (*Sásányìn*), o livro “O que as folhas cantam, para quem canta folha”, traz alguns cantos traduzidos para o português em uma explanação do significado da planta e de sua simbologia assim como a sua história, e a história do Orixá que aquela planta está conectada, destaco que nem todas as informações contidas no livro estarão presentes dentro desta dissertação, mas será a referência que utilizaremos para trabalhar um pouco a etnobotânica dentro deste capítulo.

Sobre a ritualística de abertura com as cantigas geralmente é de três horas de cantoria, dentro desse momento o canto é realizado em Iorubá sem o significado em português, esta compreensão do significado é para quem está dentro da linha de estudo do segmento, quando você vai assistir, observa e aprecia essa linda louvação, mas quando se participa como membro, você entende a importância e o significado de cada emulação feita.

Neste momento do *Orò Sásányìn*, saúda-se *Òsányìn* pedindo lhe permissão para encantar as folhas, a fim de que seus poderes possam ser utilizados como remédio para o corpo, a alma e o espírito, jurando dar-lhes pagamento pelo servo pelos serviços prestados (em obediência à Lei Universal da Troca) e prometendo lhes nos mantermos escravos do Juramento de “não acordar as folhas durante a noite (DE OXÓSSI, 2014, p.84)

Então quando a cantiga mensurada através do canto, existe um conjunto, o formato da melodia com os toques da percussão reproduz um cenário apropriado, aonde a instrução vem diretamente dos ancestrais e dos Orixás, não de forma falada, mas conduzido espiritualmente, levando os membros que estão dando continuidade à ritualística, a maneira certa de se executar garantindo que este cenário esteja propício e a melodia esteja encaixada para que ocorra naturalmente.

Nesse momento a magia acontece, onde a folha passa não apenas ser um vegetal da natureza com potencial medicinal, mas carrega também a força e encantamento dessa folha, bem como a permissão para o seu uso de maneira adequada.

A etnobotânica dentro desse estudo, vai além de uma classificação botânica, toda essa narrativa nos mostra que existe um contexto e um cenário específico, para que ocorra o encantamento das folhas, para que manifeste o seu potencial, dentro e fora da ritualística, na vida de cada um que vai em busca de saúde, ou até mesmo no formato de proteção até a abertura de caminhos, para os iniciados, como é visível no decorrer das narrativas.

Dentro desta citação, observamos um ponto que diz respeito a um juramento que é feito ao Orixá, que seria de não acordar as folhas durante a noite, isso se relaciona ao que já dialogamos sobre o horário que a planta deve ser colhida, onde o período da noite não é o momento de se colher a folha e realizar os encantamentos, existe um horário apropriado para fazer a retirada das folhas.

A imagem abaixo retrata uma cerimônia de preto velho que é realizada anualmente, onde no pilão são colocados vários elementos e os pretos-velhos ficam ao redor.

Figura 17 - Ritual de preto velho, nomeado Canjerê



Fonte: Registro pessoal de Robson Facioli.

Cada planta vai ter a sua função e não se trata apenas de uma questão medicinal, então, o conhecimento tradicional das plantas na matriz africana, é um conhecimento histórico exotérico e poderoso não é uma questão banal e muito menos superficial.

O nome e o significado do mesmo já dizem um pouco sobre essa ritualística, não é qualquer cantiga que é entoada e sim uma cantoria que vem desde seus antepassados, que vem através dos ensinamentos dos seres da mata e que trazem para a ritualística, um sentido e um resultado do que se espera na invocação desses cantos sagrados.

Dentro da citação acima, a autora aponta que a saudação, busca permissão para que os poderes de Ossaim (*Òsányìn*), sejam transferidos para essa planta, para que ocorra a cura do corpo, do espírito e da alma, para além do que aprendemos cientificamente sobre a erva utilizada dentro do seguimento, tem outras funções.

Com isso, além de exercer o potencial curativo e medicinal dessa erva, as forças que existem e se manifestam através dela, levam a cura completa daquele ser, sendo então um processo único e muito distinto do que temos hoje na medicina convencional.

O benefício dessa planta e sua função, não segue o padrão científico e sim o conhecimento ancestral, que leva a uma cura mais profunda, mesmo que a indicação da planta seja similar ao que seria oferecido na medicina convencional, essa erva não possui apenas a funcionalidade para a cura do organismo físico, dentro do segmento de matriz africana ela consegue acessar outros pontos de cura, a alma e o espírito.

Entrando na temática da folha, né? Quando nós falamos do ewé a folha “Kò sí ewé, kò sí òrìsà” (sem folha, não há orixá, sem orixá, não tem folha) Então hoje o Instituto Axé Taquarussu, nós temos algumas árvores, até consideradas algumas já quase em extinção.

Então nós temos aqui a figueira branca, aonde se sacramentaliza a força, a energia do orixá Iroco, que é o orixá da natureza, nós temos o Pèrègún, folha ancestral, todo iniciado ele tem que sair com um Pèrègún é a folha da iniciação uma das folhas da iniciação (Babalorixá Robson Faciroli).

Esse ditado citado por nosso interlocutor é muito encontrado na literatura quando se trata da cultura de Matriz Africana, “sem folha não há orixá, e sem orixá não há folha”, pois justamente a força da folha está ligada ao seu elemental e o Orixá que potencializa o poder dessa planta, dentro disso, no segmento do Candomblé, existem as plantas mais antigas e ancestrais que são as árvores africanas.

Sendo um ser muito respeitado, como o guardião da ancestralidade, onde se encontram os mistérios da mata e serve de habitação para os encantados, assim como muitas árvores que são anciãs na floresta, sendo fiandeiras da vida, e responsáveis por mudanças meteorológicas, alterações do nosso clima, abrigo para vários animais, assim como alimentam diversos seres da mata que por ela transitam.

Assim, o sincretismo dessa árvore ancestral, está conectado a Iroko (*Ìrókò*), sendo ele um ser da mata muito antigo, que compõe uma conexão viva entre o céu e a terra, sendo assim, um grande portal pois faz parte do encerramento de um ciclo e início de um novo ciclo, a própria representação do ciclo da vida.

Com isso, Iroko (*Ìrókò*) sendo um guardião, trabalha com os elementos da mata e se torna responsável por esses processos do ciclo de vida de todos os seres vivos, levando abrigo a várias falanges que nela fazem morada, potencializando a força da grande mãe, a árvore ancestral cultuada no Candomblé, com um secretismo poderoso dentro da cultura de matriz africana. Sua classificação botânica segundo, DE OXÓSSI (2014, p.166): “Gameleira-Branca na África – Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Magnoliopsida, Ordem Rosales, Família Moraceae, Gênero *Chlorophora*, Espécie *Excelsa*. Nome científico: *Chlorophora excelsa*.”

No solo brasileiro essas árvores foram ressignificadas, algumas ainda existem mesmo não sendo nativas, outras como a citada acima, figueira branca, foi incorporado uma espécie que é diferente da espécie africana, mas se encontram na mesma família, que a Gameleira, essa a árvore que de acordo com o sincretismo do Candomblé, se encontra um Orixá muito poderoso, que manuseia a arte da magia, e da alquimia da floresta.

Como a árvore Iroko (*Irókò*) não foi trazida para o Brasil, ela foi substituída, no que diz respeito a culto religioso, pela Gameleira-Branca, provavelmente pelo fato de as duas árvores pertencerem à mesma família. Sua classificação botânica segundo, DE OXÓSSI (2014, p.166): “Gameleira-Branca no Brasil – Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Magnoliopsida, Ordem Rosales, Família Moraceae, Gênero *Ficus*, Espécie *gomelleira*. Nome científico: *Ficus gamelleira*”

Importante ressaltar que para além das funções dessa árvore para nosso desenvolvimento, ela possui uma força vital elementar e espiritual que tem uma grande potência, essa cosmovisão da cultura de matriz africana ressignifica e traz um novo olhar sobre essas árvores centenárias, que são espécies clímax que estão dentro da floresta, compondo a flora, e servindo de refúgio à fauna.

Além disso, nos traz benefícios para uso do que oferecem suas rameiras em seus troncos, mais o que é muito interessante de se observar, é que o conhecimento tradicional valoriza antes do poder medicinal da planta a sua potência enquanto ser completo, o seu sentido e a sua força vital, espiritual e ancestral, a força dos elementos da natureza e dos Orixás que estão conectados a algum elemento vegetal.

Dessa forma, nós trazemos um novo sentido etnobotânico, em que assim como o ser humano não é definido apenas pelas suas características biológicas ou fisiológicas, a natureza também possui um componente além dos fatores que determinam aquele vegetal dentro de alguma classificação botânica, esse conjunto de fatores implica em levar em consideração os elementos espirituais e as forças que regem essa planta.

Como a etnobotânica valoriza os conhecimentos tradicionais, e reafirma a validação desses conhecimentos enquanto ciência, é destoante considerar apenas os fatores biológicos como os fatores determinantes, dentro do modelo da etnobotânica, se o saber que foi transmitido está relacionado a força e potencial espiritual de um vegetal, ele é o conjunto que torna essa planta uma potência dentro dessa cultura ancestral.

Justamente dentro desse ponto, neste texto consideramos que o tema abordado, e a maneira como interlocutor nos traz a informação é de uma riqueza ancestral muito valiosa, além de que, chega através de uma narrativa de história de vida que é ancestral, que se

perpetua desde seus antepassados até chegar na nova geração, que levará esse ensinamento para quem estiver na busca desses conhecimentos.

No começo dos tempos, a primeira árvore plantada foi Ìròkò. Ìròkò o foi a primeira de todas as árvores, mais antiga que o mogno, o pé de obi e o algodoeiro. Na mais velha das árvores de Ìròkò, morava seu espírito. E o espírito de Ìròkò era capaz de muitas mágicas e magias (Prandi, 2001, p. 34).

A expansão do nosso olhar dentro da etnobotânica é que faz essa linguagem ser tão interdisciplinar, as conexões e os conjuntos que compõem um elemento da natureza, denota a magia da cosmovisão, assim, seu saber não está direcionado a apenas uma maneira, ou um modelo já condicionado, é preciso que se tenha mais sensibilidade para compreender a etnobotânica, como uma visão diversa, multifuncional, com uma linguagem de acordo com a comunidade tradicional que está trazendo a narrativa.

Ao trazer sobre essa árvore que se encontra dentro do barracão, ele também nos pontuou uma planta, que está presente dentro do espaço e tem um significado singular, onde afirma que todo iniciado, possui o contato com essa folha e sai com ela no fim da ritualística, seu nome popular é Dracena, mencionado por nosso Bàbá Robson como Pèrègún. Sua classificação botânica segundo, DE OXÓSSI (2014, p.110): “Nativo Reino plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Liliopsida, Ordem Liliales, Família Liliaceae, Gênero *Dracena*, Espécie *Fragrans*, Nome Científico: *Dracena Fragrans*.”

Dentro da referência que encontramos como citado, ela representa no Candomblé diversos significados, e eles mudam de acordo com a maneira como está escrito, ou referenciado o nome em Iorubá da planta, aonde se modifica a acentuação e com isso ocorre alteração do nome em Iorubá e assim, o seu significado também é modificado.

Portanto, sua simbologia mesmo trazendo diversos significados, de acordo com a alteração da própria escrita em Iorubá, todos eles estão relacionados a cura, ao bem-estar e a abertura de caminhos, com isso, a simbologia dessa planta, nos remete o seu potencial para uma cura iniciática, estando muito conectada aos iniciados.

Pèrègún: Planta que abre, totalmente, os caminhos de cura

Pèrègun: Planta que abre, totalmente, os caminhos de luta e guerra.

Pèrègún: Planta que chama Ògún quando Ele quer ir-se embora (ir para o Àiyé).

Pèrègún: Planta que manda embora o choro decorrente de humilhações sofridas em público, pela cobrança de algo que foi recido no passado.

Pèrègún: Planta que manda embora as humilhações, maldições e pragas.

Pèregun: Planta que chama boa sorte e benções nas lutas.

Pèrégún: Planta que manda embora o morto que volta a Terra chorando (os espíritos sofredores)

Pèrégún: Donzela que usou seu charme para ir embora e por isto chora (DE OXÓSSI, 2014, p.110).

Como podemos observar na literatura citada, ela vai ser uma planta que traz referência a abertura de caminhos, está relacionada a cura, a entregar força para aqueles que estão em alguma luta, para que assim possam obter conquistas e também está relacionado a curar autoestima e doenças mais profundas, que ainda levam ao sofrimento.

Quando iniciamos um trabalho mediúnico, trazemos muitas questões para serem trabalhadas em busca de nosso melhoramento, buscando a saúde do corpo e da mente, assim como do espírito, para quem acredita, é possível abrir os nossos caminhos, com o auxílio da espiritualidade, nesse ponto, essa planta traz a força necessária, para iniciarmos essa jornada de conhecimento e estudo fino das forças da natureza.

Como uma mentora espiritual, as plantas neste contexto, vêm proporcionando, uma grande limpeza energética, para que se tenha uma boa caminhada, na sua jornada ancestral, esse simbolismo, também se remete a uma cura medicinal, talvez não diretamente ao corpo físico.

Mas se considerarmos a ciência da Psiconeuroimunologia, que estuda as interações, entre o comportamento, o sistema nervoso, endócrino, e nosso sistema imunológico, se compreende que tudo está conectado, ao fazer essa disciplina na biologia, consegui ampliar um pouco minha visão de como surgem as doenças e como se manifestam no nosso corpo físico.

A psiconeuroendocrinoimunologia é um estudo que traz sobre a importância de mantermos pensamentos saudáveis pois temos as redes de transmissores e os hormônios que são produzidos, sob comandos cerebrais, se trata de um estudo amplo, porém resumo a estes parágrafos.

Se tratando de uma ciência que leva em consideração nossa rede de transmissores, a produção hormonal, assim com a reação a ela do nosso sistema imune, também considera que as doenças podem surgir quando estamos enviando uma mensagem ao nosso cérebro do que estamos vivenciando no nosso externo.

Da mesma maneira, as doenças para além do fator genético, podem se iniciar no nosso pensamento, invadindo nosso espírito, acometendo a nossa alma e o nosso espírito, ao

limparmos nosso pensamento, as doenças do corpo por vezes, não se manifestam na mesma proporção.

A funcionalidade e o potencial de uma planta, para tratar das nossas emoções e dos nossos sentimentos, assim como do nosso corpo e campo vibracional, também é uma cura medicinal, onde não se encontra esse tratamento na medicina convencional, pois a mesma trata de maneira isolada, cada doença.

O nosso corpo, e a nossa mente, assim como nossa alma e espírito, é um conjunto que é composto por diversas informações e sofre diversas interferências externas, com isso, vamos nos moldando as vivências e ensinamentos que temos em nosso cotidiano, durante toda a nossa trajetória de vida, desde a nossa primeira infância, até a nossa fase adulta.

O nosso inconsciente, vai gravando todas essas informações e armazenando dentro do nosso cérebro, com isso vamos construindo quem somos, a nossa estrutura e a forma como nos manifestamos dentro de um contexto social, se estivermos voltado a tratamentos e terapias, onde trabalhamos melhor as nossas inseguranças os nossos traumas, que foram armazenados durante a nossa trajetória de vida, teremos mais saúde não só mental, mas consequentemente física, pois o nosso organismo não estará se defendendo de nada que é externo.

Quando não tratamos o nosso psicológico, no nosso inconsciente é onde ficam armazenados as memórias e informações de agressões sofridas durante a vida, opressões que vivenciamos, tudo isso se não for bem trabalhado, surgirá os comportamentos reativos e de defesa, e nosso organismo em estado de alerta, faz a leitura do que precisa ser liberado na produção hormonal, ativando nosso sistema imune para combater agentes invasores, que nem sempre estão dentro do nosso organismo.

Um exemplo disso é quando nosso organismo, começa a se defender até mesmo do que não precisa, atacando as próprias células, é o que acontece quando surge um câncer ou uma doença autoimune, nem sempre se tratando de um fator genético, e mesmo se tiver tendência a manifestar alguma doença, cuidando da alimentação e espírito, reduzimos a probabilidade de ocorrer uma manifestação no nosso corpo orgânico, é uma possibilidade em estudos.

Não pretendo resumir uma doença autoimune é essa definição, é claro que existe todo um conjunto de fatores, mas um dos fatores, se trata da maneira como reagimos a situações da vida, de acordo com aquilo que já conseguimos trabalhar, que ficou armazenado no nosso inconsciente, que vai fazer com que o nosso organismo, reaja às doenças, ou qualquer outro tipo de interferência externa de uma maneira saudável, ou não.

Se observarmos a etnobotânica como uma via de contribuição para a medicina que antecede a doença no nosso corpo orgânico, teremos então a busca por mais terapias, e também buscaremos por cura dos nossos pensamentos, do nosso campo vibracional, espiritual, cuidando assim do conjunto do nosso organismo, vivenciando uma medicina de precaução, e não apenas uma medicina que trata a doença quando ela já atingiu o nosso organismo.

Quando observo a narrativa do nosso interlocutor e até mesmo o que encontro na literatura a respeito de uma planta, para além do nome em Iorubá e seu significado, os benefícios que esse vegetal tem para uma pessoa a forma como é utilizado assim como o nome científico, quero ampliar nosso horizonte para observarmos o tipo de medicina onde o que é contextualizado, é o potencial de cura da planta para todo o nosso ser e não apenas uma parte isolada, que é o que estamos acostumados a tratar, o nosso corpo físico.

Como mencionado por nosso querido Bábá Robson: “Nós temos o abre caminho próprio nome já fala ele é uma rama, onde a gente coloca na coroação, para um casamento, num batizado, num banho, numa porta, como uma guirlanda pra chamar prosperidade, a sorte pra dentro da casa.”

No livro busquei trazer as referências encontradas a respeito dos Orixás, que estão conectados com a planta que está sendo mencionada por nosso interlocutor, não é mencionada dentro dessa literatura, logo, eu trouxe a fala do nosso interlocutor, que já nos traz acesso a esse conhecimento. Essa planta já traz uma representação que está relacionada ao seu nome popular, a rameira abre caminho, simboliza a prosperidade e abundância para dentro das casas, quando se trata de alguma ritualística de passagem para um novo ciclo, como um batizado, um casamento, um banho de limpeza, ela também se apresenta como um elemento principal para trazer a sua força de abertura para esse início de ciclo, e proteção, é o que tenho de memória sobre seu simbolismo exotérico.

Assim também ela é considerada uma planta que quebra demandas, situações difíceis ao qual vivenciamos, e dentro da sua referência medicinal, ela também trata diversas doenças limpa o organismo purifica, sendo anti-inflamatória, trata doenças respiratórias, então a relação que ela apresenta simbolicamente, dentro da cultura de matriz africana, também está conectada com a sua força medicinal, dentro da pouca bagagem que tenho sobre ela.

O sincretismo que está direcionado a algumas plantas, vem desde seus antepassados, quando se observa outros espaços, a interação entre os grupos de Matriz Africana quanto a cosmovisão e simbologia de algumas ervas em específico, elas se apresentam em sua grande

maioria no mesmo cenário, dificilmente se encontra uma planta utilizada em apenas um barracão.

Neste aspecto, subtemde-se que muitos estudos que trazem a linguagem da cultura de Matriz Africana, apontam a uma linguagem intercultural que valorize seus conhecimentos tradicionais, nunca desmerecendo seu saber, ou local de fala, a visão que o outro pontua é sempre um caminho para um novo aprendizado, não é apenas uma superstição, aqui não existe espaço para esse termo, preferimos usar a palavra sincretismo ou cosmovisão.

Até hoje, tivemos um processo de colonialismo potente e bem articulado, que usou a política com todas as suas nuances. Agora, entretanto, está acontecendo algo interessante. Os seres estão começando a falar em autogestão. Estamos em um momento muito especial. Falamos de cosmologia em vez de falar de teoria ou ideologia. Falamos de território, em vez de falar de fábrica. Falamos de aldeia, quilombo e terreiro, em vez de espaço de trabalho. O mundo do trabalho não é mais o mundo em debate, não está mais impondo a pauta, está sendo substituído pelo mundo do saber, pelo mundo do viver (DOS SANTOS, 2023, p.32).

Trazendo a etnobotânica nesse contexto, é sabido que ela se apresenta em diversos detalhes, dentro da cultura do Candomblé, onde uma planta não é somente um vegetal, mas possui uma energia vital que se observa, se estuda sobre a energia dessa planta, transmite esse conhecimento aos demais, e depois se aplica este saber, as ervas não são elementos da natureza isolados, elas não terão apenas suas funções moleculares e classificação botânica, mas ela será um elemento atuante de potencial energético.

A valorização da natureza e seus aspectos biológicos, não estão ausentes no grupo de Candomblé, mas para além do que se estuda e se acredita, a composição vegetal é um elemento vivo e simbólico de uma energia atuante e de força etérea, já esses estudos pouco se encontram nos livros de botânica, mas ele se faz presente e se manifesta em diversas culturas ancestrais e em comunidades tradicionais.

Absorver ou não esse conhecimento, vai não só da crença de cada um, mas na disposição de ampliar seu campo de visão, de trazer para si um novo olhar sobre esse tema, e ampliar seus conhecimentos, não é um espaço para se julgar o que é ou não real, mas buscar acolher o saber de uma cultura ancestral, não precisamos classificar um conhecimento entre científico e empírico, pois existem fronteiras desconhecidas que se aplicam a anos nas culturas de matriz africana, que não existe uma explicação lógica nos periódicos, pois se trata de um saber ancestral com uma bagagem histórica a nós desconhecida.

Logo, não cabe a quem não faz parte deste estudo classifica-lo ou não sob sua órbita do que é a ciência, neste caso a cosmovisão é uma maneira subjetiva de entender a vida, uma

linguagem que nos retrata aspectos diferentes do que estamos habituados a observar, até onde tomei conhecimento desta palavra.

Dento deste local de observador podemos sim abrir uma margem para críticas construtivas e a crença ou não do que é apresentado, mas em momento algum esse é o caminho que se segue dentro da etnobotânica, nesse estudo se valoriza e se valida o conhecimento tradicional enquanto ciência, não se enquadra ou julga a uma visão delimitada e tendenciosa.

A diversidade de saberes é que valida a ciência, a linguagem intercultural, onde os saberes se conectam formando uma fonte inesgotável de questionamentos, e nos abre caminhos para ampliar nossa visão de mundo proporcionando mais aprendizado.

Se nosso caminho estiver limitado, estamos de um lado da ciência já ultrapassado, enquanto cientistas e pesquisadores, um investigador vai em busca de saber, para nutrir sua alma, e propagar conhecimento, limitar o saber, é arrancar a fluidez que existe no percurso deste lindo trajeto que é a jornada do desconhecido, somente nela abrimos espaços para novos aprendizados, deixo minhas reflexões nestes parágrafos acima.

Temos Akóko, ele também é uma folha de ancestralidade, uma folha de obrigação, então quando a pessoa ela se forma na religião a gente usa o Akóko como adorno no turbante da pessoa, então ele simboliza que aquela pessoa ela já é formada já pertence a um outro patamar a religião (Babalorixá Robson Facioli).

Como citado por nosso interlocutor, ela também é utilizada quando a pessoa está se formando dentro do segmento é uma força que está relacionada à história da África, como os reis são nomeados, dentro do Candomblé traz essa representatividade. Sua classificação botânica segundo, DE OXÓSSI (2014, p.80): “Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Magnoliopsida, Ordem Lamiales, Família Bignoniaceae, Gênero *Newbouldia*, Espécie *Laevis*, Nome científico: *Newbouldia Laevis*.”

Dentro dessa narrativa do nosso interlocutor observamos o quão presente está a ritualística da cultura de matriz africana do Candomblé, com a cultura Africana, onde uma árvore ancestral da região, possui uma simbologia de referência, sendo uma árvore centenária e de coroação, nomeando uma pessoa como rei dentro da sociedade, e a mesma representatividade ela indica dentro da ritualística do Candomblé, quando ocorre uma passagem de um iniciado, a um outro patamar da religião, como apontado na citação abaixo.

Em África, uma pessoa só é confirmada rei após ser colocada a folha de Akóko em sua cabeça, a fim de que a imponente e a força da árvore sejam transferidas para o novo rei. O mesmo se dá nas religiões de matriz africana, que fazem uso dessa planta quando desejam concretizar um trabalho feito e, principalmente firmar um

cargo ou à se, sendo esta a razão de ser fundamental no Odún Méje – Obrigação de sete anos (DE OXÓSSI, 2014, p.80)

Na citação acima, descreve que ocorre esse momento dessa folha ser utilizada como um adorno no seu turbante, na passagem dos sete anos de estudo, com isso, esse médium faz sua passagem a um novo cargo, carregando a história e a ancestralidade de uma força que existe nessa árvore ancestral africana, recebendo o seu ensinamento com a força de uma árvore anciã.

Árvore centenárias, servem como abrigo para vários seres vivos, várias espécies se beneficiam de uma espécie clímax, pois ela traz a sustentação da floresta com suas grandes espaçosas raízes atingindo o solo, e com sua copa através de suas folhas, trazendo até o chão a serra pilheira que serve de abrigo para microrganismos, e também é uma fonte de alimento, assim como a sua seiva que leva aos frutos o sabor e o crescimento, alimentando diversos animais da fauna.

Dentro da composição vegetal, a floresta como organismo vivo, ela se sustenta com as espécies secundárias, mas a manutenção dessa floresta por mais tempo, é feita através de uma espécie clímax, dentro do cenário africano a composição dos biomas é distinta, por conta do clima e da formação geológica, mas a fisiologia não interfere na composição de uma espécie vegetal, em sua variação de tempo, uma árvore que no Brasil é secundária em outro território ela vai continuar sendo uma espécie secundária.

Logo, essa mesma árvore sendo replantada e reproduzida no solo brasileiro, sua tendência é se tornar uma espécie clímax, é claro que os fatores fisiológicos podem interferir sim no tamanho e até mesmo na forma que esse vegetal vai adquirir se adaptando a um novo solo, mas a essência desse vegetal para um segmento ritualístico ancestral, continua sendo representado pois vai além dos fatores biológicos é a força elemental que está reagindo essa planta.

Algumas árvores, assim como algumas ervas adequaram ao território brasileiro, e outras não se encontram em alguns biomas, mas também tem as plantas que foram ressignificadas, sendo substituída por outra espécie dentro do solo brasileiro, mas que fazem parte da mesma família.

Quando abordamos um estudo, que vai trazer a diferenciação da classificação botânica em iorubá, com a classificação botânica dessas plantas no Brasil, podemos encontrar alguns impasses, a informação pode se tornar algo errôneo, pois dentro do segmento do Candomblé, existem sim as plantas que são da mesma espécie, família e possuem a mesma simbologia,

assim como existem as plantas que foram ressignificadas sendo da mesma família, mas não fazendo parte da mesma espécie, sendo assim substituída, prefiro utilizar a palavra ressignificada dentro do solo brasileiro, para que assim se perpetua o ensinamento sobre a força daquele vegetal.

Com isso esse trabalho não se orientou em uma busca de classificação vegetal, onde é feito comparações, para que não ocorresse tantos equívocos como existem já em alguns trabalhos, pois até mesmo essa classificação botânica, além do diferencial dos fatores biológicos e fisiológicos, também existe outro detalhe importante, que se trata de qual família ou nação que este barracão pertence.

Pois cada nação africana se refere a uma família, onde na literatura se apontam três que vieram para o Brasil, o grupo Nagô (nação Jeje), O grupo Bantu (Banto), e nação Angola, dentro da cultura do Candomblé trabalham com as mesmas plantas, mas tem sim algumas diferenciações, ela seria um uma diferença na nomeação daquele vegetal em Iorubá, e pode vir a ser distinto até mesmo a planta que está sendo utilizada, considerando a fisiologia e o bioma que está inserido essa planta.

Vale lembrar então, que o direcionamento e a orientação que resolvemos seguir nessa escrita, seria realmente a compreensão dentro do estudo etnobotânico da valorização desse elemento vegetal, dentro da simbologia da cosmovisão de matriz africana, assim como, a perpetuação dessa narrativa ancestral que vem sendo disseminado desde os tempos passados até então, nas casas de Candomblé.

A etnobotânica no Candomblé, traz um novo sentido neste estudo científico, onde o modelo de tratamento medicinal para o corpo orgânico está direcionado apenas as pessoas que vão até o local e estão com alguma enfermidade precisando de um tratamento imediato, valorizando nas narrativas etnobotânicas, a simbologia e a força que esse vegetal carrega como potencial de cura em outros âmbitos da nossa vida.

Sendo então, na matriz africana uma maneira de se precaver de futuras doenças, que podem estar se manifestando já no corpo físico, seria um modelo de precaução e no caso de outras plantas teria esse significado mais voltado aos Orixás, como é o caso dessa árvore africana que apresentamos, sendo no caso para afirmar um cargo ou indicar uma nova fase dentro do segmento.

São muitas folhas os ebomi (irmãos mais velhos), as pessoas mais antigas da casa, cada um tem a sua folha, então o mais novo não pode cantar a folha do mais velho, aí ele já aprende a canção (Bàbá Robson canta a canção, não conseguimos o registro cantado)

Um ebomim que é o irmão mais velho de Oxóssi, tem a folha da palha do milho. (Ewê tabadu) (Bàbá Robson canta, não foi possível capturar o canto), então ali cantou a folha do milho, se aquela sasanha ela é de um ebomi, mas ninguém pode cantar aquela sasanha na casa a não ser aquela pessoa (Babalorixá Robson Facioli).

O nosso interlocutor retrata um pouco, sobre o respeito a hierarquia que existe dentro do segmento ritualístico, onde a pessoa que está responsável de realizar um canto referente ao milho, é importante que seja realizada apenas por essa pessoa, com isso percebemos que até mesmo o canto vem direcionado de uma maneira ancestral, os anciões, terão uma conexão mais forte com o milho, irão entoar com a força do seu canto a sua própria experiência dentro da ritualística, sendo de tamanha responsabilidade entoar a Sasanha, é o que compreendo conforme o que foi mensurado por nosso interlocutor.

Desta maneira então o mais jovem fica responsável de aprender o canto e ouvir em silêncio, absorvendo aquela reprodução ancestral, a entonação que é depositada a energia que vai ser propagada através da força do canto vindo de um Ancião com toda a sua experiência assim como o poder elemental que aquela planta representa dentro da ritualística.

O seu encantamento sendo feito por um ancião, possui um efeito único nos consulentes, e repassa para os mais novos a maneira correta de ser executado esse canto assim como realizar o encantamento do milho para ativar o seu potencial de cura e louvação. Sua classificação botânica segundo, DE OXÓSSI (2014, p.237) “Àgbado Funfun – Milho Branco - Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Liliopsida, Ordem Poales, Família Poaceae, Gênero *Zea*, Espécie *Mays*, Nome Científico: *Zea Mays*”.

De acordo com a referência do livro que estamos nos pautando, nossa autora nos descreve o milho como um símbolo de paz, e de proteção também dos seres superiores das divindades, assim como é a base da alimentação e da culinária no Candomblé, não é somente o sabor que é apreciado dentro dos pratos realizados pela cultura de matriz africana, e sim a representação que esse alimento passa a ter por ser feito com milho e a maneira como também é entregue as pessoas por quem entregue, como por exemplo quando é entregue por um sacerdote.

O milho branco é símbolo de paz sua vida de proteção dos seres superiores. É de muito valor na culinária do candomblé pois com ele é feito o Àkàsà (alimento que proporciona atividade quando é dada alguém pelas mãos de um sacerdote) e o ègbô (alimento que serve para fazer alguém enxergar a realidade sem sentir dor) tanto Àkàsà quanto o ègbô são oferendas dos orixá FunFun (DE OXÓSSI, 2014, p.237).

Ele aponta dois pratos que são servidos e elaborados com o milho, um deles vai levar para pessoa além de uma alimentação a vivacidade e existe outro prato que vai trazer para

aquele corpo espiritual e emocional além do orgânico, abertura de se enxergar uma realidade que por vezes possa parecer difícil, sem sentir tanta dor, para que assim a pessoa que está recebendo essa nutrição de alma, consiga receber a cura que está procurando.

A representação do milho em diversas culturas é muito presente, os povos originários também trabalham muito com a medicina do milho até mesmo fazendo garrafadas e fermentando, para realizar cantos sagrados, foi o que já observei convivendo com os povos Guaranis, aqui na cultura de matriz africana não é diferente, é servido como um alimento muito rico e utilizada em diversos pratos culinários, mas também tem um significado espiritual muito forte, seu manuseio durante a ritualística é realizado por um Ancião e tem um peso maior.

Quando os modos alimentares se desconectam e se deslocam das festas, eles se enfraquecem. O congado é uma defesa contra os colonialistas e tem a grandeza de manter todo um aparato, uma culinária, uma apreciação, uma degustação de comida que faz parte da festa. Sem aquela comida, a festa não pode existir – a festa preserva a comida e a comida preserva a festa. Assim acontece nos terreiros e em vários outros festejos (DOS SANTOS, 2023, p.27).

O milho é um alimento muito nutritivo, e utilizado em várias comunidades ancestrais desde ribeirinhos a indígenas e quilombolas, a maioria das comunidades tradicionais utilizam do milho para alimentar a sua família, é uma representação de muita força os alimentos preparados na culinária, sua representação espiritual é muito forte, pois uma planta que se conecta a divindades e a seres superiores é realmente um vegetal que possui muito valor espiritual, sendo considerado por alguns o ouro da Terra.

Infelizmente hoje temos uma grande quantidade de transgênicos, o milho crioulo quase não existe, dentro de algumas comunidades que se trabalha a agrofloresta e a biodinâmica, ainda existe sim sementes armazenadas crioulas, que são passadas de uma geração anterior que cultivava o hábito de armazenar semente crioula, para a nova geração, que irá cultivar nas próximas colheitas, algumas pessoas mais antigas dentro de comunidades, ainda possuem suas sementes armazenadas.

Com isso valorizarmos a soberania alimentar, e se propagar a importância da semente crioula, pois todo esse potencial de cura espiritual, está vinculada a uma semente, se potencializa quando ela não passou por nenhuma modificação genética, se torna uma conexão muito mais harmoniosa, por esse motivo o hábito de se cultivar milho crioulo, e propagar essa é a ideia, está para além de uma simbologia ou cosmovisão é uma maneira de protegermos nosso próprio organismo do que estamos nos nutrindo.

No processo de formação acadêmica, trabalhei em um laboratório de restauração ambiental (LABRA), onde a minha orientadora a qual admiro muito, Zefa Valdevina, desenvolvia projetos com as comunidades de assentamento, onde foram realizados Sistemas Agroflorestais (SAFES), e dentro desse processo, foi inserido a cultura da semente crioula, com isso originou-se uma feira de sementes crioulas, onde é feito a troca de sementes como um verdadeiro banco de sementes crioulas, não apenas de Milho mas de outras culturas alimentícias.

Continua sendo desenvolvido, como extensão da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e que favorece muitas comunidades locais, além de propagar a importância de ter sementes crioulas armazenadas de diversas culturas alimentícias, para que assim possamos ter uma alimentação mais rica e nutritiva, onde também a ancestralidade é passada através daquela semente e faz parte da narrativa histórica de um povo.

Manusear as sementes crioulas é um trabalho ancestral e de resgate cultural, ela conseguiu também implantar bancos de sementes em algumas cidades, onde as pessoas que costumam realizar as trocas de semente conseguem também fazer um aporte de quantidade de sementes e no outro ano devolver o dobro da quantidade que conseguiram pegar de sua colheita.

Com isso nossa honrada Zefa Valdevina, organizava o encontro que ocorre em JUTI no Mato Grosso do Sul (MS), onde pessoas de todo o Brasil, podem levar suas sementes crioulas e realizar as suas trocas, assim o banco de sementes crioulas a cada ano, vai aumentando cada vez mais, em sua diversidade de culturas, dentro dessas culturas está muito presente o milho e suas variedades (milho vermelho, milho preto, milho colorido, e o milho branco) sendo o último mais utilizado por os povos originários que seria o branco e o amarelo.

Observamos a diversidade desse alimento, e como a riqueza de nutriente esta voltada a força, que a terra proporciona, nem todo tipo de milho existe reproduzido de maneira transgênica, essa diversidade só encontra no meio agroflorestal e dentro da soberania alimentar, que propaga também a potência da força elemental dessa planta, passada de geração a geração.

Acredito que não exista uma maneira de propagar a ancestralidade de uma planta sem considerar modelo de plantio que essa planta está condicionada, o legado ancestral de armazenar sementes crioulas é uma narrativa de valorização há diversas culturas e de um resgate histórico e cultural de diversos povos.

Depois de toda essa louvação de antes, durante e após as emulações, quando termina toda a obrigação nós temos as folhas. Realmente chama as folhas, que é um ritual feito com a folha de mamona (Ewê Lárà).

A folha da mamona é muito interessante, a maioria das pessoas tem o Ewê Lárà a folha da mamona como folha de Èṣu e vai nas obrigações de Èṣu, nas farofas, tal, mas ela é uma folha que entra nas comidas, não pra fazer comida, mas sim para enfeitar ou até de vasilha.

Ela é presente de Èṣu à Oxalá, todos os Orixás, você pode colocar ela no Albidar em uma vasilha enfeitar, e usar a folha de mamona para colocar comida em cima e na hora de entregar com a folha de mamona com a comida, não no Albidar, que até um momento sustentável para o meio ambiente, pra gente preservar.

Então Ewê Lárà a gente faz uma trouxinha com algumas coisas que vão dentro aí a pessoa que está de obrigação dança três vezes no barracão com aquelas trouxas e entregam para as entidades pertinente que são as folhas ali é quando a gente dá a última satisfação aos orixás que pertence a folha Òsányìn é o dono do culto da sasanha, tem algumas outras entidades que participam desse culto, que são pai e mãe de Osain (Babalorixá Robson Facioli).

Dentre as folhas presentes na ritualística do Candomblé, a mamona foi a que observei com mais frequência nas festividades, sendo utilizada como um enfeite nos vasilhames com alimentos, e também como pratinhos, onde é colocado o alimento dentro de uma folha de mamona e é feito dessa folha umas trouxinhas, você se alimenta e depois essas trouxinhas você passa no corpo fazendo a limpeza e purificação e devolve para o vasilhame onde estão as que serão descartadas, isso foi observado em uma festividade específica, não sendo executado sempre desta maneira.

O nosso interlocutor também aponta que essa folha é ofertada a Exu (Èṣu) para Oxalá, mas também se apresenta em ritualísticas que são voltadas a outros Orixás, sendo utilizadas com enfeites nos vasilhames de alimento ou como já foi citado acima, ele também pontua que quando você vai fazer uma obrigação ou entrega o alimento pode ser colocado nessa folha, assim preservando o meio ambiente de deixar materiais que não decompõem na natureza.

O ritual das folhas é após esse momento de cantoria as folhas começam a aparecer dentro da ritualística compondo a cerimônia e trazendo seu Axé para o Barracão, pois assim cada folha apresenta o seu poder elemental, que se conecta a um Orixá, por esse motivo a folha de mamona se apresenta em diversas ritualísticas

Sejam elas em datas festivas ou cerimoniais que seguem o calendário anual, seja de maneira ornamental, quando é utilizada para enfeite os pratos de alimento, ou quando é utilizada como vasilhame, não importa a maneira que será utilizada, sempre terá seu momento de louvação e encantamento antes da utilização da folha. Sua classificação botânica segundo, DE OXÓSSI (2014, p.221-222): “Ewê Lárà - Mamoneira Reino Plantae, Divisão

Magnoliophyta, Classe Magnoliopsida, Ordem Malpighiales, Família Euphorbiaceae, Gênero *Ricinus*, Espécie *Communis*, Nome Científico: *Ricinus Communis*.”

Dentro da referência que trazemos aqui do livro acima citado, temos a referência do seu significado em Iorubá, a mamoneira é conhecida como (*Ewé Lárà*), em seu significado seria, a folha que faz o corpo renascer a cada dia, a autora, ressalta que é utilizada, colocando a folha na cabeça que é uma maneira de fortalecer quem está absorvendo da energia dessa planta, para que a dor seja dissipada.

Lembrando que como mencionado pela autora citada acima, as diversidades da mamona com sua respectiva cor, está relacionada aos Orixás de um elemento, as outras são direcionadas a todos os Orixás, a mamoneira branca para utilização de sua folha como oferenda, ela faz parte da composição da oferenda, existe a maneira que vai ser utilizada em rituais fúnebres, então, o tipo de mamoneira vai diferenciar o seu uso.

O principal produto da mamoneira é o óleo de mamona, o famoso óleo de rícino, um purgativo muito usado na medicina popular de antigamente. Pelo fato de a mamoneira ser uma planta oleaginosa de elevadíssimo teor óleo, é uma rica fonte de energia. Seu nome em yorubá é Ewé lárà o que significa folha que faz o corpo renascer a cada dia. Por isso é comum no candomblé colocar uma folha nova de ewé lárà na cabeça para que, dando mais energia ao ori, ela fique fortalecida e, conseqüentemente, sem dor.

No Brasil, existem 3 tipos de mamoneira:

Vermelha (*Ricinus sanguineus*) - planta difícil de ser encontrada, sua cor é muito viva, mas quando está ainda pequena pode ser confundida com a mamoneira roxa. No candomblé a maneira vermelha é usada para enfeitar os pratos das divindades relacionadas com o fogo.

Roxa (*Ricinus communis*) - possui caule Talos arroxeados. No candomblé a mamoneira roxa é utilizada para rituais fúnebres, pois é mais relacionada com a morte e os mortos.

Branca (*Ricinus communis*) - possui caule esbranquiçado. No candomblé, a mamoneira branca é utilizada para todos os orixás, geralmente como pratos para servi-lhes oferendas (DE OXÓSSI, 2014, p.121-122).

Sendo então importante, observarmos que a cultura de Matriz Africana se conecta a força ancestral dos vegetais, para assim potencializar o elemento que está regendo aquela força, contribuindo então para que ocorra a medicina dentro do culto de louvação as folhas, com o devido respeito, seguindo uma sequência dentro da sua ritualística, onde a composição das folhas e como vão ser apresentadas, se refere ao trabalho que está sendo executado.

É sabido que várias ervas são utilizadas para banhos, para a defumação, iniciação, limpeza espiritual, para tomar enquanto medicamento, pode ser passado ao consulente uma receita e cabe apenas no momento da cerimônia ter acesso a esta composição, assim como

existem as ervas que são utilizadas para preparo de banhos e defumação, nem todas são citadas dentro dessa escrita, pois não tivemos total acesso a esse conteúdo.

Aí nós temos alface d'água que hoje Euê Orô (Ewé Orò) ou Folhas de Orô, uma folha aquática, pois pra você se iniciar os orixás d'água os orixás que representam o elemento água temos que ter as folhas aquáticas então hoje o orô ele é muito importante como a Vitória Régia nós chamamos de Òsibàtá (Babalorixá Robson Facioli).

Nosso interlocutor reforça, que cada elemento da natureza compõem uma simbologia, que está voltada a um Orixá, por esse motivo pontua que os filhos iniciados dos Orixás da água, utilizam de plantas aquáticas para potencializar a força do Orixá e desse elemental.

Ele nos aponta duas plantas aquáticas, que conseguem ser cultivadas, dentro de um ambiente que reproduza seu habitat, pois também, podem ser plantas ornamentais, apesar no seu ambiente propício ser o meio aquático perto das fontes de água, nascentes ou rios.

A alface d'água é muito conhecida, popularmente visto, como uma planta que consegue, realizar a limpeza do ambiente, pode ser utilizado em tratamentos de redes de esgotos mas também é encontrado em lagos, sendo o seu hábitat o meio aquático incluindo os rios, neste caso foi realizado uma ornamentação, para acomodar essa planta.

Onde o seu uso será propício dentro de uma cerimônia de iniciação, tendo a funcionalidade de representação do elemental da água, e os orixás que compõem o Axé, ou seja, a força e a potência dessa planta, sim indo um elemento é indispensável, nessa ritualística.

Sua classificação botânica segundo, DE OXÓSSI (2014, p.170-171): “Ojúoró – Alface-d’água Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Liliopsida, Ordem Alismatales, Família Passer, Gênero *Pistia*, Espécie *Stratiotes*, Nome Científico: *Pistia Stratiotes*”.

Trouxe também a classificação botânica que se encontra na mesma literatura, sobre a segunda planta citada por nosso interlocutor, a Vitória régia, é uma planta muito encontrada na Amazônia, de diversos tamanhos, como apresentam uma diversidade muito grande de gêneros, é muito diverso a sua variação morfológica.

Sua classificação botânica segundo, DE OXÓSSI (2014, p.170-171): Òsibàtá *Golfo* Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Magnoliopsida, Ordem Nymphaeales, Família Nymphaeaceae, possui sete gêneros *Nymphaea Nuphar, Nelumbo Victoria* (a planta Vitória Régia pertence a este gênero) *Euryale, Barclava, Ondinea* - e muitas espécies, entre elas a Lotus e a Alba.

Algumas espécies são utilizadas como alimento, fazendo parte da culinária com um vasto cardápio, na Amazônia também são feitos o consumo dessa planta dentro de algumas culturas e existem algumas espécies, que são cultivadas em casa para ornamentação, em algum jardim onde é reproduzindo o seu hábitat natural, para acomodar e lhe entregar os devidos nutrientes que ela precisa, para se manter saudável.

Para acrescentar vamos trazer uma colocação em um trecho de livro que denota a importância da alface d'água, no plano espiritual para o iniciado, assim como, para um momento da ritualística, sendo o sincretismo religioso que essa planta está representando para aquele iniciado, no momento de sua utilização.

Logo, ela pode ser também manuseada, em ritual de purificação, mas a simbologia do seu nome remete a cosmovisão que será um momento em que o sacerdote, vai conseguir observar com mais clareza e nitidez, a ritualística, assim irá aprender por observação e repetição, sendo ampliado em sua visão espiritual nos ensinamentos para que aquela ritualística ocorra da mesma maneira, todas as vezes que for executada.

Para melhor compreensão, trago um trecho do livro, que explana sobre esse momento da cerimônia, para o sacerdote, e o significado do nome dessa planta, no mundo espiritual, dentro de seu segmento.

É uma planta é uma planta perene com raízes numerosas pelo fato de ser rústica pode ser pouco exigente e de se reproduzir muito....

.... Para a ciência, entretanto, alface d'água é considerado uma planta purificadora, que serve para tratamento de esgoto domésticos e industriais, além de ser um bom fertilizante e ainda servir como ração animal. É por isso que, no plano religioso, alface d'água é usado no Omi Oşálá, importante ritual de purificação.

Hoje o ouro é seu nome em iorubá contração das palavras ojú=olho, visão; oró= ritual, querendo dizer que esta planta facilita ver e compreender os rituais: atos repetitivos, que pela sua constância favorece a aquisição de àşę, poder que todo sacerdote precisa ter, a fim de contribuir com a humanidade de maneira mais intensa e profunda. Além de aumentar a visão extrasensorial, ojúoró Ter de ajudar uma pessoa a realizar um debate com firmeza, porém com delicadeza, porque os sentimentos ativadas por essa planta são afeto e consideração pelo outro. Apesar de viver na superfície das águas, é nas profundezas da das Lagoas, na lama, que alface d'água encontra substâncias necessárias à sua vida. É sob a benção de nanã que essa planta encontra seu àşę e para ser distribuído por todos que a buscam (DE OXÓSSI, 2014, p.170-171).

Como observado nesse trecho, também se pontua que com a observação constante da maneira que é executada ritualística, possibilita que o sacerdote adquira o axé necessário, ou seja, a força para trabalhar com a caridade, para os que buscam auxílio.

Autora também nos pontua, que essa planta auxilia uma pessoa, a se comunicar de maneira mais efetiva, sabendo se colocar, mas com uma fala amorosa, depois essa planta tenho poder de ativar dentro de nós, o afeto e a empatia, aqui também nesse trecho retrata, que o alface d'água está sob as bênçãos do Orixá Nanã, que é um orixá feminino, conhecido por sua grande sabedoria, sendo uma das mães das águas mais anciã, responsável por todas as fontes de águas, representando também o barro e a lama, onde se formam os mananciais.

Água é um elemento que representa a vida, sem ela nada germina, nada cresce ou sobrevive, ela faz parte de 70% do nosso organismo, é o que temos de informação e em outras formas de vida também se apresenta, sendo então um elemento essencial, para manutenção de todos os seres, sua simbologia na cultura de matriz africana, é muito presente, desde os preparos de banhos, a entrada no Barracão, e a representatividade de limpeza e purificação e sua relação com os Orixás.

Existem outros Orixás que representam os rios e mares, sendo o Orixá a força atuante desse elemento, logo, sua relação intrínseca denota a importância desse elemento para a comunidade de Matriz Africana, que possui uma conexão ancestral com o este elemento e suas maneiras de utilização para a ritualística.

Já no sistema cosmológico, não há refluência. A água não reflui, ela transflui e, por transfluir, chega ao lugar de onde partiu, na circularidade. Ou seja, ela vai na correnteza, encontra outras águas, fortalece-se na correnteza, mas ao mesmo tempo evapora, percorre outro espaço, em forma de nuvem, e chove. A chuva vai para outros lados, mas também volta para as nascentes. As nascentes saem do Cerrado e vão confluindo. Confluindo e transfluindo, elas também evaporam e retornam em forma de chuva. Elas não vêm pelo mesmo percurso, caminho ou curso. Elas vêm na circularidade (DOS SANTOS, 2023, p.31)

Com isso, a conexão das plantas aquáticas como os Orixás representa o ciclo da água em sua totalidade, o movimento que a água percorre, como os rios e mares se conectam com as nascentes, como se formam os mananciais, esse movimento circular, está conectado aos ciclos da lua e, com isso, se apresenta como a força vital do nosso planeta, onde existe um Orixá no sistema cosmológico, que está responsável por equilibrar as forças das águas, pois nela fazem morada.

Quando o nosso autor Antônio Bisto dos Santos, citado anteriormente, aponta sobre a palavra transfluir, se dá o sentido de como a vida acontece dentro do equilíbrio natural, comparando as águas que correm, estamos percorrendo uma caminhada circular, onde o ciclo se inicia e encerra, para que assim se ocorra um novo ciclo, com isso, damos continuidade a nossa escrita caminhando para findar esse ciclo, deixando a semente da cosmovisão, aos que buscam um conhecimento de maneira orgânica.

Vamos então fluir nessa escrita, em direção a um conto narrado, dentro do segmento de matriz africana que traz um pouco a história dos Orixás, assim como a representação do dono das folhas, muito citado aqui, é pontuado um pouco do início da história das folhas sendo utilizadas para cura, e como os Orixás passaram a ser representados por algumas plantas específicas.

Nosso interlocutor nos traz uma referência de um conto que está dentro da narrativa histórica e oral passada de geração em geração no Candomblé, sobre como foi feita a conexão de algumas plantas com o seu Orixá. Esse conto mostra um pouco de como dentro do Reino Iorubá em sua cosmovisão amplificada, ocorreu essa entrega do dono das folhas, para que os outros Orixás pudessem também manuseá-las e qual seria a contrapartida, que eles entregariam ao dono das folhas, aqui ele nos traz o motivo de existir esse culto de saudação as folhas.

Percebe-se, então, que para além do culto está a devoção, o respeito à natureza vem para além de um olhar de admiração e de uso da mesma, eles entendem que a planta possui um espírito e esse elemental é capaz de trazer muitos benefícios mas para isso é preciso um respeito aos seres encantados que estão trabalhando com a força vital dessa planta, acessando esses portais se obtém o benefício de trabalhar com elas com a devida autorização, para que assim muitas pessoas possam ser curados e tratados.

Aí Iansã danada, minha mãe assim, ave Maria, que que ela fez? Ela falou para Orixás, eu vou mandar um vento na mata que todas as folhas vão cair aí vocês vão lá e apanha e Iansã mandou fefê “Voe” e mandou aquela aquela ventania. Aí ventou e aquela ventania forte as folhas foram caindo das árvores e os orixás apanhando, assim cada Orixá foi apanhando uma folha, E dali no outro dia os orixás estavam com as suas folhas porém entretanto e todavia um orixá olhou pro outro nem a Iansã olhou para Oxum, e Oxum olhou para Oxóssi falou mas e agora? Como que é o nome dessa folha? E pra que que ela serve? Eles tinham as folhas eles pegaram as folhas para si mas não sabiam como cantar e nem como manusear ou pra que que elas serviam.

O que aconteceu? Tiveram que ir até *Ọsányìn*, e a partir daquele momento, ele fez um acordo que iria ensinar, cada Orixá pegou a sua folha, e ele ia ensinar o nome, a serventia da folha, porém todo o ritual antes e depois *Ọsányìn* teria que ser lembrado e reverenciado, foi a contraproposta, e como até hoje é, tudo que a gente faz quando começa um ritual é o banho.

Então a gente louva *Ọsányìn*, dá as as obrigações, as emulações, a comida a gente entra na mata, a gente deixa uma obrigação na entrada da mata, quando você vai apanhar determinadas folhas você tem que colocar o fumo na boca pra que não corra o risco de abelha te picar porque *Ọsányìn*, se você está entrando ali você é um intruso, se de repente *Ọsányìn* está chateado com você e você esqueceu alguma coisa ou você fez algo que chateou o Orixá, então ali os bichos uma aranha, um morcego, uma cobra, abelha eles tem a tendência de nos atacar porque é a defesa de *Ọsányìn*.

A gente sempre dá uma obrigação antes de entrar na mata, pede licença e sempre vai com um pedacinho de fumo na boca como se estivesse maquiando, pra que esses insetos não nos persigam (Babalorixá Robson Facioli).

O interessante dessa narrativa histórica e ancestral que nosso interlocutor nos presenteia, finalizando esse capítulo, é também o entendimento de que o dom de trabalhar com as plantas medicinais e encontrar o potencial medicinal de cada folha ou erva, está destinado aos cuidados de um Orixá, mas ele entregou algumas plantas de poder aos outros Orixás sendo então algumas plantas a representação e a força viva e ativa de cada um dentro da sua especificidade.

Pois, assim, como tudo está conectado no Candomblé, os elementos da natureza com os Orixás, as plantas e toda a diversidade da nossa vegetação, assim como todo elemento da natureza está interligado, com isso, cada Orixá sendo ligado a um elemento da natureza seja ele o fogo o ar a água a lama, dessa mesma maneira as folhas que representam este elemento da natureza foram entregues de presente aos demais Orixás.

Mas é muito precioso observar, o respeito entre eles, pois mesmo recebendo esse presente do Orixá Ossaim (*Ọsányìn*), quando é feito o trabalho, todos em forma de agradecimento saúdam a sua presença e reconhecem o seu dom, trazendo então, a sua presença para trabalhar com aquela folha e receber a sua força, encantando a mesma, para que execute o trabalho que está sendo solicitado na sessão.

Os *oriṣa* ficaram com muita inveja dos poderes da dupla e almejaram possuir conhecimento da magia das plantas. Eles foram pedir ajuda a *Ẓàngó*; o *oriṣa* da Justiça. *Ẓàngó* resolveu que todas as divindades deveriam conhecer os segredos do Reino vegetal e mandou que *Ọsányìn* repartisse o poder das plantas com cada um dos *oriṣa*, o que ele foi terminantemente negado. *Ẓàngó*, então mandou que *Oya*, Divindade dos Ventos, agita se sua saia para provocar um Vendaval. O vento foi tão forte que fez *Ọsányìn* perder o equilíbrio, deixando cair a cabaça onde guardava suas ervas mágicas. O vento espalhou a coleção de folhas. Quando *Ọsányìn*, viu acontecimento gritou “*Ewé wá asà*” (“Folhas, venham para quem lhes defende”). As folhas retornaram mas os *oriṣa* conseguiram pegar algumas....

.... Entretanto o esforço dos *oriṣa* de nada adiantou, depois nas mãos deles as folhas perderam a capacidade de curar perderam o *àṣe*. *Ẓàngó*, por fim, entendeu que o poder que *Ọsányìn* tinha sobre as plantas ali foi dado por *Olódúmaré* e ninguém poderia roubar Dele. Por não querer ser mais invejado, *Ọsányìn* resolver Dar aos *oriṣa* algumas folhas, de acordo com a especificidade de cada um. As folhas entretanto, teriam que ser encantadas antes de serem usadas, para que o poder delas fosse acordado. Assim foi criado o ritual das folhas chamado *Ẹsá Ọsányìn* ou *Sàsányìn* – Cerimônia para homenagear *Ọsányìn*, o médico que dá remédio para que a saúde melhore. *Ọsányìn* só não contou a ninguém, naqueles tempos, os segredos da planta *igbó*. *Ọsányìn* ensinou a cada *oriṣa* alguns segredos correspondentes às suas folhas, mas guardou para si o maior de todos eles: tudo o que cura também pode matar, é só uma questão de dosagem. Esse segredo cada *oriṣa* descobriria por

revelação, caso tivesse dedicação, disciplina e, conseqüentemente, merecimento (DE OXÓSSI, 2014, p. 8-9).

Ninguém fazia análises de solo, conhecíamos o solo só pelo olhar. Só de olhar para a terra já sabíamos o que plantar. Conhecíamos a vegetação. Numa terra que dá muita leguminosa nativa, plantava-se feijão; numa terra que dá muita gramínea nativa, plantavam-se milho e arroz. É a linguagem cósmica. É simples. Não é preciso fazer análises de solo porque a terra já diz o que está disposta a oferecer (DOS SANTOS, 2023, p.59).

As comunidades tradicionais que estão mais conectadas com a Floresta obtiveram um conhecimento vindo da mata, acredito que hoje não tem quem ensine melhor. A própria natureza e quem com ela convive em harmonia, sabendo respeitar e aprender de acordo com as suas vivências, nos ensina e isso é etnobotânica, o conhecimento das comunidades tradicionais tem muito saber e um dos maiores ensinamentos que encontramos é o respeito à diversidade de todos os seres vivos, para assim construirmos uma sociedade sadia.

Figura 18 - Trabalho sendo realizado no Ilé Àse Ógiyíán Oluodo



Fonte: Registro pessoal de Robson Facioli.

A diferença que observamos na sociedade como um todo, em algumas pessoas que compõem a sociedade e que estão conectadas a alguma comunidade tradicional, é a visão que possuem sobre a floresta, que é muito mais sensível e ao mesmo tempo saudável, com isso se encontra nesses cidadãos mas saúde, pois encontraram dentro dos elementos da natureza a sua própria cura e não utilizaram dela apenas o recurso inesgotável, e sim, a consideraram como uma entidade que proporciona benefício a todo o ser vivo, ensinando o respeito e o cuidado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ancestralidade do Candomblé e sua sabedoria sobre o reino vegetal, assim como a maneira que utilizam as ervas e aplicam seus saberes nos rituais, está relacionado à cosmovisão e o sincretismo que foi transmitido por seus ancestrais através da oralidade. Com a oportunidade que tivemos de acessar um diálogo a respeito da comunidade candomblecista, observou-se outros pontos essenciais a serem frisados e, partir disso, então, foi construída a estrutura dessa dissertação.

Trouxemos a relevância deste trabalho considerando a precariedade de continuidade sobre os estudos etnobotânicos no Candomblé, assim como a forma diversa que este estudo pode apresentar. Pontuar sobre a cosmovisão da cultura de Matriz Africana para a sociobiodiversidade, assim como suas vivências, nos permite compreender como se dá a construção social de um candomblecista dentro de sua naturalidade, assim como se porta em relação à natureza e seu entorno, fazendo um paralelo com os desafios que enfrentam diante da sociedade que apresenta um racismo religioso estrutural tão latente. Na mesma linha de raciocínio buscamos, então, investigar maneiras de ação de combate ao racismo estrutural e à intolerância religiosa através da educação e da cultura, trazendo a luz da narrativa dos protagonistas de Matriz Africana e suas ações de base diante das temáticas elaboradas.

A manutenção da floresta viva, dos nossos biomas preservados permite que o ser humano se volte à sua essência, compreendendo que o respeito ao desconhecido é uma possibilidade de abertura para um novo conhecimento, e não uma ameaça, e que a etnobotânica é capaz de nos aproximar desta linguagem. Assim, a diversidade e os saberes da comunidade de Matriz Africana possuem sua potência, se trata de um presente ao se oportunizar, ser um aprendiz da vida e da medicina ancestral e, com isso, fluímos para o conhecimento sobre a força das plantas dentro da ritualística, sua simbologia e cosmologia, adentrando essas camadas para acessar a linguagem etnobotânica dessa comunidade tradicional ancestral.

A política do embranquecimento implica diretamente na construção de uma cidadania doente, o cenário que temos são cidadãos inconscientes e racistas, e o racismo religioso vem trazendo consequências irreversíveis, é de extrema urgência olharmos para essa realidade e encontrarmos ações de combate ao racismo que sejam mais efetivas.

Esse processo de encontrar também dentro da trajetória dos afrodescendentes a cultura de Matriz Africana nos traz o caminho da compreensão do que os negros passaram dentro

dessa continuidade do racismo religioso e a perseguição que vivenciam, logo, falar sobre cultura, utilizar da ferramenta cultural para acessar e levar conhecimento à diversas camadas da sociedade é uma questão de utilidade pública, de reconstrução da memória viva da cultura de Matriz Africana, trabalhando de maneira oposta à colonização e ao apagamento cultural que a comunidade vem passando.

A cultura, a poesia, a arte, a dança e a música têm sido ferramentas para despertar a sensibilidade da nossa sociedade para com o nosso próximo, uma ferramenta de unificação, levar a cultura para o espaço educacional só traz benefício para todos, pois é nesse espaço que um indivíduo está formando também o seu caráter e está aprendendo a se comunicar e a socializar com os demais. Precisamos construir um sistema educacional que permita tratar os temas necessários para assim diminuir essa herança da ideologia eurocêntrica, que foi semeada no inconsciente coletivo. É um retrocesso para a educação a falta de liberdade para tratar da diversidade cultural de gênero, racial e étnica, religiosa e política.

Ter um sistema voltado apenas para a economia, não considerando as particularidades e as especificidades de cada povo, faz com que observemos um sistema político que não valoriza as políticas públicas, e não tem como a prioridade o sistema educacional, não traz aos órgãos e às instituições de educação a assistência necessária de permanência das categorias que são minorias, especialmente dentro dos espaços educacionais. Narrar a trajetória dos afrodescendentes e trazer o protagonismo histórico para dentro do modelo básico de educação de maneira mais profunda, seria uma reparação histórica e também uma autoafirmação de identidade para muitos indivíduos que estarão naquele período aprendendo e formando o seu caráter como ser e desenvolvendo a capacidade de se comunicar e conviver em sociedade.

A proposta de se ter um espaço dentro do ensino básico de educação para trazer a história ancestral da cultura do Candomblé é uma reparação histórica, mas a educação é um veículo de transformação a sua utilização se dá em benefício de todas as minorias que convivem em sociedade e ainda passam por muito preconceito, por isso faz-se necessária a união de todas as ferramentas de ação que possibilitem que esse sistema de opressão decline e com isso juntamente será consolidada uma educação de fato transformadora para a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, U. P.; ALMEIDA, CFCBR; MARINS, JFA. *Tópicos em conservação etnobotânica e etnofarmacológica de plantas medicinais e mágicas*. Recife: NUPEEA, 2005.
- BARROS, Ana Angélica Monteiro de; AZEVEDO, Vitor Amorim Moreira de. *Iyá Mi Oxorongá: olhares sagrado do feminino no*
- BERSANI, Humberto. Racismo estrutural e o direito à educação. *Educação em Perspectiva*, Viçosa, MG, v. 8, n. 3, p. 380–397, 2017. DOI: 10.22294/eduper/ppge/ufv.v8i3.892.
- BRASIL. *Revista Extraprensa*, v. 11, n. 2, p. 175-196, 2018.
- BRASIL. Lei nº 10. 639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm Acesso em: 21 out. 2023.
- CANDOMBLÉ. Ethnoscintia: *Revista Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia*, v. 6, n.2, p. 137, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufpa.br/index.php/ethnoscintia/article/view/10369/pdf396_layout_Finalissimo_001. Acesso em: 26 abr. 2021.
- CARNEY, Judith. *Navegando contra a corrente: o papel dos escravos e da flora africana na botânica do período colonial*. África, n. 22-23, p. 25-47, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/74569>. Acesso em: 26 abr. 2021.
- CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez; p. 95, 1991.
- CONCEIÇÃO, Sueli Santos; TEVIZAN, Salvador Dal Pozzo. ETNODESENVOLVIMENTO LOCAL: UMA ESTRATÉGIA PARA A SUSTENTABILIDADE DAS COMUNIDADES DE TERREIROS DE CANDOMBLÉ. *Gaia Scientia - Edição Especial: Cultura, Sociedade & ambiente*. V.10 (1) :145 – 151, 2016.
- DE BARROS, Ana Angélica Monteiro; DE AZEVEDO, Vitor Amorim Moreira. IYÁ MI OXORONGÁ: OLHARES SAGRADOS DO FEMININO NO CANDOMBLÉ. *Ethnoscintia-Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology*, v. 6, n. 2, p. 113-137, 2021.
- DE OXÓSSI, Stella; PEIXOTO, Graziela Domini. *O que as folhas cantam:(para quem canta folha)*. Secretaria de Políticas Culturais, 2014.
- DOS SANTOS, Antônio Bispo. Somos da terra. *Cicatrizes da escravização*, v. 29075, p. 22, 2018.
- DOS SANTOS, Antônio Bispo. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu, p. 122, 2023.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, v. 2, 2011.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Ângela Maria da Silva. *Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro-africana: Terreiros, Quilombos, Quintais da Grande BH*. 2009. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MPBB-8DVGBM/1/tese_pronta.pdf. Acesso em: 20 jun. 2021.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p.1807

KILEUY, Odé; OXAGUIÃ, Vera de. *O candomblé bem explicado: Nações Bantu, Iorubá e Fon*. Pallas Editora, 2015. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/o-candomble-bem-explicado-george-mauricio-pdf-free.html>. Acesso em: 23 jun. 2021

MOTA, Clarice Santos; TRAD, Leny Alves Bomfim. A gente vive pra cuidar da população: estratégias de cuidado e sentidos para a saúde, doença e cura em terreiros de candomblé. *Saúde e Sociedade*, v. 20, p. 325-337, 2011.

NASCIMENTO, Solange Aparecida da; ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Cosmogonia africana: a resistência das religiões africanas na contemporaneidade. *Escritas: Revista do Curso de História de Araguaína*, v. 8, n. 1, p. 88-106, 2016. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/2463/8843>. Acesso em: 26 abr. 2021

OLIVEIRA, Orlando José Ribeiro de. *O mercado das folhas na pedra: produção e circulação de plantas rituais/medicinais na feira de São Joaquim, Salvador (BA)*. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/23813>. Acesso em: 23 jun. 2021

PAULILO, Maria Angela Silveira. A pesquisa qualitativa e a história de vida. *Serviço social em revista*, v. 2, n. 2, p. 135-148, 1999.

RIVAS NETO, Francisco *et al.* Ervas nas religiões afro-brasileiras. *Revista Triplo V de Artes, Religiões e Ciências*, v. 28, p. 1-18, 2012. Disponível em: <https://www.ufpb.br/nepbf/contents/documentos/artigos/fitoterapia/revista-triplov-de-artes-religioes-e-ciencias-ervas-nas-religioes-afro-brasileiras.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2021